

MARCIO LUIZ CARRERI

**UTOPIA NO FRONT:  
História e Filosofia em Oswald de Andrade 1945-1954**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Concentração: História e Sociedade).

*Orientador:* **Prof. Dr. Sérgio Augusto Queiroz Norte.**

Assis  
2003

MARCIO LUIZ CARRERI

**UTOPIA NO FRONT:  
História e Filosofia em Oswald de Andrade 1945-1954.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Concentração: História e Sociedade).

Data da Aprovação: 23 de setembro de 2003.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sérgio Augusto Queiroz Norte – UNESP-Assis.

Prof. Dr. Gabriel Giannattasio - UEL.

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida – UEL.

## Agradecimentos

Este é um trabalho coletivo, e como tal, é necessário que façamos os devidos agradecimentos:

À Fátima, companheira de todas as horas, cúmplice de minhas falhas, parceira nos bons momentos, noutros também.

Aos meus filhos Carlo e Duda que, mesmo inconscientes, encorajaram-me, com seus sinceros abraços e sorrisos.

À CAPES pela pequena ajuda financeira.

Ao professor Sérgio, que em nenhum momento se enfureceu com meu estilo, ensinando que uma relação acadêmica precisa ser séria, mas solidária, e não necessariamente ranzinza.

À UNESP de Assis como um todo - biblioteca, cantina e corredores - importante espaço de debate e reflexão. Ao professor Hélio, pelo incentivo no início. Aos professores Antonio Celso e Milton, pela força na qualificação e outras conversas. Também ao Áureo pela amizade.

Aos camaradas Ivano, Eduardo, Celma, Alessandro, Fátima, Luciana, Patrícia, Maurício, Bodão, Edivaldo, Junior da Letras e ao povo bom do tempo de nossa passagem pela UNESP.

Ao professor Jozimar, amigo sereno e solidário.

À UEL, em especial sua biblioteca, em extensão seus funcionários Mauro e Dirce, companheiros que me ajudaram na coleta de artigos e livros que somam nessa investigação.

À UNICAMP, Centro Oswald de Andrade, Carmem em especial, pela gentil colaboração.

À minha mãe, que vive em mim.

Sempre a Utopia levantando o braço sedento de Justiça contra as feições absolutistas da Divindade ou a sua pesada indiferença.

**Oswald de Andrade, A Marcha das Utopias.**

O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos – o amor onde ganha, a morte onde perde. Por isso inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o circo e, enfim, o cinema.

**Oswald de Andrade, A Crise da Filosofia Messiânica.**

CARRERI, Marcio Luiz. **Utopia no front: História e Filosofia em Oswald de Andrade**. Assis, 2003. 135 p. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista.

## RESUMO

Este trabalho dissertativo tem como objetivo apresentar e discutir as contribuições no campo da História e da Filosofia empreendidas pelo escritor Oswald de Andrade (1890-1954), nos anos de 1945 a 1954, período este da fase madura do autor. Para tanto, utilizaremos como fontes teses que Oswald produziu, bem como suas contribuições jornalísticas, romances e memórias. Passaremos pela fortuna crítica, bem como artigos e livros sobre o romancista e sua obra. Situaremos o mesmo como ator político, como homem do seu tempo e escritor preocupado em tomar partido dos assuntos do Brasil, tendo a utopia como elemento perene em sua biografia e bibliografia.

Palavras-chave:

Oswald de Andrade; Brasil; utopia; história e literatura; filosofia.

CARRERI, Marcio Luiz. **Utopia in the front: History and Philosophy in Oswald de Andrade**. Assis, 2003. 135 p. Dissertation (MA in History) Faculdade de Ciências e Letras, Campus of Assis, Universidade Estadual Paulista.

**ABSTRACT:**

This dissertation has as objective to present and to argue the contributions in the field of History and Philosophy undertaken by the writer Oswald de Andrade (1890-1954), in the years of 1945 the 1954, period of his mature phase. For that, we will use as sources the philosophical essays that Oswald produced, as well his journalistic contributions, romances and memories. We will deal with the criticism on his works, as well the articles and books on the novelist and his workmanship. We will point out his political role, as a man of his time and a writer worried about the brazilian problems and focusing utopia as a everlasting issue in his biography and bibliography.

**KEYWORDS:**

Oswald de Andrade; Brazil; utopia; history and literature; philosophy.

## SUMÁRIO

### **Considerações iniciais**09

História e Literatura: limites e desvios10

### **Capítulo 1: Oswald abaporu**

A revolução caraíba40

A técnica e o ócio 43

O formulador de postulados53

O humor oswaldiano61

Oswald libertário64

### **Capítulo 2: Serafim na lida: leitura e ação na conjuntura.**

Personalidade e obra70

Olhar de Oswald sobre a cena política 71

O papel social dos *homens sem profissão*83

### **Capítulo 3: História e Filosofia em Oswald de Andrade.**

Oswald e a História 89

O tempo histórico93

Oswald filósofo 98

Antropofagia oswaldiana: o signo da devoração104

O primitivismo de Oswald 106

A crítica ao Brasil 112

A utopia antropofágica114

A crítica ao messianismo do materialismo histórico: um chute no totem117

### **Considerações finais: O front oswaldiano da utopia**119

Fontes e Referências Bibliográficas123



### Considerações iniciais

É a poesia que nos protege contra a automatização, contra a ferrugem que ameaça nossa formulação do amor e do ódio, da revolta e da reconciliação, da fé e da negação...

Roman Jakobson, Questões de Poética.

A literatura como um caminho para a compreensão da história, de uma história particular, no caso de um literato, para uma das buscas de representação de um tempo. A figura plural de Oswald de Andrade é a nossa pista nesse processo de trabalho historiográfico. Uma mensagem poética, que congrega idéias e teoria simultaneamente, que nos fornece indícios para uma aproximação de uma compreensão histórica.

A presença do literato nas diversas análises históricas, críticas literárias e biografias, que buscaremos apresentar, sugere curiosidade e perturbação, tanto para um leitor comum ou para o profissional da História. A proposta central da pesquisa é a de apresentar ensaios e teses de Oswald de Andrade, produzidas entre 1945 e 1954, recorte que vai do início do processo de redemocratização do Brasil no pós-guerra até a morte do escritor.

Qual seria a contribuição de análise do *locus* de estudo da retomada de Oswald de Andrade e que espécie de relação que sugere convívio pode ser empreendida entre o historiador e o objeto? Pensando nestas questões nos envolvemos com o trabalho de pesquisa. Apresentaremos a seguir uma reflexão sobre a relação entre história e literatura, para, em seguida, apresentar a metodologia e a perspectiva teórica como caminho a percorrer, e, finalmente, adentrarmos no nosso objeto.

O trabalho busca situar o escritor no seu tempo relacionando-o às suas idéias, defendidas em teses e escritos esparsos, mas não é de crítica literária ou análise estética, também não se prenderá ao aspecto biográfico do escritor.

### **História e literatura – limites e desvios.**

Sou historiador e não filósofo, não me sinto obrigado a afirmar minha ‘posição’. A meu ver, o historiador, tal como o romancista, trabalha melhor quando suas premissas são em grande parte subliminares, embora seja importante que eles tenham premissas interessantes...

Richard Morse, A volta de McLuhanaíma...

A ciência, de um modo geral, na transição dos séculos XX para o XXI, vem sendo colocada contra a parede, no que se refere à crise de cientificidade. No particular caso do ofício do historiador o cenário não se apresenta de outra forma. Essa dita crise precipitou em oferecer ao profissional da história dos nossos tempos, trabalhos com novas perspectivas, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Colocando-nos na situação de pesquisar uma personalidade/tema advindo da literatura, no caso as idéias de Oswald de Andrade, sentimo-nos localizados em meio a esse processo em questão. Na oportunidade da pesquisa vivenciamos uma miríade de reflexões com divergentes posições estabelecidas no debate historiográfico sobre a utilização de obras literárias como fonte de produção historiográfica e da interrelação da história com o fazer literário. No núcleo desse debate, como dissemos, está o que se convencionou descrever como a *crise dos grandes*

*modelos e dos paradigmas*, que acabou por produzir um campo próprio de discurso historiográfico chamado *história cultural* (CARDOSO JR, 2001:13).

Esse bloco de texto discute o caráter epistemológico do ofício do historiador e o problema que se coloca é o pensar dos historiadores sobre as tremendas dificuldades em situar no seu tempo uma produção desgarrada das convenções, de um outro tempo diferente do seu próprio, com pressupostos poéticos não lógicos e produzir uma historicidade de uma fonte leve, tergiversadora e de verso livre. Muitos historiadores ou mesmo os que se ocupam com os estudos da literatura questionam e se questionam sobre o problema. Carvalho (2000:185-192) o expressou dessa forma:

Uma das grandes questões deste final de século (e início de) tanto para historiadores como para teóricos da literatura está quanto à validade das fronteiras permissíveis entre os discursos. O “uso e abuso” por parte do ficcionista é visto por boa parte dos historiadores atuais como uma das ferramentas fundamentais no tratamento com o passado. Porém, na formação dos discursos cada qual continua tendo reservado o seu lugar discricionário.

Os escritos literários embora procurem, de certa maneira, legitimação dos seus pares, pode ser produzido de uma forma que despreze as garras de convenções, por isso a utilização dos termos “leve e livre”. As obras dos profissionais da História, também podem ser entendidas como tergiversadoras, mas a literatura pode assumir esse compromisso, as anteriores para possuírem estatuto de legitimação carecem de uma apresentação de fundamentação, o que a escrita literária não se preocupa fundamentalmente e não assume enquanto tal, não sendo seu dever de ofício. A escrita literária se aloja na exata dimensão do imaginário, não sendo necessariamente o real concreto. O poeta, o literato não depende necessariamente da vontade de terceiros na feitura de seu trabalho, como disse Haroldo de

Campos (2002): *Enquanto clandestino franco-atirador, o poeta pode dedicar-se às coisas mais radicais, subversivas da norma*. Ou ainda nas palavras de Paulo Leminski, em *Ensaio e Anseios Crípticos* (1997): *a arte do texto não é uma dependência do comércio de espelhos*.

O *processo eterno da literatura*, como pensou Borges (1987), pressupõe para a produção literária um aspecto não datado e aparentemente sem compromisso com a historicidade; diferentemente da disciplina histórica, que se legitima utilizando-se de métodos científicos, com periodização estabelecida e justificada. Ponto pacífico entre pesquisadores de História que, mesmo possuindo domínio sobre diversos instrumentos, quais sejam de metodologia, pesquisa, teoria e narrativa, não tem o historiador nem a ciência histórica garantia de apreensão do real, nem o método empírico se solidifica no confronto com o realmente acontecido, no choque que o jogo das verdades e possibilidades provoca. Segundo Burke (1992:337) *cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz “o que realmente aconteceu”, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular*.

Pretende-se, nesse esforço, com o olhar de historiador e firmando referência em diversos autores, dispor eventuais problemas que a escolha da pesquisa por parte do historiador possa vir a trazer, como também apontar possíveis escapes dessa rude rede da tradição historiográfica que nos tenta, de alguma ou diversificada forma, impor, uma menção de um sentido justificador das normas e formas.

O presente texto não pretende um breve balanço sobre história e literatura, mas uma instância de diálogo. Diálogo necessário devido ao caráter das fontes utilizadas, quais sejam obras literárias, muito embora as obras utilizadas em nossa pesquisa, são de teses de um literato.

O pensar a história vinculado à literatura, ou indo mais fundo, a produção historiográfica utilizando-se de narrativas de representações *sobre o acontecido*, não poderia se aproximar da produção literária tida como fantástica, imaginativa e inventiva, doravante legitimados pelos estatutos conferidos à ciência histórica?

### **A relação textual da história com a literatura.**

Se Nietzsche rompera com o paradigma iluminista<sup>0</sup>, com o racionalismo cartesiano e com o cientificismo do seu tempo, não lutaremos contra a relação que se estabelece da literatura com a história, mas temos que atentar para as armadilhas. Bakhtin advertiu que a literatura não pode ser incluída na unidade objetiva do conhecimento, podendo ser definida pelo filósofo da linguagem como *revelações errantes* (1988:14).

O historiador não necessariamente problematiza a estética e crítica - terrenos estranhos de demarcação própria - mas atua no campo das práticas e representações sociais, devendo considerar as variações dos tempos e lugares da produção literária<sup>0</sup>.

A literatura não é um enunciado de si mesmo ou produto perdido no tempo e no espaço, como algo que se explica e justifica-se por si só; ela carrega, de forma objetiva, transparente, dissimulada ou representada, elementos do autor - interior e exterior - e de seu

---

<sup>0</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão, refundou as teses da ciência, da filosofia e da razão. O conhecimento verdadeiro patenteado pela ciência foi substituído com Nietzsche pela dúvida e interpretação.

<sup>0</sup> Muitos historiadores fazem uso de textos literários como simples alegoria, objetivando uma espécie de adorno aos seus trabalhos científicos, através de linguagem de aforismos. O debate a respeito dessa relação e no estabelecimento de fronteiras, vai aparecer, de forma mais aprofundada, em artigos temáticos de revistas especializadas.

grupo social. Nesse particular, a pesquisa sobre as idéias de Oswald de Andrade, necessariamente precisa apontar e fazer a crítica ao período vivido pelo escritor.

A literatura, compreendida por Nicolau Sevcenko (1985: 20), *é um produto artístico destinado a agradar e comover, mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes*. Desta maneira, os textos literários são portadores de um discurso que possui ou busca legitimação, dotados de representação, que esta ou outra relação possa ser estabelecida, no caminho não lógico da escrita até o leitor; sendo plenamente possível perceber, interpretar e escriturar a dimensão histórica intrínseca em cada texto literário.

A perspectiva social é e está inserida em partes na obra literária. E ela será demonstrada, de uma forma particular, toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças sociais fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos. Num período bastante marcado pelas discussões e lutas do nacionalismo, depois retomado com o Modernismo, Machado de Assis, em *Instinto da Nacionalidade*, pensou sobre isso: *O que se deve exigir do escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço*.

Fábio Lucas, ao estudar o caráter social da literatura, demonstra que os personagens, apesar de retirados da imaginação do escritor, possuem uma certa dimensão social, muito embora seu olhar seja focado na especificidade da literatura brasileira. Sua análise é bastante pertinente, para ele...

(...) há personagens, grupos e classes retratados na ficção, cuja vida, bem ou mal lograda, numa ordem épica ou trágica, se torna cabalmente representativa da situação histórica que a determina: os conflitos subjacentes à trama social aí aparecem nitidamente, quer sob um aspecto positivo, construidor, quer sob um aspecto negativo, de posição crítica e condenadora da ordem considerada injusta. O ético e o político se juntam para a fixação de um caráter. (1970:50).

O crítico Wilson Martins (1999:28) também expôs sua opinião sobre o assunto, para ele *como quer que seja, nem a literatura é apenas um produto da sociedade, nem a sociedade está ausente das fontes da criação literária*. As obras literárias sentem, elaboram e expressam seus momentos do presente tanto do autor, como da sua relação social. A leitura de Foucault - especificamente em *O Que é Um Autor?* (1992) - estabelece possibilidades e fornece instrumentos de crítica à defesa de uma rígida estrutura que a teoria literária consagrou de tempos em tempos nas literaturas, bem como seus cânones, escolas, vanguardas e categorias literárias.

### **Os fatores de diferenciação existente na relação história/literatura no ofício do historiador.**

Se literatura pode ser entendida como a capacidade de produção de obras de ficção que representam as formas do imaginário do escritor e os textos literários obedecem a estrutura das narrativas, contos, epopéias, tragédias e comédias; no escopo historiográfico o trabalho deve seguir uma temporalidade, espacialidade e contextualidade, além de uma estrutura textual que forneça sentido ao emaranhado dos fatos através dos documentos

estudados. Fator de diferenciação entre ambos são as fontes e a forma de se trabalhá-las, a narrativa que dará forma de história às fontes, está relacionada à capacidade de investigação, interpretação, crítica e criação narrativa do historiador.

Essa operação que fornece imaginação ao texto, Paul Veyne (1971) entendeu como *narrativa verídica* ou mesmo *romance verdadeiro*, dando solidez ao argumento da história do passado como ficção do presente e harmonizando o entrecruzamento da história com a literatura, nos permitindo interrogar sobre a dimensão entre estória e história. A opção do historiador é ponto decisivo, pois *o lugar que se dá à técnica coloca a história do lado da literatura ou da ciência* (DE CERTEAU, 2000:78).

História como sendo uma *mescla de ciência e arte* (WHITE, 1992), cliva uma demarcação de difícil precisão; o terreno da fonte entre a literatura e a história sugere problemas e processa diálogos. O fazer histórico se apropria dos textos literários e os trabalha como realmente são – históricos – portanto, indubitavelmente passíveis de historicização; buscando uma possível e não limitadora dimensão histórica em cada um deles.

Roger Chartier (2000:216) relaciona argumentos que possam vir a ser instrumentos no sentido de se compreender uma possível conceituação de historicização. Para ele, o historiador deve:

(...) identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e das transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto (procurando) considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e dos discursos ou práticas do mundo social (...)



Na obra *O que é um autor?* Michel Foucault instituiu a “*função autor*” ao discurso literário, dando historicidade a ele, e fornecendo elementos de suas reflexões que nos auxiliam a pensar a trama histórica utilizando instrumentos disponibilizados pela própria ciência:

(...) perguntar-se-á a qualquer texto de poesia ou de ficção de onde é que veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projecto. O sentido que lhe conferirmos, o estatuto ou o valor que lhe reconhecermos dependem da forma como respondermos a estas questões. (1992:49).

Alguns historiadores pensam que a literatura joga com a história de forma acrítica ou por vezes problematizante. Lembramos um dos aforismos de Jorge Luís Borges para acentuar complicações nesse campo: “*Acho que é um erro estudar a literatura historicamente, mesmo que isso seja inevitável para todos nós*” (1987:109). Na perspectiva de Borges, não o agradava ver a literatura servindo de fonte para historiadores, mas é inevitável e esse é o problema do historiador, notadamente os que estudam a obra literária, a necessidade de pensar a produção humana em diversas épocas; a literatura sendo uma garbosa fonte, deve ser bem acolhida.

Ferreira (1996:13) não visualiza problemas nesta paisagem. Ele compreende o discurso histórico como gênero literário e defende que os opostos entendem uma divisão arbitrária entre realidade e ficção, entre arte e ciência. O texto em destaque abaixo, da obra de Peter Gay (1990:171), aponta na direção do estilo que ambas empregam:

As técnicas estilísticas, empregadas pelos historiadores para expor suas verdades, apresentam uma semelhança notável com as técnicas empregadas por romancistas e poetas para expor suas ficções...A citadíssima observação de Aristóteles de que a poesia é mais verdadeira do que a história encontrou muitas repercussões...

Para relatar *o que realmente aconteceu* num tempo, forma e lugar passados, Hayden White irá dizer que o historiador utiliza-se de um *...ato poético, na medida em que é constitutivo da estrutura cuja imagem será subseqüentemente formada no modelo verbal oferecido pelo historiador como representação e explicação....* (1987:45)

Michel de Certeau expressou dessa maneira sua compreensão sobre a ciência que analisa o passado a partir do presente: *A frágil e necessária fronteira entre um objeto passado e uma práxis presente se movimenta, desde que, ao postulado fictício de um dado a compreender, se substitua o exame de uma operação sempre afetada por determinismos e sempre a retomar, sempre dependente do lugar onde se efetua numa sociedade e, não obstante, especificada por um problema, métodos e uma função próprios.* (2000:48)

Vinculado às novas abordagens nos novos espaços da História, o labor daquele historiador que valoriza as noções de *representações*, que centra suas análises nos *níveis de discursividade*, considerando as *epistemes*, para Ciro Flamarion Cardoso demonstra um trabalho distinto de um caráter científico, objetivo e racional. Por conseguinte, na visão de Cardoso, seria recomendável: *abandonar o analítico, o estrutural, a macroanálise, a explicação – ilusões cientificistas – em favor da hermenêutica, da micro-história, da valorização das interações intencionalmente dirigidas, da concepção da história como sendo narrativa e literária.* (1997:17)

Resquício do surrado positivismo característico da escola metódica e não negado por completo por um certo materialismo histórico, o caráter de cientificidade de nossa

disciplina ainda é posto em trincheira, mas se pudéssemos olhar para os idos tempos, nas origens, iremos visualizar a nossa boa, velha e afável literatura tomado conta e dando regaço ao nosso antigo ofício. A recontagem de lendas, das narrativas épicas da antigüidade clássica atribuídas à Homero, são expressões poéticas consideradas genealógicas da História<sup>0</sup> que, passando sob uma leitura diacrônica pelos grandes acontecimentos, chegaremos à época de ouro da história como ciência do século XIX, perpassando a crítica instituída pelo materialismo histórico e a interdisciplinaridade do grupo dos *Annales*, culminando na história cultural de nossos dias.

Essa relação íntima da história com a literatura, algo não fora do comum no nosso tempo, não seria uma homenagem à mitologia criadora do nosso ofício, uma volta às origens da narrativa literária?

### **Tempo de incertezas.**

Não sei o que quero e, quando descobrir, não preciso mais. Acho que quero entender. Quando escrevo, vou descobrindo, aprendendo. É um exercício de aprendizagem da vida.

Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*.

---

<sup>0</sup> Em uma analogia da história brasileira com a história geral, a primeira teve sua origem ligada a uma produção literária. A considerada primeira obra escrita da história brasileira, a Carta de Pero Vaz, quando este caminhava por um pequeno trecho desse litoral, na sua primeira menção de “salvar” a nossa gente, é o primeiro documento da história brasileira. A primeira realização literária “realmente” brasileira é *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, obra fortemente inspirada em *Os Lusíadas*, de Camões.

Vivemos num indubitável turbilhão bibliográfico, onde se disponibilizam infinitas leituras sob uma extensa rede de fontes, formas e meios, possibilitando intensos entrecruzamento de olhares. Neste cenário, deve-se permitir o desencadeamento de um processo de integração entre propostas, formas e termos, tanto no ofício do historiador como no fazer literário, ou ainda em lugares de interpretações, como a filosofia e a antropologia, ainda que cada qual mantenha seu lugar discricionário no campo dos discursos.

O trabalho do pesquisador da História, ao mesmo tempo que ficou facilitado pelo acesso menos complicado aos textos e documentos e à multiplicidade de fontes<sup>0</sup>, por outro lado se tornou mais especializado na medida da crítica a esta gama de informações e a responsabilidade no processo de crítica, seleção e reagrupamento para utilização dessas informações.

Por sua vez, os deslocamentos de espaço e tempo, as comunicações virtuais e as reais<sup>0</sup>, as crises de paradigmas, a subjetividade própria do nosso tempo e as perversidades atribuídas à globalização e ao neoliberalismo são elementos reflexivos muito presentes na produção historiográfica contemporânea.

*Escrever deveria ser uma maneira de descobrir alguma coisa, não de provar o que já se sabe*, afirmou Magnus Enzensberger (1990:29). Por sua vez esse refletir se faz vivo na intimidade da pessoa do historiador, que assim como o literato, com o seu ato de escrever, busca porventura uma forma de mediação com o mundo exterior.

---

<sup>0</sup> A multiplicidade de fontes no atual momento da pesquisa historiográfica está diretamente relacionada às organizações de arquivos de documentação, muito em função do crescimento de pós-graduação em História a partir da década de 1970, tendo seu início em 1838, com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Em 1854 Varnhagen publica História Geral do Brasil), passando pela fundação da USP na década de 1930.

<sup>0</sup> Referimos como virtual as comunicações entre especialistas via rede mundial e como reais os encontros científicos e demais eventos que o pesquisador venha a participar.

Os limites epistemológicos estabelecidos pela história podem funcionar como elemento de distinção, como *corpus* metodológicos que atuam como auxiliares na função do historiador, qual seja a de não desaguar na mera ficção, mas fundamentalmente tratá-la como uma dimensão do homem, sendo datada, contextualizada, problematizada, enfim, historicizada.

Foucault, na linha da análise das unidades do discurso que apresenta uma virulenta crítica epistemológica, vai buscar uma antologia de existências, onde *a dimensão do irrepresentável é colocada*. (2000:89). Além de pensarmos uma história de múltiplos olhares, pode-se *pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas* (SEVCENKO, 1985:21).

A literatura acena no sentido de uma dimensão do utópico. Na relação de aproximação entre Foucault e os libertários, ambos “(...) *propõem um outro olhar e buscam novos procedimentos na escrita da história (...) aberta no campo da linguagem para perceber e incorporar diferentes categorias sociais, sexuais e étnicas, capazes de captar a atividade humana e conferir-lhe múltiplos sentidos*” (RAGO, 2000:96).

Durante o século 20, a história se distanciou da literatura e dos *múltiplos sentidos da atividade humana*, devido aos empurrões da cientificidade e dos conceitos operados pelo marxismo. David Harlan observou o recontato nesses termos:

(...) após uma ausência de cem anos, a literatura volta à história, montando seu circo de metáfora e alegoria, interpretação e aporia, traço e signo, exigindo que os historiadores aceitem sua presença zombeteira bem no coração daquilo que, insistiam eles, consistia sua disciplina própria, autônoma e verdadeiramente científica. (In: BENATTI, 2000:87).

*A dúvida edipiana do quem sou eu?* - menção feita por Roland Barthes (1970:29), chegou à historiografia com suas novas abordagens, pois há um tempo maior se apoderou dos produtores dela. A crise existencial não atinge a história nem a literatura, pois a partir da enfermidade que se busca a cura. Para Rocha *não se pode falar em declínio, nem sequer de crise (a não ser talvez de crise de crescimento!); quando muito, deve-se acentuar esta re-orientação das perspectivas mais marcantes* (1982:8), e também e ao mesmo modo, como nos lembrou Oswald de Andrade (1991:63), *da podridão as sereias anunciarão as searas*. Ambas, literatura e história, continuam vivendo como antes, porém revigoradas nesse novo tempo, tempo de incertezas produzido pelas múltiplas verdades e dúvidas oriundas daquelas.

### **O objeto.**

Fecundo prosador paulistano da primeira metade do século vinte, o escritor, poeta, jornalista, dramaturgo, contista, ensaísta, ativista cultural, conferencista, crítico de arte, fundador, diretor e colaborador de periódicos; o também capitalista, fazendeiro, especulador imobiliário, bacharel em Direito, livre-docente e político Oswald de Andrade (1890-1954) foi um produtor de história, não apenas na medida do *homo historicus*, mas nas inquietantes formulações sobre a história do Brasil. Oswald nasce junto com o início da República na então provinciana capital de São Paulo, falece na mesma São Paulo, no ano do suicídio de Vargas, um dos mais polêmicos políticos da história do Brasil, do qual foi crítico mordaz, a partir do seu front, sua máquina de escrever.

O *homo literatus* fazendo vezes do *homo historicus*. O conjunto da criação de Oswald de Andrade tem uma relação de proximidade com a história do Brasil e parte também das suas tentativas de interpretação dessa história. Manifesto da Poesia Pau-Brasil, Marco Zero (neste caso a cidade de São Paulo), A Arcádia e a Inconfidência, Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial, O Achado de Vespúcio bem como o próprio Manifesto Antropófago se configuram como demonstrações inequívocas de afirmação desse itinerário, que trataremos pormenorizadamente, quando o assunto exige, no transcorrer desse nosso trabalho.

Oswald da elite, bem nascido. Oswald militante do PC. Oswald da maturidade. De autodefinição *burguês bem jantado* (ANDRADE, 1971:88), intelectual da aristocracia cafeeira, ou pequeno-burguês (como queriam seus desafetos do partido) que, como ele próprio expressou-se: *tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx*<sup>0</sup>. Oswald vanguardista, lírico, notívago, afamado e antropófago idealista.

O agora Oswald historiador, filósofo e libertário; díspar e antagônico operador de linguagem, de variada e vasta obra, é o nosso personagem.

Ocorre atualmente no nosso campo de análise, a historiografia, um renascimento das biografias. Nota-se que esse renascer, como o próprio nome parece indicar, não é uma simples volta das histórias de vida de forma parcial, passional, legitimadora, edificadora ou consagradora de mitos; no estágio atual os trabalhos, de um modo geral, procuram fazer da biografia um produto de crítica, dando um sentido historicizante, no intento de situar o biografado no jogo da conjuntura, não somente o contrário, o que daria ao biografado uma representação de importância histórica porventura maior que o mesmo de fato havia

---

<sup>0</sup> Serafim Ponte Grande, p. 10. Esta passagem refere-se a uma descrição da primeira viagem de Oswald à Europa, em 1912. Primeira menção que fazemos à imbricação homem/obra do escritor.

possuído, ou o oposto, também no caso. Estudar uma vida particularizada e a partir disso entender as diversidades de implicações foi o que buscaram os historiadores ingleses Christopher Hill e Edward Thompson, ao estudarem Cromwell e Blake<sup>0</sup>. Em todo o caso, é necessário, como lembrou Giovanni Levi, citado por Ricci (2001:28-29):

(...) reavaliar os usos que fazemos das biografias. O estudo de uma vida nunca é total e não traduz linearmente o real nem nos aproxima por si só das pessoas e seus atos passados. A biografia não é um método, mas um estilo narrativo, e, assim, era preciso fugir da ilusão biográfica.

Entendendo Oswald de Andrade como *um escritor, não o escritor*<sup>0</sup>, o projeto não é realizar uma biografia de Oswald de Andrade, contudo passaremos por ela, no sentido de perseguirmos pistas de sua compreensão do mundo.

Perscrutando sobre as biografias do escritor, chegamos a um número relativamente pequeno de estudos publicados. Maria Augusta Fonseca biografou o escritor em: *Oswald de Andrade 1890-1954 – Biografia*. Obra editada conjuntamente pela Art Editora e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo no ano de 1990<sup>0</sup>. Maria Augusta pesquisou a vida de Oswald durante mais de uma década, fornecendo-nos seguramente um resultado bastante apurado, sendo sua obra a principal biografia do escritor.

Maria de Lourdes Eleutério produziu uma espécie de biografia das obras de Oswald. Trabalhou em *Oswald: Itinerário de um Homem sem Profissão* a relação vida/obra do

---

<sup>0</sup> Christopher Hill, *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; Edward P. Thompson, *Witness against the beast. William Blake and the moral law*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993; idem, *William Morris: romantic to revolutionary*. Nova York: Pantheon, 1977. As citações são de Ricci e estão nas Notas do seu livro, *Assombrações de uma Padre Regente*, p. 34.

<sup>0</sup> A frase é de FABRIS, Annateresa, em: *Portinari, pintor social*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990:26. Segundo Fabris, a dimensão crítica no estudo virá com o enquadramento do autor nos marcos históricos.

<sup>0</sup> Para o nosso período de pesquisa, consultar especialmente as páginas 245 a 283.



autor. A autora analisou como o meio e o processo sócio-político acabam por influenciar a pessoa de Oswald e como sua obra tem uma íntima relação com sua vida (o que a autora chamou de *a escritura enquanto vida/a vida enquanto escritura*); a obra de Eleutério também se traduz em um importante ensaio para pensarmos a relação da história com a literatura, como também do literato e a história produzida.

Carla Caruso, no livro *Oswald de Andrade*, utilizando como base a obra de Maria Augusta Fonseca, também biografou Oswald de Andrade, no entanto sua obra possui uma perspectiva específica de se voltar para o público infanto-juvenil, possuindo uma linguagem mais facilitada, enfatizando o aspecto estético da obra de Oswald nas suas diversas fases. O texto é entrecortado por reproduções de desenhos e pinturas de Oswald, com ilustrações da própria autora.

Antonio Celso Ferreira, em *Um Eldorado Errante*, dialoga com a fortuna crítica, mas transporta Oswald para o campo de debate da História, analisando a série *Marco Zero* de Oswald à luz das idéias do seu tempo e representações delas.

As biografias de Oswald de Andrade serão fornecedoras de auxílio à nossa pesquisa no que se refere à associação dos caminhos teóricos do autor com o seu momento vivido, pelo fato de fazermos uma interpretação de sua leitura do Brasil e do mundo, dimensionando o alcance da tese de *Wittgenstein*, que afirma que não nos é possível dizer algo acerca do mundo como um todo, de tal modo que o que pode ser dito tem que ser apenas sobre partes limitadas dele. Conforme interpretação de Armando Mora D'Oliveira (1999:9), estudioso da obra do pensador austríaco:

Haveria um paralelismo completo entre o mundo dos fatos reais e as estruturas da linguagem. Nesse sentido, ou seja, na medida em que uma proposição é uma figuração da realidade, deve haver nela tantos elementos a serem distinguidos quantos os que existem no estado de coisas afigurado; deve haver uma mesma multiplicidade lógica ou matemática entre a figuração e aquilo que é afigurado. Dessa forma, define-se como forma de representação aquilo que existe de comum entre a figuração e o afigurado, e a possibilidade de que as coisas no mundo estejam relacionadas, como o estão os elementos da figuração, é denominada forma da realidade. Desse modo, uma vez que são figurações, as sentenças possuem a mesma forma da realidade que afiguram.

Interessa-nos em Oswald sua *weltanschauung*<sup>0</sup> *antropofágica*, ou o seu conjunto de idéias; visões oriundas de um homem de mente perspicaz e inquieta dotada de incoerência e contradição, que localizamos na leitura de sua biografia articulada com a sua bibliografia, qual seja no jornalismo, prosa, poesia, teatro, correspondência, entrevistas, manifestos, teses, memórias e confissões.

Testemunha (*engagée*) de transições históricas para o nosso tempo, como o período entre e o pós-guerra, o arranjo de textos do autor que tivemos contato demonstrou que Oswald foi um homem que nunca deixou de ser antropófago e ao mesmo tempo sempre possuiu um sentimento religioso, que abandonou a militância comunista, contudo jamais negou a utopia.

---

<sup>0</sup> Termo alemão empregado primeiramente por Immanuel Kant (1724-1804), utilizado por outros pensadores e apropriado por Oswald em suas teses, principalmente em *A Crise da Filosofia Messiânica*. A expressão possui como significado de uma relação que se possa estabelecer com o conjunto de idéias a respeito de algo, alguém e o mundo; ou ainda uma apreensão do mundo e suas idéias através dos sentidos. Há que se ter claro que uma visão de mundo pressupõe limitações, de diversa ordem, qual seja sua formação, situação sócio-econômica e pertencimento a um grupo social.

### **Aspectos teóricos envolvidos na pesquisa.**

A análise centra-se no método de leitura de suas teses para alcançar pontos de idéias que arregimentadas, sistematizadas e apresentadas na linguagem do nosso campo fornecerão elementos para que possamos buscar uma compreensão acerca da visão de mundo alcançada por Oswald de Andrade. A pesquisa parte de um roteiro que permitirá um passeio pelo seu auto-retrato<sup>0</sup>.

Perceber nos *flashes*, fragmentos de Oswald de Andrade e estabelecer uma contribuição para a compreensão de seu pensamento, são os principais desafios da pesquisa. Deve-se ter claro que historicizar a produção de Oswald de Andrade é uma tarefa um tanto quanto complexa, porém não menos necessária. A profundidade de suas teses neste momento motiva estudos e ainda continua a espera de novas incursões, principalmente no que diz respeito ao conceito de Matriarcado, que antecipa discussões de grupo social que elabora a partir disso, no caso os movimentos reivindicatórios ligados às mulheres.

Pode ser percebido nas propriedades intelectuais e no conjunto do pensamento de Oswald o estabelecimento de processos e idéias diacrônicas, mas não padronizadas<sup>0</sup>. Características não comuns para os historiadores, acostumados com o domínio das operações e técnicas de estudo do espaço/tempo de forma muitas vezes seqüencial.

---

<sup>0</sup> As considerações pessoais e passionais de Oswald de Andrade marcam sua obra, tanto no que se refere ao romanesco como suas teses, nosso principal material de estudo. O diálogo que mantivemos com nossas fontes produziu esse material que ora passa pelo olhar do leitor e indica fundamentalmente que nossas inquietações do passado não se resolveram com o finalizar do trabalho, multiplicaram-se.

<sup>0</sup> Reproduzimos parte relevante da descrição feita por Torrieri Guimarães para o prefácio de *O Processo*, de Franz Kafka, quando aquele descreveu este autor como *um ser que se fragmenta em cada uma de suas obras, e que na ânsia de compreender o mundo e ser por ele compreendido repartiu-se em pedaços pelos seus livros (Martin Claret, 2001:13)*; demonstraremos no decorrer do trabalho que Oswald, leitor de Kafka, guarda característica similar de personalidade com o escritor tcheco, neste particular aspecto.

O método pensado para a pesquisa é o que prevê a possibilidade de redução da escala de observação, um olhar atento sobre uma parte do todo da obra de Oswald de Andrade. Partindo do gênero documental, qual seja as obras do escritor; passando pelo gênero descritivo na análise dessas obras, chegaremos ao gênero narrativo, nosso formato de apresentação do texto. Heterogêneo, o trabalho também permitirá incursões por outros processos de compreensão de pesquisa. O trabalho possui elementos característicos de métodos vinculados à micro-história de inspiração ginzburguiana e leviniana, no que tange uma abordagem analítica centrada em um tema específico, onde a teoria não é dissociada do concreto, apresentando convergência não limitadora da longa duração e rupturas, dado também a um importante valor ao empirismo e trabalho com as fontes. Conforme posição de Giovanni Levi (1992:136): *A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.* A busca da parte visando um todo intelegível é percebido na análise microscópica como busca e revelação de elementos relevantes não observados em outras pesquisas e não percebidos por olhares mais gerais. Como afirmou Ginsburg, *o singular e o geral implicam-se necessariamente.* Busca-se com a aplicação dessa metodologia, a partir do micro discutir o macro; são veredas, marcas, pegadas de compreensão que o estudo permite a respeito de um todo, ou ainda nas palavras do historiador italiano: *ver o oceano numa gota de água*<sup>0</sup>.

---

<sup>0</sup> Folha de São Paulo – Mais, 01/09/2002.

A pesquisa possui elementos de inserção, por um lado, no campo da história cultural, no espaço específico da proposição epistemológica que confere ao conhecimento histórico, análises das idéias que constituem seu objeto.

Por outro lado, é uma pesquisa que possui estreitos vínculos com a nova história política, dando importância às leituras do pensamento foucaultiano (no que tange aos elementos de sua concepção que agregam valor e sentido próprios às formas de discursividade, o papel da vanguarda, o conceito de autoria e a descontinuidade da história); tomando contato com a filosofia de inspiração libertária de normas não rígidas e estabelecidas *a priori*; com pé e coração na literatura e na sua relação com a história (esta conexão vai perpassar todo o corpo do trabalho, sendo esta a principal instrumentalização da pesquisa), assunto, aliás, que abordamos no início dessa introdução.

Pode ser percebido finalmente como um trabalho de intertextualidade, onde signos aparentemente divergentes como da história, literatura, filosofia, sociologia, antropologia e crítica processam interseção, e não necessariamente apresenta conclusão definitiva. É um trabalho sem uma face ortodoxa, talvez como Oswald de Andrade, que transita e inventa diálogos com os diversos campos, utilizando seus instrumentos de expressão e linguagens comuns, próximas ou relativamente distantes. Percebe-se facilmente que, nesse empreitada, não se tenha privilegiado um método ou teoria, não se aplicando à risca um método teórico que pudesse fornecer um feixe de possibilidades de se percorrer o pensamento de Oswald de Andrade, mas a pesquisa faz seu rumo também nas brechas das teorias e métodos.

### **Fragmentos do pensar oswaldiano**

No ano de 1945 José Oswald de Souza Andrade se desliga, de forma definitiva, do Partido Comunista, onde emprestou atuação intelectual e política por quase quinze, expressão sua, *demorados anos*<sup>0</sup>. A sua produção a partir do rompimento, relação que se convencionou nomear no campo dos estudos literários como o tempo de retorno às suas teses da Antropofagia da década dos vinte, é a problemática de nossa pesquisa<sup>0</sup>, como havíamos destacado no início desta introdução.

Oswald pensou o seu tempo de forma bastante intensa e particular, e tratou de influenciá-lo com sua linguagem responsabilmente descompromissada em vasta produção, seja através dos seus escritos para os grandes jornais<sup>0</sup> ou imprensa alternativa<sup>0</sup>, seja na sua obra literária, manifestos, na dramaturgia e memórias.

Antonio Candido (1977:75) definiu dessa maneira o autor:

---

<sup>0</sup> Sobre seu tempo de comunismo, Oswald assim referiu em 1950: *eu sofria quinze demorados anos de militância idealista, no seio confuso e hostil do comunismo brasileiro*. (1976:102). O perfil irrequieto de Oswald não realizava casamento com o dogmatismo do comunismo. Jorge Amado, em suas memórias (1992:135), lembra que não se surpreendeu quando Oswald abandonou o partido: *Oswald não era homem para suportar a disciplina partidária, as tenazes do centralismo democrático, forma de sujeição fêrrea, absoluta*.

<sup>0</sup> Embora as emanções de lugar e tempo sejam matéria do historiador, não estabeleceremos correntes rígidas no percurso de nossa pesquisa, onde o caminho seguro no nosso campo pode também apresentar esparrelas.

<sup>0</sup> Oswald teve uma intensa atividade jornalística. Iniciou no *Diário Popular* (1909 a 1911) passando pelo *Jornal do Comércio* (1916 a 1922 e posteriormente de 1926 a 1927); atuou em *A Gazeta* (1918); passou pelo *Correio Paulistano* (1921 a 1924) todos de São Paulo e *Jornal Meio Dia* do Rio de Janeiro (1939); *Diário de São Paulo* (1943-1944); *Folha de São Paulo* (1949 a 1950) e *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro (1944 a 1954). Vera Chalmers organizou uma antologia da produção jornalística de Oswald de Andrade e assinou a introdução do 10º volume das Obras Completas da Civilização Brasileira, de título *Telefonema*, contribuição importante para nossa pesquisa, principalmente no capítulo 2, onde trataremos da relação Oswald/Vargas.

<sup>0</sup> Fundou o periódico *O Pirralho* em 1911 e *Papel e Tinta* em 1920. Colaborador da revista *Verde* em 1927 e um dos fundadores da Revista da Antropofagia em 1928. Funda *O Homem do Povo* com a jornalista e tradutora Patrícia Galvão, a Pagu, em 1931; em 1935 escreve para *A Platéia* e em 1937 para a revista *Problemas*, além de outras contribuições para os periódicos e pasquins do seu período.

Ele era tão complexo e contraditório, que a única maneira de traçar o seu contorno é tentar simplificações mais ou menos arbitrárias. Como explicar, de fato, a coexistência permanente, dentro dele, de um bom e um mau escritor? De um passadista e um anunciador do futuro? De um discernimento infalível e áreas da mais completa opacidade? Mas destes choques e outros muitos é o que se formava o homem singular, às vezes quase ilhado no seu tempo.

Oswald fecha-se para balanço em 1945, sorumbático em relação aos rumos do socialismo realmente existente e com a filial brasileira, a “linha justa” do stalinismo russo<sup>0</sup>, repensando sua trajetória política, pessoal e intelectual. De *casaca de ferro na Revolução Proletária*<sup>0</sup>, volta a se declarar anarquista por defenestrar rótulos, dogmas e conceitos pré-concebidos.

Da desvairada urbe paulistana ao sentimento nostálgico produzido pelo cosmopolitismo de Paris, considerado por Oswald como *umbigo do mundo*<sup>0</sup>, o escritor se via naquele momento, anterior a 22, período de desfrute da oligarquia cafeeira, onde o elitismo literário apontava a cidade francesa como capital do mundo, Oswald assim se referia:

---

<sup>0</sup> Sobre o rompimento de Oswald com o Partido Comunista ver contexto no capítulo 2.

<sup>0</sup> Serafim Ponte Grande, página 12.

<sup>0</sup> “Santo de casa não faz milagres”. Esta expressão popular faz um tremendo sentido para Oswald de Andrade. O nosso poeta de “olhos livres” enxergou melhor o Brasil do lado de lá do Atlântico e passou a ser enxergado também a partir do contato com as vanguardas do além mar. Segundo Paulo Prado (1978:67), prefaciador da *Poesia Pau-Brasil*, Oswald conheceu o Brasil a partir de Paris: *A poesia pau-brasil é o ovo de Colombo – esse ovo, como dizia um inventor meu amigo, em que ninguém acreditava e acabou enriquecendo o genovês. Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy – umbigo do mundo – descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. A volta à pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas, a revelação surpreendente de que o Brasil existia. Esse fato, de que alguns já desconfiavam, abriu seus olhos a visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e misterioso...*

Os alfandegários de Santos  
examinaram minhas malas  
Minhas roupas  
Mas se esqueceram de ver  
Que eu trazia no coração  
Uma saudade feliz  
De Paris.<sup>0</sup>

O jovem poeta Oswald de Andrade, no período anterior à Revolução de 1930 e seu ingresso no PC, fora membro do PRP, partido que congregava a elite agrária paulista. Segundo Miceli (1979) Oswald foi o líder estético do Partido Republicano Paulista.

Geraldo Ferraz, secretário da Revista da Antropofagia afirma, numa entrevista a Boaventura (1985:206-211): *No livro de poemas encontram-se poemas dedicados a Washington Luís (presidente do Estado e da República), poemas com o nome de Júlio Prestes, que era seu amigo* (ambos expressões do PRP).

De fato, Washington Luís, presidente deposto pela Revolução Liberal, fora amigo e compadre de Oswald de Andrade. Suas relações se estreitaram, afirmou o próprio Oswald, quando da fundação d'*O Pirralho*, quando Washington fora o principal mecenas. Na sua coluna *Telefonema*, Oswald escreveu:

Prefeito de São Paulo, Washington Luís ligou-se, pro meu intermédio, ao poeta Emílio de Menezes, que o visitava freqüentemente. Nele havia, além do político, o historiador. E, como poucos homens públicos, tinha fácil o convívio intelectual. De modo que foi sob as suas vistas presidenciais que se organizou o Modernismo e se fez a Semana de 22, sendo o próprio órgão oficial, o Correio Paulistano, o jornal dos revolucionários da literatura...

---

<sup>0</sup> ANDRADE, Oswald de. *Contrabando*. In: *Poesias Reunidas de O. de Andrade*, p. 88-9.



Aí começaram Menotti Del Picchia, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Oswald Costa e Hermes Lima. Mário de Andrade e eu tivemos aí nossa fortaleza.<sup>0</sup>

Ainda ouvindo os ecos de 1917, Oswald, como tantos outros intelectuais de sua geração, adere ao Partido Comunista, como contraponto ao liberalismo norte-americano. O autor, juntamente com Guilherme de Almeida, de *Mon Coeur Balance e Leur Âme* (1916), engajado, porém autônomo, entra para a luta comunista após a crise advinda com o craque de 1929 que arruinou seus lucros. Sua decisão de filiação ao Partido configurava um choque, devido à sua imagem de *dândi* europeu, comum às elites da *belle époque*:

Eu empobreço de repente  
 Tu enriqueces por minha causa  
 Ele azula para o sertão  
 Nós entramos em concordata  
 Vós protestais por preferência  
 Eles escafedem a massa...  
 Oxalá que eu tivesse sabido que esse verbo era irregular.<sup>0</sup>

Quinze anos depois, passa a pensar o mundo de forma diversa do materialismo, na fase reflexiva revigora a Antropofagia de duas décadas, abraça sua última esposa<sup>0</sup>, se recolhe em quietude aos escritos de suas teses e memórias. Esvai-se num sentimento que pode ser interpretado como de derrota.

---

<sup>0</sup> Oswald de Andrade: *Washington Luís*. 24/09/1947. UNICAMP/CEDAE/IEL/Fundo Oswald de Andrade.

<sup>0</sup> *Verbo Crackar*. In Memórias Sentimentais de João Miramar (1999:97-98).

<sup>0</sup> Oswald de Andrade, no último período de sua vida, deixa de ser boêmio e confessa amor eterno à sua última esposa Maria Antonieta d'Alkimin. Reafirma suas convicções religiosas voltadas ao catolicismo, tenta uma revalorização e reconhecimento com as teses e concursos para a Universidade, tenta estabelecer um status de maioridade para sua obra (*Um Homem sem Profissão*, pp. 21), mas não abandona, como afirmamos, a utopia, no ressurgir da antropofagia. Sobre a derradeira fase da vida do escritor, consultar livro recentemente publicado "*Maria Antonieta d'Alkimin e Oswald de Andrade: Marco Zero*", editado pela Edusp/Imprensa Oficial de São Paulo/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, organizado por Marília de Andrade e Ézio

Chove chuva choverando  
Que a cidade de meu bem  
Está-se toda se lavando...  
Senhor  
Que eu não fique nunca  
Como esse velho inglês  
Aí do lado  
Que dorme numa cadeira  
À espera de visitas que não vêm<sup>0</sup>

A constatação da derrota pessoal de Oswald de Andrade no final de sua vida não é nova, é recorrente na historiografia e biografia do literato. Oswald se via em ruínas com a crise da década de 1930, pois vivia de rendas dos fartos aluguéis e do lucro do café, nessa época em baixa; abandonou o Partido Comunista sem um reconhecimento das suas próprias fileiras, de camaradas à cúpula; não morreu consagrado de crítica e de público como queria e lutou (O filho de Oswald, Rudá de Andrade, referiu-se, numa carta a Candido, à mágoa que Oswald possuía devido à falta de reconhecimento da crítica e do público). Sobre esse período, o autor se expôs:

---

Macedo Ribeiro. O livro fornece ao público as memórias de Maria Antonieta, textos de estudiosos e próximos de Oswald de Andrade, além de cartas, bilhetes e dedicatórias do escritor.

<sup>0</sup> *Soidão*. In Poesias Reunidas O. de Andrade, página 109. Apesar do poema em questão ser anterior a esse momento de Oswald que estamos pesquisando (o mesmo compõe *O Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*, publicado em 1927), assumimos os riscos de afirmarmos um anacronismo, que nesse caso coaduna com uma das facetas da personalidade de Oswald, de se achar sempre fora do lugar e do tempo, na relação íntima que apontamos de sua obra com a sua própria biografia. Para Sábato Magaldi, em *A Mola Propulsora da Utopia* (1990:8) *o autor mistura deliberadamente os tempos e utiliza o anacronismo como elemento de liberdade criadora*. Segundo Martins (Idem, 245): *Oswald de Andrade guardava seus originais por longo tempo (pois redigia penosamente, conforme se pode ver nos papéis que deixou), publicando-os sem qualquer obediência à ordem de elaboração...*

Quando, depois de uma fase brilhante em que realizei os salões do modernismo e mantive contato com a Paris de Cocteau e de Picasso, quando num só dia da débâcle do café, em 29, perdi tudo – **os que se sentavam à minha mesa iniciaram uma tenaz campanha de desmoralização contra meus dias**. Fecharam então num cochicho beijudo o diz-que-diz que havia de isolar minha perseguida pobreza nas prisões e nas fugas. Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira que dera o Pau-Brasil e a prosa renovada de 22<sup>0</sup> (nosso destaque).

Importante capital de um escritor, o reconhecimento - tanto da crítica quanto do público – o literato conseguiu postumamente, na década de 1960 as idéias de Oswald voltam à tona no movimento tropicalista e sua peça, O Rei da Vela, é encenada pelo Teatro Oficina. Oswald buscava esse reconhecimento e lutou muito por isso: levantou tentativas de titulação acadêmica e concursos junto à Universidade de São Paulo; não conseguiu o ingresso na ABL<sup>0</sup>; mesmo na Academia Paulista de Letras, apesar da contribuição inegável de seus estudos, principalmente nos dois volumes de Marco Zero, Oswald não tomou assento; foi derrotado numa tentativa de eleição para deputado por São Paulo e doente agonizava com poucos amigos, desaparecendo e deixando esposa deprimida e filhos em dificuldades financeiras.

---

<sup>0</sup> ANDRADE, O. *Ponta de Lança; polêmica*. 1971:30-1.

<sup>0</sup> Muito embora jamais o tenha pleiteado de forma séria, Oswald sempre se juntou aos críticos daquela instituição, o *five o'clock tea* da Academia definitivamente não o apeteceu. Em *Meu Testamento –1944-* denunciou a *sisudez de uma sessão acadêmica, com suas ratazanas fardadas e a coleção de suas carecas de louça*, simbolicamente destruía o marfim das torres da Academia.

Wilson Martins, estudioso da literatura brasileira vai além, põe em xeque o apregoado revolucionarismo na obra de Oswald de Andrade: *E aí está: a literatura revolucionária de Oswald de Andrade encontrava as suas raízes profundas no ressentimento do antigo moço rico que se viu arruinado pelas maquinações incompreensíveis do “capitalismo”, nome, naturalmente, que cobria tudo, desde as operações infelizes dos pais até às dissipações descontroladas do filho*<sup>0</sup>. (1969:248).

Bastante doente morre em 1954<sup>0</sup>, mesmo ano do suicídio de Getúlio Vargas, mas após sua partida foi constantemente revisitado, seja pela fortuna crítica ou pela crítica da história<sup>0</sup>.

Para pensarmos a perspectiva histórica de Oswald de Andrade é importante observamos não apenas o momento histórico de sua produção nas categorias do espaço e tempo, contextualização, que fornece solidez ao emaranhado da conjuntura, buscando um sentido de relação entre fenômenos, aparentemente autônomos, porém diversos e simultâneos; mas fundamentalmente discorrermos sobre as idéias de mundo que Oswald se via imergido. As leituras oswaldianas sejam de Freud, Sartre, Camus, Montaigne ou Nietzsche, como também o grupo literário que o cercava, dos críticos aos seus pares, são

---

<sup>0</sup> Ocorre por parte de Martins uma precipitação, ao analisar toda obra revolucionária do escritor (teses, teatro, manifestos, artigos e conferências) e associa-la a um ressentimento pessoal. Ora, o período de filiação comunista de Oswald foi seguramente o momento de menor criatividade do escritor, suas teses datam do período posterior à saída do Partido e a Antropofagia enquanto idéia e movimento, ocorre no período imediatamente anterior à sua inscrição nos quadros do Partido Comunista.

<sup>0</sup> Percebendo a conjuntura da ocasião do falecimento de Oswald de Andrade, juntamos alguns fatos provocados com aquele ano de 1954: Além da citada morte de Getúlio Vargas (que Oswald fora ferrenho crítico e depois apoiador), ocorreu a ocasião das grandes festividades de fundação da cidade de São Paulo (cidade que o poeta viveu e morreu); como também o aniversário da deglutição do bispo Sardinha (personagem utilizado por Oswald como marco cronológico inicial para sua tese antropofágica), os dois últimos contando 400 anos.

<sup>0</sup> Múltiplos estudos foram publicados sobre o Modernismo, mas uma de suas principais figuras, Oswald de Andrade, vem apenas recentemente sendo objeto de historiadores e críticos. O Fundo Oswald de Andrade CEDAE/IEL da UNICAMP disponibiliza para consulta e pesquisa um considerável material biográfico e bibliográfico organizado a respeito do autor.

elementos para a nossa aproximação do pensamento oswaldiano, para que possamos compreendê-lo para o trabalho de apresentá-lo.

A tessitura de nossa pesquisa passa por uma leitura da obra de Oswald, perspectivando os seus escritos do período privilegiado, de 1945 a 1954, permeando os críticos literários e os filósofos que o marcaram e influenciaram o seu modo de olhar e pensar a cena mundial e nacional.

Em se tratando da crítica literária, o trabalho não pretende adentrar o caminho do pensar a obra de uma forma ensaística, avaliando o impacto da obra de Oswald de Andrade sobre os diversos temas estéticos ou da historiografia da arte, mas a crítica à obra de Oswald de Andrade deve ser considerada, trata-se de perceber a acolhida de Oswald junto aos seus pares e próximos e assim possibilitar um panorama para o leitor, apresentando uma leitura que forneça elementos constitutivos de uma gama possível de enfoques para uma discussão no campo da história das idéias, onde pensamos a obra de Oswald melhor se firma e possui um caráter relevante, importante para o propósito de nosso esforço.

Entendemos não ser possível, e não o faremos, reconstituição completa que forneça o panorama da história brasileira e mundial nas diversas conjunturas do transcorrer da obra e vida de nosso autor, porém faremos onde necessário as devidas conexões da obra oswaldiana e seu tempo vivido.

Após este texto introdutório, apresentaremos uma reflexão sobre a relação da historiografia com as fontes advindas da literatura, fator de preocupação para este historiador que ora se apresenta como pesquisador que utiliza fontes literárias, ou melhor, teses de um literato.

A apresentação, em forma textual de nossa pesquisa que se intitula *Utopia no front*<sup>0</sup> anuncia o primeiro capítulo “Oswald Abaporu<sup>0</sup> : o patriarca do matriarcado do Pindorama”, remetendo-nos a um presente de Tarsila do Amaral a Oswald e o Matriarcado<sup>0</sup> como sociedade ideal imaginada por ele. Neste espaço apresentaremos uma análise do significado apregoado à vanguarda e o posicionamento da crítica em relação à obra e personalidade de Oswald de Andrade.

No capítulo seguinte denominado *Serafim na lida: leitura e ação na conjuntura*, procederemos uma investigação na contribuição jornalística de Oswald de Andrade (entre 1945 e 1954) no sentido de situar sua leitura sobre as conjunturas do Brasil e do mundo.

No terceiro capítulo vamos nos focar sobre os textos de tese de Oswald, principalmente as obras *A Crise da Filosofia Messiânica* e *A Marcha das Utopias*, mas também sobre outros escritos do autor no período de 1945 a 1954, garimpando no conjunto desses escritos as inclinações no campo da história e da filosofia, a preocupação histórica e filosófica de Oswald de Andrade.

---

<sup>0</sup> Utopia no *front*: História e filosofia em Oswald de Andrade – 1945-54. O título diz respeito à utópica filosofia antropofágica de Oswald, que conforme compreendemos, viveu sempre em Oswald de Andrade. O *front* do título da pesquisa remete a um capítulo da obra *Serafim Ponte Grande* denominado *Serafim no front*, cujo personagem Serafim, seria uma possível autobiografia de Oswald de Andrade e o livro uma de suas principais obras (tanto para ele como para a crítica sua melhor produção). O título por nós empregado diz respeito ao sentimento de sofreguidão conseqüente da reflexão, que Oswald supostamente estava vivendo naquele momento, em uma encruzilhada existencial, num posicionamento filosófico de inquirir sobre o mundo e as idéias.

<sup>0</sup> Abaporu, composição lingüística nativa brasileira do nheengatu tupi (Aba: homem; Poru: que come), que possui o significado literal “homem que come”, daí para a Antropofagia foi um pulo, ou melhor, uma mordida. Abaporu é o nome de uma tela de Tarsila do Amaral, pintada em 1928, uma homenagem presentada ao Oswald antropófago. “Homem que pensa” Tarsila assim descreveu sua obra: *uma figura solitária, monstruosa, pés imensos, sentada numa planície verde, o braço dobrado repousando num joelho, a mão sustentando o peso-pena da cabecinha minúscula. Em frente, um cacto explodindo numa flor absurda* (AMARAL, 1975:249). Tarsila participou da Semana de Arte Moderna de 1922 e foi uma das integrantes do Grupo dos Cinco, constituído em torno do seu ateliê, com Oswald, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Menotti Del Picchia.

<sup>0</sup> Matriarcado é uma crítica oswaldiana ao patriarcado existente em toda sociedade ocidental. Veja que o “não lugar” oswaldiano é um grandioso exercício. Assunto que abordaremos no capítulo 1.

O volume *A Utopia Antropofágica*, das *Obras Completas* da Editora Globo, é a principal fonte de nossa pesquisa. As obras de tese de Oswald de Andrade, da antropofagia às utopias formam a composição do livro. Além das citadas, *A Crise da Filosofia Messiânica* e *A Marcha das Utopias*, o volume apresenta seus manifestos (*Pau-Brasil*, *Antropófago*), os trabalhos de alcance historiográfico (*Descoberta da África*, *A Arcádia* e *a Inconfidência*), como também de defesa do matriarcado (*Variações sobre o Matriarcado* e *Ainda o Matriarcado*).

Ao fim e ao cabo talvez possamos responder o que significou o retornar de Oswald à Antropofagia, inferir finalmente se isso significaria, no limite, um Oswald maduro; quiçá concluirmos se seus escritos acabassem por traduzir um Oswald de Andrade filósofo embevecido pelas causas libertárias.

Apresentamos esse trabalho no sentido que busca a intenção de superarmos a possibilidade de um trabalho diletante sobre Oswald de Andrade. Não prolixo, que ele tenha o mérito de possuir um mínimo de crítica e que se configure como contribuição para a historiografia e a reflexão histórica. Um todo intelegível que dê conta do diálogo com as idéias de Oswald de Andrade, nas suas distintas linguagens e possibilidades.

## Capítulo 1

### Oswald abaporu.

#### A revolução caraíba.

Não espero nada,  
Não temo nada  
Sou livre.  
Lápide tumular de Nikos Kazantzákis.

*O instinto caraíba*, de caráter verdadeiramente revolucionário, do Manifesto Antropófago<sup>0</sup>, entre tantas trilhas oswaldianas, é caminho seguro para o seu Matriarcado. Os textos de tese de Oswald de Andrade processam diálogos entre si, tendo o referido Manifesto como fio condutor, núcleo de várias de suas teses (a tríade Utopia, Matriarcado e Revolução).

A revolução motivada pelo instinto caraíba, para Oswald de Andrade, é a consolidação da busca permanente do mátrio poder. A plena libertação cultural no aspecto comportamental das sociedades no espaço do Ocidente, no que se refere ao eixo matriz do matriarcado, qual seja a propriedade e uso coletivo do solo, o estado sem classes de exploradores e explorados e o filho do direito materno. Para Oswald a revolução Caraíba seria maior que a Francesa e todas as revoluções.

---

<sup>0</sup> O Manifesto Antropófago de 1928 se configura como marco para a compreensão do pensar de Oswald de Andrade: rodeia, medeia e permeia toda sua produção, de forma perene, consolidando-se na sua fase filosófica, a partir de 1945. O anúncio de um novo Matriarcado é o núcleo de sua tese *A Crise da Filosofia Messiânica*.



A idéia oswaldiana no trajeto rumo ao Matriarcado<sup>0</sup> passa por experiências anteriores, quais sejam da crítica a qualquer messianismo e a aceitação do edenismo e do ócio.

Oswald, o patriarca<sup>0</sup> do Matriarcado culmina a sua utopia antropofágica com a necessidade de afirmação da emancipação sexual<sup>0</sup>, sob a forma política do matriarcado, apresentada no Manifesto: *Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.*

A sociedade ideal pleiteada pelo autor de *Análise de Dois Tipos de Ficção* (1941), propõe um repensar do Brasil e mais além, de todo o ocidente. O devorar da família patriarcal, rito sumário, de sua moral e justificação histórica e cristã. Oswald diagnosticou a falência do regime paterno, e na sua extrema unção, o matriarcado como imediato substituto. Oswald utopista, na *Crise da Filosofia Messiânica* (1950) aponta o destino dos homens:

---

<sup>0</sup> Matriarcado, ideal oswaldiano, de forma simplificada seria a sociedade (brasileira e ocidental a princípio, depois o mundial) e suas organizações (empresa, instituições, família, igreja) terem a mulher como autoridade preponderante em substituição ao homem da tradição patriarcal, que a modernidade não deu conta de suplantar.

<sup>0</sup> Dando vazão ao argumento oswaldiano o título não estaria necessariamente correto, visto que Oswald fazia referência à necessidade do poder feminino. A afirmação, neste nosso caso do masculino, é propositado, possui elemento de provocação, algo comum em se tratando de Oswald de Andrade.

<sup>0</sup> No final do romance Serafim Ponte Grande, alter-ego do escritor, ocorre um enalhe em plena Praça da Sé, marco zero da cidade de São Paulo do navio *El Durasno*, culminando numa crítica, de passagem, ao comportamento sexual conservador da civilização: *E reunido um troço de passageiros, recalcitrante, entre os quais alguns recém-casados, desceram todos à sala das máquinas, onde Pinto Calçudo, nu e de boné, fez um último apelo imperativo, 'ante a cópula mole e geométrica dos motores' e energicamente protestou contra 'a coação moral da indumentária' e 'a falta de imaginação dos povos civilizados'.* (1988:156).

No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese, enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sobre a Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico.

O eixo oswaldiano do matriarcado abrange o filho de direito materno, a sociedade sem classes e a propriedade comum do solo. Fruto de uma sociedade sem Estado, portanto sem pai. Em síntese, é o modo de vida caraíba ensinando a moderna sociedade capitalista ocidental, de forma antropofágica como se tornar revolucionária. No dizer do Manifesto, *a transformação do tabu em totem* como resposta à crise existencial shakesperiana da sociedade ocidental: *tupi or not tupi (...)*.

Oswald imprime ao Brasil um novo batismo. O Pindorama dos primeiros habitantes, o Pindorama das palmeiras, como crítica à origem do nome Brasil. Palmeiras no lugar do ibirapitanga mercantilista. Por ser considerado o maior defensor do Matriarcado em nossa literatura, o autor continua merecendo ser descoberto para o devido estudo e reflexão, por parte dos diversos movimentos sociais que discutem o tema. Candido (1993:37) percebe essa sensibilidade em Oswald quando da sua crítica ao autoritarismo patriarcal:

Concluo que havia nele o respeito pela mulher num plano essencial. Daí o fervor com que preconizava a sua liberdade e valorizava o seu papel. Verdadeiro precursor, queria vê-la como eixo da sociedade, remontando para justificar-se a teorias mais ou menos válidas sobre o matriarcado, que lhe serviram como ponto de apoio para condenar o patriarcalismo autoritário e abrir a perspectiva de um estado de coisas onde a preponderância feminina permitiria a igualdade econômica e o fim da violência. Convenhamos que, a ser o Barba Azul da lenda, seria um curioso Barba Azul familiar e feminista (...).

## A técnica e o ócio.

*Devagar já é pressa...*

Guimarães Rosa

A sociologia, muito mais que o campo da História, vem se ocupando, nos nossos dias, com a questão do ócio. O mesmo é tratado, há tempos, desde os antigos teóricos gregos, pela Filosofia. No caso de Oswald, a literatura faz seu arranjo de argumentos no sentido de lhe aguçar os sentidos. Os diversos campos do saber teorizam sobre a problemática do Ócio. O propósito desse texto, em específico, é demonstrar como o escritor se situava sobre essa discussão e a forma que isso ficou demonstrada em seus escritos.

Dentre os escritores brasileiros talvez Oswald seja o que melhor trabalhou o tema<sup>0</sup>. Oswald de Andrade não produz o enquadramento da filosofia do ócio somente como uma etapa para o Matriarcado. A idéia, identificada na *terra brasilis* do retorno ao direito materno e natural, à propriedade comum do solo e ao estado sem classes é apresentada na *Metafísica do Ócio*, presente na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*. Mas, anteriormente, ainda em 1924, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1978:77) o escritor já fazia referência à antienergia criativa brasileira:

É a sábia preguiça solar. A reza. A energia silenciosa. A hospitalidade.

Bárbaros, pitorescos e crédulos. Pau-Brasil. A floresta e a escola. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

---

<sup>0</sup> Diversos literatos brasileiros pensaram sobre a temática do ócio. Machado de Assis, João do Rio pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921) e Mario de Andrade, além de Mario Quintana.

A filosofia de Oswald de Andrade não sustenta um selo de autenticidade<sup>0</sup>. Na verdade, inúmeros pensadores já haviam referido a tese da apologia do ócio, mas não encontramos necessariamente gênese ou paternidade. O próprio Oswald já citava Aristóteles na sua *Crise da Filosofia Messiânica (A Utopia Antropofágica*, pp. 106): na anunciação do futuro, o *homo ludens*<sup>0</sup>:

Sacerdócio quer dizer ócio consagrado aos deuses. O ócio não é esse pecado que farisaicamente se aponta como a mãe de todos os vícios. Ao contrário, Aristóteles atribui o progresso das ciências no Egito ao ócio concedido aos pesquisadores e aos homens de pensamento e de estudo. A palavra ócio em grego é ‘sxolé’, donde se deriva escola. De modo que podemos facilmente distinguir dentro da sociedade antiga os ociosos como os homens que escapavam ao trabalho manual para se dedicarem à especulação e às conquistas do espírito.

---

<sup>0</sup> Em 1947, os irmãos Goodman, Paul e Percival, publicam *Communitas*, onde propõem uma redução radical nas horas de trabalho para ampliar o exercício de liberdade. Oswald leu os Goodman, como Holanda, Lafargue e Sêneca para pensar sobre sua técnica do ócio.

<sup>0</sup> O historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945) publicou em 1938 *Homo Ludens (Homo Ludens – O Jogo como Elemento da Cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996). O homem que brinca, para Huizinga, explica o homem que pensa (*Homo sapiens*) e o homem que trabalha (*Homo faber*). Para ele, as atividades humanas como as ciências, arte e relações sociais são produtos de um jogo: *Já há muitos anos vem crescendo em mim a convicção de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve*, afirmou no prefácio de sua obra. O autor alerta que jogo para ele tem um sentido histórico, não meramente científico. Oswald não demonstrou ter lido Huizinga, talvez não o tenha feito, mas o *Homo ludens* oswaldiano tem lugar na crítica que o antropófago fez do conceito de Trabalho constituído a partir da Modernidade.

Oswald foi além do conflito estabelecido pelo ludismo na ocasião da primeira Revolução Industrial como também do romantismo antimecanicista, de cólera às máquinas e às técnicas dos poetas modernos. O pensamento de Oswald de Andrade foi também inspirado e guarda proximidade com a tese do seu contemporâneo e amigo, historiador Sérgio Buarque de Holanda<sup>0</sup> (1902-1982), do “*homem cordial*”, apresentado na obra *Raízes do Brasil*, de 1936. Como extensão dos países ibéricos católicos, a moderna religião do trabalho não havia chegado aos trópicos. Segundo Holanda (na página 38 da citada obra):

Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. (...) enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antigüidade clássica. O que ente elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.

Segundo Oswald, interpretando Buarque de Holanda, o homem brasileiro ia além da preguiça e indolência, fornecia ao pensamento filosófico um caráter rebelde de indisciplinado, não obediente às normas ditadas pela disciplina do trabalho, esta um produto do capitalismo, da civilização burguesa e da “modernidade”. Modernidade que teria também o papel de aperfeiçoar a técnica que daria ao homem um maior tempo livre. Neste caso, Oswald cita os Estados Unidos, tidos como país imperialista<sup>0</sup>, mas que vai acabar por criar condições para um mundo lúdico:

---

<sup>0</sup> Maiores considerações acerca da proximidade de pensamento entre ambos os escritores serão apresentadas mais à frente, no capítulo 3 de nosso trabalho.

<sup>0</sup> Deve se levar em conta que a idéia parte de um ex-militante comunista no contexto da Guerra Fria, e todas as paixões que isso produzia no meio intelectual da época, daí a importância que consideramos para a tese.

No imenso combate contemporâneo, os Estados Unidos são acusados de dois crimes. A acumulação capitalista – que, numa época avançada como a nossa, é inexplicável -, nas mãos de alguns privilegiados, e o imperialismo, de cujas formas agrestes, na verdade, se despojou. Mas, sem dúvida, é na América que está criado o clima do mundo lúdico e o clima do mundo técnico aberto para o futuro.<sup>0</sup>

Para ele, *o mundo do trabalho, graças à técnica e ao progresso humano, passa os encargos sociais para a máquina e procura realizar na terra o ócio prometido pelas religiões no céu*<sup>0</sup>. O resultado da equação dialética sobre as etapas da civilização, assim se apresenta para Oswald de Andrade:

- Tese: o homem natural.
- Antítese: o homem civilizado
- Síntese: o homem natural tecnificado<sup>0</sup>.

De Montaigne a Rousseau<sup>0</sup> a etapa de apreensão e sensibilização do homem no mundo já havia sido superado. O homem civilizado para Oswald não era um problema, e sim etapa de um inexorável processo, que redundaria na formulação da terceira etapa, contínua e não permanente, do homem natural que não abriria mão das benesses da civilização e da técnica advinda com a modernidade.

---

<sup>0</sup> ANDRADE, O. 1990, p. 145.

<sup>0</sup> Idem, ibidem.

<sup>0</sup> Esse conceito de Oswald foi modificado do “bárbaro tecnificado”, criação do existencialista Hermann Graf Keyserling (1880-1946), filósofo alemão com cujas idéias Oswald se identificava. Keyserling esteve no Brasil em 1929 e foi recebido por Oswald.

<sup>0</sup> Nota-se que Montaigne e Rousseau possuíam na concepção de Oswald pesos relativamente opostos, o Mito do Bom Selvagem, criação roussoniana, desdizia toda uma concepção oswaldiana de Antropofagia. Na sua coluna “Três Linhas e Quatro Verdades”, da Folha de São Paulo de 29/08/1950, formulou o seguinte comparativo:... O ‘homem primitivo’ ressurgiu hoje com a soma de seus direitos e concepções, não na imagem

O sentido da Antropofagia é a dialética que Oswald propusera. Oswald demonstra com sua tese que não se afastara por completo das formulações de Marx na crítica à economia política, quando explanava sobre a fase importante do capitalismo que seria desintegrada com a potencialização da luta de classes. Na matriz oswaldiana, a crise também se situaria no estágio do capitalismo, mas capitalismo em outros termos, com o domínio da técnica.

Possuindo elementos provindos de um hegelianismo, Oswald aplica a dialética na sua compreensão do processo evolutivo da sociedade, da barbárie à modernidade, mas na segunda parte do segundo período observa-se que ele rediscute sua assumida posição, nesse trecho: *A dialética hegeliana elucidada perfeitamente isso. O progresso humano se processa por contradições e não caminha numa reta ascensional* (ANDRADE, 1990:57).

Oswald tecia crítica ao messianismo do materialismo histórico e a perspectiva inexorável do progresso humano. Mas, contraditório, reafirma a carga profética e messiânica em seus próprios pressupostos: *Estamos no verdadeiro limiar da História. Quero dizer com isto que a era da máquina tecnizou de tal maneira o homem em toda a terra que ele pode alcançar, enfim, uma unificação de destino e igualar-se num padrão geral de vida civilizada.* (Idem: 58). A importância da liberdade que o tempo propicia foi exaltada por Michelet. Wilson (1986:20) reproduz carta do historiador francês ao genro sobre a educação do neto:

Preciso transmitir a ele o que meus pais fizeram por mim, dando-me, através de sacrifícios inauditos, liberdade, a liberdade de ter tempo...O trabalhador é escravo ou da vontade alheia ou do destino. Disso escapei, graças ao meu pai e minha mãe.

---

*romântica de Rousseau que produziu uma sociologia de piquenique, mas na sadia visão de Montaigne que soube como ninguém anunciar o canibal.*

É fato, quem trabalha não tem tempo. Não apenas tempo para capitalizar-se, mas sobretudo para refletir sobre o trabalho; quais sejam suas relações, implicações e conseqüências. Mario de Andrade em carta a Manuel Bandeira, em 1931, lançou críticas à sociedade do trabalho e firmou bases para uma possível sociedade edênica do ócio, da fuga à fadiga, do não trabalho. Autor da macunaímica frase *Ai, que preguiça*, Mario vai teorizar sobre a sua Utopia do Ócio:

Uma espécie de filosofia na verdade ideal que guardo desde muito em mim e que pretendia realizar pro fim da vida: criar uma espécie de civilização da paciência e da preguiça, enormemente desprovida de prazeres e de dores, fundamentada no calor e na humildade, num corpo pálido, esgotado pela maleita, completamente sem dia nem noite, espiritualizadíssima, porém, indo lento sobre as águas do grande rio. (citado por LAFETÁ, 1990:40).

O matriarcado culminaria com a fase paradisíaca que é o ócio, elaborou Oswald. Em *Ainda o Matriarcado* (In *Utopia Antropofágica* 1990:218-219), Oswald enxerga a existência, no limiar da modernidade, do que seria a democratização do ócio, revelando o escritor um certo otimismo com a posteridade. Nas palavras do escritor:

O ócio era permitido na seara fácil da selva matriarcal. Mas, desde que o alimento foi disputado, o mais hábil dividiu o mundo em classes e criou a herança. O ócio continuou a ser o maior dos bens. Do “otium cum dignitate” que aristocratizava o senhor romano até a igualitária carteira de identidade do presente, progredimos muito. Já hoje, o ócio é regulamentado e através das leis sociais, dos estádios gigantescos, da televisão e do rádio e também do turismo a prestações – folgados bens atingem as camadas mais desfavorecidas da sociedade. Há uma democratização do ócio, como uma democratização da cultura.



O fim da dicotomia entre trabalho e lazer encontra em Jeremy Rifkin, autor de *O Fim do Trabalho*, um dos seus defensores. Domenico De Masi (2000:84) assim descreveu o pensamento do teórico, fazendo menção à solidariedade utópica:

(...) também ele, como eu, pensa que o trabalho de tipo tradicional continuará a diminuir cada vez mais e que, portanto, teremos sempre mais tempo livre. Rifkin elabora a hipótese de que o uso do tempo se dará sobretudo através de ocupações voluntárias: a sociedade do tempo livre estará, diz ele, empenhada em atividades que não mais produzam riqueza, mas solidariedade. Não utopia, mas asseveração.

Em *O Manifesto Antropófago*, Oswald anuncia os *preguiçosos no mapa-múndi do Brasil*. Oswald interpreta o resultado da Guerra Holandesa, que trataremos no capítulo 3, como o ócio vencendo o negócio, representado pelos holandeses. Em *Marcha das Utopias*<sup>0</sup>, o poeta vai descrever uma visão, uma forma idílica de colonização:

Na Guerra Holandesa vencia, evidentemente, uma compreensão lúdica e amável da vida, em face de um conceito utilitário e comerciante. O Brasil compusera-se de raças matriarcais que não estavam distantes das concepções libertárias de Platão e dos sonhos de Morus e de Campanella. Era o ócio em face do negócio. O ócio vencia a áspera e longa conquista flamenga, baseada no primeiro lucro e na ascensão inicial da burguesia. O Deus bíblico, cioso, branco e exclusivista era batido, no seu culto, reformado pela severidade e pelo arbítrio, por uma massa órfica, híbrida e mulata a quem a roupeta jesuítica dera as procissões fetichistas, as litânicas doces como o açúcar pernambucano e os milagres prometidos.

O resultado da Guerra do Açúcar seria para Oswald a consagração da Utopia do Ócio, a materialização do projeto humanitário de sociedade, a idealização do sentimento

---

nobre do homem comum vencendo a batalha contra o capitalismo inumano e cruel, ainda que isso seja preparado como alimento para a utopia, a utopia oswaldiana.

Oswald esquematiza o conteúdo de *A Crise da Filosofia Messiânica* em treze pontos, que são o resumo do conteúdo de sua tese, que buscamos compreender e explicamos, ponto a ponto, abaixo das citações:

1º) Que o mundo se divide na sua longa História em: Matriarcado e Patriarcado.

O autor aqui divide a História humana em dois pólos, dois momentos fundamentais: o primitivo e o civilizado. Ousado, prepara o terreno para a aplicação de sua tese, que vai acabar por combinar, dialeticamente, esses dois elementos, produzindo a síntese de sua reflexão.

2º) Que correspondendo a esses hemisférios antagônicos existem: uma cultura antropofágica e uma cultura messiânica.

O segundo item corrobora com o primeiro. Observe que a Antropofagia, que motivou o seu Manifesto, estava presente, para ele, no limiar da história da humanidade, onde o homem aprendeu digerindo a experiência do outro. O civilizado, dialeticamente, somaria sua técnica moderna ao modo de vida primitiva, formando a síntese para a sociedade do futuro.

3º) Que esta, dialeticamente, está sendo substituída pela primeira, como síntese ou 3º termo, acrescentada das conquistas técnicas.

Para Oswald de Andrade, a técnica sofisticada acabaria por precipitar a sua dialética, na transformação da cultura messiânica na futura cultura antropofágica.

4º) Que um novo Matriarcado se anuncia com suas formas de expressão e realidade social, que são: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo e o Estado sem classes, ou a ausência do Estado.

Esses elementos combinariam no Matriarcado, que seria o produto desta nova Era para o Homem e para a Mulher. A própria humanidade se encarregaria, a despeito de Deus, de produzir o Éden, um outro Éden.

5º) Que a fase atual do progresso humano renuncia o que Aristóteles procurava exprimir dizendo que, quando os fusos trabalhassem sozinhos, desapareceria o escravo.

A atual sociedade industrial capitalista estaria em condições técnicas, no pensamento de Oswald, de produzir uma sociedade mais igualitária.

6º) Que, sob o aspecto dissimulado ou não da secularidade, a filosofia comprometida com Deus nunca deixou de ser messiânica.

Da escolástica à filosofia cartesiana, a menção trata dos problemas da relação entre fé e razão - é a questão levantada por Oswald. A crítica ao messianismo vai do campo da filosofia política para as de ordem teológico-filosóficas.

7º) Que a URSS exprime um pequeno anseio da grande revolução do parentesco que se realiza com a advento do novo Matriarcado. A sua revolução se concentra numa ênfase - a do setor da propriedade.

Oswald vai dizer que o socialismo real soviético acaba emprestando, apesar de seus problemas, um elemento importante para o futuro da sociedade matriarcal, qual seja o estabelecimento da propriedade coletiva contra a propriedade privada.

8º) Que, ao lado disso, a URSS, levada pela mística da ação, perdeu o impulso dialético de seu movimento, enquistando-se numa dogmática obreirista que lembra, em síntese, a Reforma e a Contra-Reforma.

A teoria marxista previa, no fim das contas, a supressão do Estado burguês, mas a URSS cristalizava o Estado totalitário do Partido Único.

9º) Que isso exprime o último refúgio da Filosofia messiânica, trazida do Céu para a terra.

A crítica aqui é ao messianismo determinista do regime comunista.

10º) Que, face à concepção histórico-coletivista de Marx, o Existencialismo exprime um momento alto da Subjetividade, aquele em que o indivíduo se historializa como consciência e como drama. No Patriarcado.

O existencialismo, na visão de Oswald, empresta subjetividade individual à objetividade comunista do marxismo. O indivíduo, sugere Oswald, utilizaria dos instrumentos do Existencialismo para a prática do marxismo. Veja que Oswald não nega o marxismo, como já demonstramos, mas reafirma-o em suas teses.

11º) Que só a restauração tecnizada duma cultura antropofágica resolveria os problemas atuais do homem e da Filosofia.

Antropofagia como síntese, como solução para a atualidade e a Filosofia humanas, propõe Oswald.

12º) Que A Revolução dos Gerentes, de James Burnham, lembrando a gerontocracia da tribo, oferece o melhor esquema para uma sociedade controlada que suprima pouco a pouco o Estado, a propriedade privada e a família indissolúvel, ou seja, as formas essenciais do Patriarcado.

Oswald sugere o livro de Burnham como um guia, um manual para a suplantação do atual estágio da humanidade e a realização da sociedade utópica, mediante táticas para a superação do Patriarcado. A idéia é que um ancião, como na sociedade primitiva, se encarregaria de gerenciar grupos sociais, numa situação na qual os meios de produção estão sob o controle e propriedade do Estado.

13º) Que o homem, como o vírus, o gen, a parcela mínima da vida, se realiza numa duplicidade antagônica – benéfica, maléfica -, que traz em si o seu caráter conflitual com o mundo.

Oswald defende neste espaço a sua dialética hegeliana, que não abandonou na conversão às reflexões filosóficas; supera a visão maniqueísta quando analisa o homem: *Enfim, de contradições vivemos nós*, afirmava.

A Crise da Filosofia Messiânica, obra marcadamente de reflexão por parte de Oswald de Andrade, leva bastante em conta a utopia, tão comum no final da década de 1920. Filosofia combinada com Utopia, resultando na Antropofagia. A escrita solta e densa (VELOSO, 1997:246) do Manifesto de 1928, volta à tona, recrudescida em espantosa erudição nas páginas d'*A Crise da Filosofia Messiânica*.

**O formulador de postulados.**

Iconoclasta, *a figura mais característica e dinâmica*, segundo Mario de Andrade (s/d:237), no ambiente paulistano do Modernismo<sup>0</sup>, o reconhecimento que o antropófago pretendia em vida ocorreu, como afirmamos, após seu desaparecimento. A crítica<sup>0</sup>, antes severa com suas obras, acaba por recuperar Oswald de Andrade para o público, no *post-mortem*, nas suas republicações. *Memórias Sentimentais de João Miramar*, por exemplo, lançado em 1924 foi relançado somente em 1964, dez anos após sua morte (muito graças aos ensaios de revalorização de Antonio Candido, Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari). A partir das *Obras Completas*, primeiro pela Civilização Brasileira na década de 1970 e depois pela Editora Globo em 1990, através de prefácios tardios. O conjunto de críticas favorável contribuiu de sobremaneira para a recuperação da figura do escritor.

No texto *Miramar na Mira* (1999:6) para o livro *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Haroldo de Campos registrou: *Realmente, nem sempre se tem lembrado de referir esta obra divisora-de-águas quando se traça a evolução de nossa prosa moderna (...) O criador do Miramar, na sua combatividade característica denunciava ... essa campanha sistemática de silêncio (...).*

Pignatari, poeta e crítico literário, foi um dos prefaciadores de *Um Homem Sem Profissão – Sob as Ordens de Mamãe*, com o texto *Tempo: Invenção e Inversão* (1990:9), entre outras afirmou: *A mente-de-invenção oswaldiana instaurou a contradição em lugar da contrariedade na crítica das artes e da cultura brasileiras. Defendeu a arte brasileira e repudiou a arte nacional...*

---

<sup>54</sup>os no assunto. Coutinho, baseando-se nos estudos de Tristão de Ataíde e Peregrino Junior, além de interpretadores como Wilson Martins e Sérgio Buarque de Holanda, relaciona os diversos grupos e correntes do Modernismo e demonstra um detalhamento dos diversos movimentos literários regionais surgidos a partir dele.

<sup>0</sup> Preocupamos fundamentalmente em apresentar a fortuna crítica de Oswald de Andrade no aspecto particular de análise que enfoca principalmente as perspectivas histórica e sociológica da obra e não uma postura de crítica que parte somente para a análise de estilo ou tão somente de linhagem gramatical.

Sábato Magaldi é autor do texto *A mola propulsora da utopia*, prefácio de O Homem e o Cavalo, onde afirmou que *a explosão de sua rica e incontrolável teatralidade<sup>0</sup> ainda poderá fecundar os caminhos da dramaturgia brasileira*. (1990:14).

Antonio Candido testemunhou todas as fases da produção oswaldiana e é um dos principais entendedores da obra e personalidade de Oswald de Andrade, sendo seu contemporâneo, amigo, crítico e compadre. Embora também seus escritos apresentem demonstrações da afirmação de vanguarda para a obra e pensamento de Oswald de Andrade, sua crítica vai além.

Candido funda uma crítica que se apresenta no sentido de superação do mito oswaldiano, aponta o paradoxo da convivência do bom e mau escritor e analisa os problemas resultantes da escrita descontínua de Oswald, onde os escritos são guardados nas gavetas e quando são publicados não refletem necessariamente o momento de vida do escritor, apresentando confronto com seu constante movimento. Uma descrição clara e precisa de Oswald em Candido está em *Os Dois Oswalds*, ensaio parte do livro *Recortes* (1993:35-42), onde o autor aponta as contradições do escritor, de vanguardista e passadista ao mesmo tempo.

Douglas Tufano, Jorge Schwartz e Mário da Silva Brito, cada qual ao seu modo particular, dão um sentido de vanguarda à personalidade e produção de Oswald de Andrade. Tufano, autor de *Estudos de Literatura Brasileira* (1983:140), comentou:

---

<sup>0</sup> Sobre análise do teatro oswaldiano, ver: GARDIM, Carlos. *O Teatro Antropofágico de Oswald de Andrade*. São Paulo: Annablume, 1993; LACERDA, Geysa Telma Couto de. *São Paulo nos Anos 30: Teatro e História em Oswald de Andrade*. Dissertação de Mestrado. UNESP: Franca, 1997; MAGALDI, Sábato. *A Mola Propulsora da Utopia*. In O Homem e o Cavalo. São Paulo: Globo, 1990; PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1988.

A poesia de Oswald de Andrade é um exemplo vigoroso de renovação na linguagem literária. Fugindo totalmente aos modelos literários da época, ele construiu uma poesia original, plena de humor e ironia, numa linguagem coloquial que surpreende pelos achados e pela maestria com que o autor soube utilizar as potencialidades da língua portuguesa.

Em seu livro *Literatura Comentada* (1988:18), Schwartz realizou uma seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico de importantes momentos da obra de Oswald de Andrade. Numa parte, vai dizer que *Oswald de Andrade consegue atingir uma profunda visão crítica da sociedade em que viveu, incorporada numa das personalidades e numa das linguagens mais ricas, mais instigantes e, acima de tudo, mais modernas de nossa literatura.*

Brito, apresentando Marco Zero (1978) afirma que *Oswald quebra sempre a rotina das estruturas de composição, das concepções e conceitos estéticos vigentes, das formas e regras pré-fixadas ou pacificamente aceitas. Parte para a aventura criadora.* Otto Maria Carpeaux (1968:196) também destaca a importância da presença do escritor.

Carpeaux afirmou que *entre os líderes do Modernismo brasileiro ocupa lugar de destaque o romancista, poeta e crítico Oswald de Andrade, quebrando agressivamente, a tradição acadêmica e antecipando tendências atuais (poesia concreta, imoralismo, socialismo).* Maria Eugenia Boaventura, estudiosa da obra de Oswald, o considera uma *figura humana fora de série e um personagem chave da cultura contemporânea* (1986:7).

Não nos cabe apontar elementos de crítica às ilações da maioria de estudiosos da literatura que imputa à obra de Oswald múltiplos adjetivos, mas é importante percebermos que está presente, a partir também de publicações das impressões, uma construção de memória oswaldiana, no caso positiva para estes autores, enquanto ligado às perspectivas de vanguarda.



A nossa idéia aqui desenvolvida possui a pretensão de transgredir, ao modo de Oswald de Andrade, seu próprio mito heroicizante. Não somente reduzi-lo a um ser de osso e carne, mas considerando também seu coração. Fundamentalmente buscar referências que nos apontem para uma compreensão historicizante do autor no seu tempo, tomando cuidados com os limites, tanto do ponto de vista da mitificação grosseira do personagem tema como também evitar uma relativização exagerada proveniente do discurso da pós-modernidade, como lembrou Annateresa Fabris (1994:9).

Para o nosso intento, levando em consideração elementos arrolados acima, é mister que busquemos problematizar a partir do conceito de vanguarda e como ele foi e continua sendo percebido, para nos dar uma relativa apreensão que a construção da imagem oswaldiana pode ser reconhecida a partir de seu principal capital, seu propalado estilo vanguardista.

### **Sobre o conceito de vanguarda.**

A expressão “vanguarda” no sentido histórico que contemporaneamente concebemos, no que se refere à estética e literatura, é bastante recente. Sua gênese<sup>0</sup>, neste aspecto em particular, localiza-se nas três primeiras décadas do século vinte, com o aparecer de diversos *ismos* na literatura e nas artes em geral. O Futurismo (1909), Expressionismo (1910), Cubismo (1913), Dadaísmo (1916) e Surrealismo (1924) constituem-se contemporaneamente como vanguardas históricas, sendo naquele momento expressões artísticas radicalizadas contestadoras e denunciadoras de um mundo em crise: dos acontecimentos que acabaram por gerar a primeira grande guerra (plano político), à crítica à razão iluminista e ao cientificismo do século XIX (plano intelectual) e no plano artístico o sentimento de se produzir novas leituras a partir da nova realidade: meios de comunicação e tecnologias que acabaram produzindo novas linguagens.

A vanguarda, por simples equação, é concebida como superação da arte na vida, que *antepõe e pospõe ao presente, e no qual o tempo sem memória de um mito mergulha no tempo esperançoso de uma utopia a realizar* (NUNES, 1979:23-24). O crítico e teórico Fábio Lucas, que trabalha com os signos diversos como a história e literatura, formulou o seguinte raciocínio sobre o assunto:

Ademais, o deslocamento do valor para o mais recente, o derradeiro artefato de uma seqüência produtiva, cauciona a obra literária a uma fragilidade sem compensação, pois a morte da vanguarda estará sempre e inevitavelmente ligada ao posterior amanhecer vanguardista. Institucionaliza-se, desse modo, o genocídio compulsório das existências pré-

---

<sup>0</sup> Maria Eugenia Boaventura propõe, em *A Vanguarda Antropofágica* (1985:1-21), um roteiro para a compreensão da terminologia nos seus diversos aspectos: ela parte da origem e uso do termo, passa pela definição e conceito e chega ao desenvolvimento e à difusão da vanguarda histórica. A autora apresenta na obra suas análises sobre a corrente modernista da Antropofagia a partir de textos de seus autores. Estuda a

vanguardistas. Execução diária, a cada alvorecer. Enquanto isso, os museus se encarregam de recolher os despojos da chacina (1982:86).

Influxo e refluxo das correntes que são representados nas diversas influências das constantes tendências e debates de sua geração, como o primitivismo, psicanálise, anarquismo, socialismo, comunismo, experimentalismo, impressionismo, existencialismo, construtivismo, fascismo, nazismo. Oswald, por conhecer de perto a Europa e os cafés vanguardistas de Paris (sua primeira viagem àquele continente se deu em 1912, permanecendo por lá oito meses, processando diálogos e formas de vida), nascedouro das múltiplas experiências, fez com que, utilizando uma metáfora de paladar antropofágico - tragado por esse caldo cultural que saboreava. Oswald demonstrou capacidade de síntese, e elaboração crítica a partir do contexto cultural e social que a Europa fornecia ao mundo. Seu trabalho, por esse intermédio, valendo e lançando mão do *background* europeu, acaba por refletir a inter-relação das expressões contemporâneas no seu pensamento.

A obra oswaldiana foi formulada e é claramente percebida com fortes componentes de vanguardismo, indo além, uma oswaldiana soma de vanguardas. Pode se configurar, nesta perspectiva, que a sua obra antropofágica seja como chamaremos: a vanguarda da vanguarda na vanguarda<sup>0</sup>.

Senão vejamos: o primeiro elemento de vanguarda sendo o Modernismo. A prosa oswaldiana estava inserida no conjunto de processos daquela escola inauguradora. Segundo elemento: A Antropofagia, vanguarda da vanguarda como clareira diferenciada da vanguarda anterior e como contraponto a uma tendência de nacionalismo de direita que naquele momento se apresentava; e finalmente o último elemento de vanguarda: a paulicéia

---

*Revista de Antropofagia*, sendo os dez números da sua 1ª fase e os 15 da 2ª denteição, no aspecto cômico e paródico: um bom trajeto de leitura.

que se tornou desvairada (emprestando o caro termo de Mário de Andrade): a cidade de São Paulo como síntese, como *símbolo da modernidade e brasilidade* (VELLOSO, 1993:89-112).

O espírito de vanguarda pode significar *um esforço de fazer estilo*<sup>0</sup> (CANDIDO, 1977:38), uma personalidade que *se entrega à urgência do Novo e o cultor de um ideal de estilista* (DANTAS, 1991:199). A capacidade quase prometéica de estar à frente de seu tempo, a força ao argumento do autor como portador de um conteúdo profético, do *artista que dinamita o código e dinamiza o sistema* (CAMPOS, 1969:445), que se baseia numa estratégia que *funde em sua ação arte e estética, práxis e teoria* (FABRIS, 1994:19). Essa gama de “capital cultural” empresta sentido a uma personalidade pensada, construída e identificada como portador dos ideais de vanguarda.

O papel de fundador de paradigma, criador de linguagem subjacente à época, que precipitou uma consciência persiste em grandiosa parte dos interpretadores da obra e vida do neologista Oswald de Andrade. A sua produção, para Marta Morais da Costa *ultrapassa o tempo e se projeta ainda hoje, como um texto de vanguarda, como um desafio à nossa percepção e ao nosso conceito...* (1973:55).

O escritor Hans Magnus Enzensberger, noutro extremo, aponta a falsa idéia apropriada ao conceito de vanguarda, sendo para ele sinônimo de repetição, logro ou auto-

---

<sup>0</sup> Oswald antropófago não abandona a dialética hegeliana, mas a reafirma. A utilização da teoria dialética para explicação dos diversos processos históricos é transportada para a compreensão do processo de produção oswaldiano, sendo a Antropofagia como resultado de processos anteriores que Oswald participara.

<sup>0</sup> Em relação ao que Candido chamou de esforço de fazer estilo, reproduzimos um trecho de Sérgio Miceli (1979:13) que aponta nesta direção: *O casal formado pelo poeta Oswald de Andrade e pela pintora Tarsila do Amaral é a encarnação mais perfeita e acabada do estilo de vida dos integrantes dos círculos modernistas, obcecados ao mesmo tempo pela ambição de brilho social e pela pretensão de supremacia intelectual.* A obra em questão, não se preocupa em problematizar o que consistia a proposta entendida como de vanguarda, mas de discutir o papel dos intelectuais na sociedade brasileira e suas relações com as camadas dirigentes, no plano público e privado.

engano. O conceito de vanguarda dificilmente se torna, na sua visão, objeto de reflexão por parte dos muitos que a empregam.

O autor alemão é crítico da apropriação do conceito ao longo da história, tanto no campo político quanto artístico. Cita uma construção de Heráclito para distinguir o velho do novo: *o velho é o reverso do jovem e este, revertendo de volta é o velho*.

O caráter revolucionário apregoadado às vanguardas é colocado em risco pelos preceitos da aporia de Enzensberger, para quem o exercício da dúvida é o que vai diferir a postura progressista da reacionária:

A disposição para revisar todas as teses cimentadas, de examinar interminavelmente suas próprias premissas, é constituinte de toda a crítica progressista. Ao contrário, a crítica reacionária se julga sempre com a razão como se essa lhe brotasse da sua própria natureza.<sup>0</sup>

A constante reafirmação do autor considerado de vanguarda na sua posição pétrea no terreno da vanguarda, pelo próprio autor ou por estudiosos *a posteriori*, pode inclinar para um posicionamento que pode ser concebido como reacionário, ao fazer uso da sedimentação histórica da vanguarda, pois as verdades das teses carecem constantemente de testes, confrontações e refutações, como fuga constante ao absolutismo das verdades, verdades estas legitimadas e conferidas pelo próprio caráter de vanguarda.

A construção histórica do termo “vanguarda” carrega um sentido revolucionário ligado ao pensamento das esquerdas do espectro político, quase uma condição *sine qua non*; contudo as origens do termo estão ligadas ao aspecto militar, significando dianteira ou guarda avançada (*avant-garde*). O que seria denominado o contraponto: um novo postulado

---

<sup>0</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. *As Aporias da Vanguarda*. In *Com Raiva e Paciência: ensaios sobre literatura, política e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 53.

da política ou da interpretação social que, no seu íntimo, seja ligado às hostes conservadoras. Como defini-lo então, ou mesmo como escapar à fatal contradição?

A vanguarda convive com o Modernismo e se confunde com ele. Mesmo quando aquela faz a crítica radical a toda forma ou teoria artística (BOAVENTURA, 1985:4), no caso o segundo. Contradição que se estabelece em nome do novo que passa a ser um problema que se coloca quando se pretende uma discussão acerca das idéias de um escritor que se denomina enquanto ambos, vanguardista e modernista.

No mais, *a tradição do moderno é um desafio, não uma consagração*, refletiu Enzensberger. No caso do prosador paulistano, sua postura vanguardista encontraria guarida no Modernismo, na Antropofagia, nas lutas no interior do partido (poeta vanguardista do proletariado), como também na ruptura com este e finalmente no namoro com a filosofia. A herança apregoada a Oswald termina por justificar e dar consistência ao seu itinerário rumo ao novo.

### **O humor oswaldiano.**

O veio humorístico em Oswald de Andrade sempre se fez presente, desde seu primeiro poema livre *O último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde* (1912) até *Um homem sem profissão: Sob as ordens de Mamãe* (1954) este significando o primeiro e único volume de suas memórias.

Oswald, por Vera Maria Chalmers (1990:33), foi o inventor da crônica humorística da imigração italiana na imprensa paulista. Fundador da revista *O Pirralho*, publicada em São Paulo entre 12 de agosto de 1912 a 15 de outubro de 1917, criou o *português*

*macarrônico* (expressão utilizada por Otto Maria Carpeaux), uma imitação do dialeto ítalo-paulista, misturando o calabrés, o napolitano e o vêneto com o português falado pela população mestiça, negra e caipira, todos convivendo na metrópole. O escritor assinava *As Cartas D'Abax'ó Piques* com o pseudônimo de *Annibale Scipione*. Essa coluna, mais que uma homenagem, se constituía como um brado dos marginalizados da metrópole, força de trabalho vista com desdém pela elite paulistana da época. Oswald abriu espaço na revista para Juó Bananére, pseudônimo de Alexandre Marcondes Machado, e junto desenvolveram tais crônicas. Segundo Elias Thomé Saliba (1997:113) Bananére acabou por romper com Oswald, fundando seu próprio pasquim *Diário d'o Abax'ó Piques*, e ambos trocando valiosas farpas a partir disso.

Palhaço e católico místico como Max Jacob, Oswald abusou de sua facilidade de se envolver em causas que acreditava: *atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação...* (BOAVENTURA, 1990:5). O riso como arma para ferir seus pares e críticos encontrava em Oswald de Andrade um artilheiro. Para ele *o que desconcertava meus adversários é que minha literatura fugia padrão cretino então dominante. E chamavam a isso de "Piada"*<sup>0</sup>.

Dinâmico e anedótico como Cendrars, poeta que adota *o viés do riso com o intuito de questionar a realidade e discutir problemas sérios* (Idem, 1990:7), a importância denotada à sátira no comportamento e na obra de Oswald é notável. Para ele *a sátira é sempre a defesa individual ou social contra a opressão, o enfatuamento e as usurpações de*

---

<sup>0</sup> Oswald de Andrade, "*Oswald fala a prosperidade*", entrevista ao Quincas Borba, São Paulo, 2(5):1-2, jan. 1955. Apud VERONA, Tânia, p. 22.

*qualquer espécie* (FONSECA, 1990:248). A facécia do poeta tem um significado, um elemento de confrontação do formal, que abre poros nos determinismos de toda ordem.

Em uma das asserções de João Adolfo Hansen, em *Sátira e o Engenho: como a peste e como a fome, a sátira é guerra caritativa: fere para curar*. Expressão de caráter libertário, a anarquia do humor em Oswald de Andrade parodia Caminha, como no seu célebre poema-piada *Erro de Português*, de 1925:

Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português<sup>0</sup>

Lúcia Helena (1985:171-172) alude a um chiste freudiano para pensar esse escape da personalidade de Oswald representada no Manifesto Antropófago, como em suas obras: *Pode se perceber (...) um discurso chistoso no sentido de propor uma forma de liberação dos conteúdos recalçados, coletivamente, pela colonização e pelo processo civilizatório daí decorrente*.

Sobre o livro *Primeiro Andar*, de Mário de Andrade, soltou impunemente sua verve: *não li e não gostei* (Telefonema, pp. 41). O piadista Oswald definitivamente não poupava os amigos, transformando Mário, um deles, em desafeto. Não titubeava em usar a sátira como arma (nas chamadas piadas de mau gosto, como se o gosto não fosse algo muito

---

<sup>0</sup> *Poemas Menores*. In: *Poesias Completas*, pp. 177.



pessoal, ao sabor de cada particularidade, considerando seu meio, a moral e o preconceito), como quando se referiu a Plínio Salgado:

Enfim de contradições vivemos nós. Quanto ao nosso tempo, sem que o Plínio perceba, ele anda entretido com uma profunda e gostosa febre espiritualista. Sem determinada base antropológica, sem revelação fixada, sem revelação outra que a própria poesia. Sem moral outra que a do Arco da Velha. Espiritualismo portanto, e libertado mesmo das liberdades conhecidas e das loucuras catalogadas. (Idem, p. 42).

O humor oswaldiano tem a qualidade de sua personalidade que transparece em suas obras. Ele era uma figura engraçada, Candido e outros reafirmaram isso, e suas obras demonstram isso. Sua originalidade tão questionada e ao mesmo tempo tão ressaltada, reflete em seu estilo polemista. Seus antagonismos denunciam um homem inquieto com o seu tempo e as verdades produzidas nesse tempo<sup>0</sup>.

Oswald Serafim de Andrade<sup>0</sup>. A epígrafe escolhida para o presente texto nos remete à última voz de Kazantzákis talvez expresse *mutatis mutandis*, a alma oswaldiana: enfrentou Parnaso e o romantismo (*a alegria é a prova dos nove* como contraponto às lágrimas e tragédia), os comunistas (quando do rompimento com a verdade marxista), a igreja (crítica aos diversos messianismos), a burguesia (a partir do seu enfileiramento às causas ideológicas), esse guru da antropofagia, desafinador do coro dos contentes.

---

<sup>0</sup> Apresentaremos, mais à frente do trabalho, considerações a respeito do pensamento de Oswald sobre a História do Brasil e sua crítica às verdades desse campo.

<sup>0</sup> Para Oswald de Andrade sua principal obra é *Serafim Ponte Grande*, a crítica também entende desta forma. O contraponto de Macunaíma (principal obra de Mario de Andrade, para Oswald é obra prima, a realização do que sonhara para o Modernismo), é o antropófago urbano Serafim. O instrumental paródico e as expressões *anarco-sexuais-liberalizantes* (ATEM, 1990) presentes em *Serafim* são utilizados por Oswald também como crítica à sociedade conservadora da época quando indica a moral libertária da antropofagia *como sátira das convenções e preconceitos sociais* (CAMPOS, Haroldo no Posfácio do livro).

### **Oswald libertário.**

A postura polemista de Oswald de Andrade que o aproxima do mais puro instinto libertário, passando pelo homem do *Partido* e das Letras, além de partícipe da burguesia e da boemia, ainda é motivo de controvérsias na historiografia e junto aos estudos inseridos no campo da crítica literária.

Observamos na leitura da obra de Oswald de Andrade, bem como da crítica e de historiadores, compreender o nível de relação que foi estabelecida entre o pensamento oswaldiano e a proposta de anarquismo. Em *Serafim Ponte Grande*, romance com traços de autobiografia, ele se define como boêmio, como Apollinaire. Traçaremos nosso percurso de pesquisa nas menções acerca do posicionamento ideológico do autor:

A situação “revolucionária” desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário – era o boêmio!! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda...com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário, ignorando o Manifesto Comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio. (ANDRADE, 1989:9).

Candido (1977:37) concluiu que na fase de Miramar e Serafim, Oswald possuía uma *rebeldia integral e anárquica*<sup>0</sup>. O retorno à Antropofagia de Oswald de Andrade nos meados da década de 1940 é manifestação do seu puro e velho instinto libertário, uma volta às origens. Oswald se vê em Serafim, como um *herói que tende ao anarquismo enrugado*<sup>0</sup>.

---

<sup>0</sup> Apontamos o fato do instinto libertário estar sempre presente nos momento de vida de Oswald de Andrade, mesmo no período de declarada paixão pela ditadura do proletariado. Prosas como estas, tão diferentes da

Eleutério (1989:162) assim se referiu às proximidades do pensar oswaldiano com o projeto do anarquismo, no que toca a propriedade e a liberdade:

Parece-nos que o pensamento antropofágico pindorâmico tem algumas semelhanças com certas propostas anarquistas. Embora não encontremos, na obra de Oswald, referências a nomes, obras ou conceitos anarquistas, as idéias oswaldianas sobre propriedade têm algo em comum com as de Proudhon. Kropotkin, como Oswald, vai buscar as origens do conflito liberdade/autoridade nos primórdios da humanidade. Para outro nome importante do anarquismo, Bakunin, a transformação da sociedade viria por uma revolução espontânea. Para Oswald, a Revolução Caraíba seria paulatina, mas também espontânea.<sup>0</sup>

Oswald afirma e reafirma suas posições acerca do anarquismo e do libertarismo. Encurta distância com o pensamento de Proudhon, considerado o pai do anarquismo, no primeiro e único volume de suas memórias *O Homem sem Profissão* (1990:80):

Não tinha chegado eu ainda às convicções que hoje mantenho, como conquista espiritual da Antropofagia, de que Deus existe como o adversário do homem, idéia que encontrei formulada em dois escritores que considero ambos teólogos – Kirkegaard e Proudhon...

Em *Dicionário de Bolso*<sup>0</sup>, Oswald reservou um verbete a Max Stirner, anarquista individualista alemão, e o fez com essas palavras: *Pai Moderno do anarquismo. Teve a coragem de afirmar: O que interessa não é Deus, nem a humanidade, nem a verdade, nem a bondade, nem a justiça, nem a liberdade, o que interessa sou eu.*

---

doutrina comunista foram publicadas com autorização de Oswald justamente no período áureo de sua luta política, sob a bandeira comunista, na década de 30.

<sup>0</sup> Serafim Ponte Grande, p. 146.

<sup>0</sup> A autora supõe a existência de proximidade entre o pensamento de Oswald com as teorias anarquistas, mas afirma não ter encontrado na obra do escritor referências a nomes, obras ou conceitos anarquistas. Oswald, conforme demonstraremos em seguida, em determinado momento de sua vida, estabeleceu relações com o anarquismo e os anarquistas.

<sup>0</sup> Vimos que essa obra, apresentada e estabelecida a partir da seleção de Maria Eugenia Boaventura, foi na sua maior parte elaborada por Oswald no seu período áureo do marxismo, portanto anterior ao seu retomar aos ideais antropofágicos, de tendência que pode ser considerada como próxima dos libertários. Não por acaso,

Seu primeiro contato com as discussões sobre o anarquismo ocorreu quando jovem e estudante de Direito, como o mesmo contou: *Na roda noturna de Indalécio e Ricardo Gonçalves travei relações com o anarquismo, vindo a conhecer o agitador Oreste Ristori, depois meu amigo*<sup>0</sup>.

Em 1931, no início da militância comunista acompanhado de Patrícia Galvão (Pagu) dirigiu e redigiu *O Homem do Povo*, onde afirmou: *Por instinto e depois conscientemente, sempre repeli esse Direito ali ensinado para engrossar a filosofia do roubo que caracterizava o capitalismo. Aliás, já nesse tempo eu me declarava anarquista*.<sup>0</sup> Seu filho, Oswald Filho, quando dos dez anos de sua morte, declarou: *Sua obra tem um caráter esquerdista, ele a realizou com o coração e não com a razão. Foi mais anarquista do que comunista*.<sup>0</sup>

Senão anarquista, um utopista portador do sentimento onírico de igualdade. Em *Ponta de Lança* (pp. 102), Oswald declara que *só seremos felizes sobre a terra quando toda a humanidade, num mundo redimido, comer à mesma mesa, com a mesma fome justa satisfeita, sob o mesmo tendal de fraternidade e de democracia*. Na página 52 da mesma obra, o poeta se identifica como *socialista consciente*.

---

Oswald (1990: 71 e 118) faz menção apenas a Stirner, entre tantos outros anarquistas não necessariamente individualistas, também considerados relevantes. Para se ter idéia de como o autor de Santeiro do Mangue descreve naquele momento o anarquismo, destacamos outra parte do mesmo verbete, onde Oswald faz a crítica ao posicionamento anarquista presente no país: *No Brasil, o anarquismo ou se despe nos braços de sonhadores boçais ou veste francamente a roupa apolítica da policia política. Tem assim produzido as maiores traições à classe dos trabalhadores, sempre ligado a generais da milícia ou do trotskismo. Como no Brasil tudo chega atrasado, isso se explica. A hora do anarquismo já passou. Hoje só se atinge o bem individual através do bem coletivo. Foi no século passado, no apogeu do capitalismo individualista, que o anarquismo prosperou*.

<sup>0</sup> *Um Homem sem Profissão*, p. 58.

<sup>0</sup> Idem, p. 59. Oswald se declara anarquista no período de militância comunista. Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (2000:187), se referiu à “mentalidade anarquista” de nosso comunismo, que não combina com a disciplina rígida que Moscou reclama de seus partidários.

<sup>0</sup> ANDRADE FILHO, Oswald de. Há Dez Anos Morreu Oswald de Andrade. CEDAE, IEL, UNICAMP, s/d. In: LACERDA, p. 62.

Para Morse (1990:161), Oswald bebia da ideologia que se formou em torno de um consenso geral, *de alguma variedade de evolucionismo liberal, baseado em pressupostos otimistas a respeito das forças criativas da industrialização e da influência estabilizadora de uma classe média instruída interessada na criação de uma ordem econômica moderna.*

Calouro na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco (1909), declarou-se anarquista (FONSECA, 1990:200). Oswald tinha um comportamento próprio da filosofia anarquista, embora não o fosse. Em um dos prefácios d'*O Rei da Vela*, José Celso o definia como *anarquista generoso*.

O nosso autor perseguiu o máximo prêmio da humanidade, a liberdade, pedra de toque para Oswald de Andrade. Como os anarquistas, Oswald dispensava enorme valia à liberdade e à luta por ela, como no romance *Serafim Ponte Grande*, de 1933: *Para defender a liberdade de pensamento, eu iria às barricadas.* (1989:38). Barricadas contraculturais referidas por Oswald foram forjadas 14 anos após sua morte, em 1968.

Associar Oswald de Andrade ao anarquismo doutrinário é um tanto quanto precipitação, pois não combina com sua postura e obra. A rebeldia libertária oswaldiana foi compreendida por Norte (1994:121-143) como um modo de sensibilidade, longe dos estatutos e normatizações:

A posição libertária de Oswald de Andrade sempre foi mais um postura rebelde do que uma rigorosa definição doutrinária. Foi uma sensibilidade, um modo de vida. Anarquia era para ele a segurança de estar fora de todo domínio e sob o domínio de sua vontade. Recordemos sempre que a humanidade não é algo que se herde, senão que nossa verdadeira herança reside em nossa capacidade de fazermos e refazermos a nós próprios. Lembremos que não somos criaturas, senão criadores de nosso destino.

Percebe-se que não existe um anarquismo estabelecido na escritura do autor. Por outro lado, estudos anarquistas conferem ao escrito livre, portanto não autoritário e que também não tenha sido feito sob encomenda, elementos de um tipo de anarquismo. Segundo Sébastian Faure, em Woodcock (1998:58): *não há, nem pode haver, um credo ou catecismo libertário*. Em havendo doutrina, haveria uma confrontação do pressuposto de liberdade do pensamento anarquista, o mais caro deles.

O que existe e que constitui o que se pode chamar de doutrina anarquista é um grupo de princípios gerais, conceitos fundamentais e aplicações práticas, segundo os quais foi estabelecido um consenso entre indivíduos cujo pensamento é contrário à Autoridade, e que lutam, coletiva e isoladamente, contra toda disciplina e repressão, sejam elas políticas, econômicas, intelectuais ou morais.

A postura intelectual de Oswald de Andrade é de um libertário, porém um heterodoxo da anarquia que sempre guardou uma distância próxima dos dogmas da anarquia. Algo relevante, bem ao seu gosto e temperamento, um anarquismo sim, porém de cepa oswaldiana.

## Capítulo 2

### Serafim na lida: leitura e ação na conjuntura.

#### Personalidade e obra.

Tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu.  
A gente estancou de repente ou foi o mundo então que  
cresceu. A gente quer ter voz ativa, no nosso destino  
mandar, mas eis que chega a roda viva e carrega o destino  
para lá...

Chico Buarque

Oswald de Andrade se revela em suas obras, sua biografia pode ser entrevista na leitura das mesmas. Oswald também é Serafim e Miramar e é de certa forma o conjunto de seus escritos. O autor se mostra em quadros e fragmentos, em cada um deles, como uma espécie de pedaços de autobiografias: *Os traços de suas mudanças pessoais e da transformação social do país são mais visíveis em sua obra*, afirmou Fábio Lucas (1970:74-75). As expressões de Walt Whitman, citadas por Mário da Silva Brito na apresentação de *Telefonema*, representam a alma de Oswald em cada assinatura de um produto: *quem toca neste livro, toca num homem*. De certa forma, o homem Oswald de Andrade explica sua obra; a obra explica o homem.

Para Haroldo de Campos, o estilo do escritor transforma-o em peças de um *caleidoscópio antológico de si mesmo* (1983:184). Candido também se posicionou a respeito do problema. Em *Prefácio Inútil*, feito para o primeiro e único volume das memórias de Oswald, *Um Homem sem Profissão - Sob As Ordens de Mamãe*, o crítico (1990:15) estabelece uma relação solidária, quase inseparável, de Oswald com sua obra.

Um escritor que fez da vida romance e poesia, e fez do romance e da poesia um apêndice da vida, publica as suas memórias. Vida ou romance? Ambas, certamente, pois em Oswald de Andrade nunca estiveram separados, e a única maneira correta de entender a sua vida, a sua obra e estas Memórias, é considera-la deste modo.

As obras de Oswald refletem seu estado momentâneo, se traduzindo em auto-exposição, algo como uma fratura exposta. *Ele convocou a própria obra*, na forma de ver de Vicinius Dantas (1991:199), *a acompanhar, a cada passo, as viravoltas biográficas, de tal modo que nela se rastreia o itinerário de suas investidas, idiossincrasias, devotamentos, recuos e desilusões*.

### **Olhar de Oswald sobre a cena política.**

As condições sociais dos artistas e a representação de mundo que cada um possui de modo particular são elementos definidores na composição de uma narrativa literária. No caso de Oswald sua sensibilidade é transparente. Seus personagens *são sempre indivíduos em relacionamento dialético com a realidade e com a sociedade, a ponto de se*



*desindividualizarem para serem vistos como uma classe social*, afirmou Marta Morais da Costa (1973:41).

Oswald sempre tomou partido nos debates que ganharam corpo no seu tempo. Participou da política brasileira e usava a tribuna dos jornais para espalhar seus argumentos para a opinião pública da sociedade brasileira da época. No comando do *Pirralho*, Oswald se juntou à Campanha Civilista de Rui Barbosa *contra a ditadura de Pinheiro Machado*<sup>0</sup>, afirmou em *Um Homem Sem Profissão* (páginas 61, 63 e 67).

Em *Marco Zero*, romance histórico, escrito na década de 30 e publicado na de 40, Oswald registra a saga de uma família durante a Revolução Constitucionalista de 1932, a Revolução Melancólica, título do primeiro volume, obra que carrega uma visão de mundo de um período que Oswald estava sob a lente do comunismo.

Da sua participação na Semana de 1922 aos Manifestos. Nos debates, na faculdade de Direito, nos jornais, pasquins e revistas. Suas teses, noutro momento, refletem um Oswald em um novo combate, agora interno, dentro de si mesmo, que veremos no capítulo seguinte dessa dissertação.

---

<sup>0</sup> Pinheiro Machado, hábil político gaúcho, significava para o futuro modernista Oswald a representação do atraso. Angela de Castro Gomes (1998:494) assim o descreveu: *O retrato político do senador Pinheiro Machado tem, em primeiro plano, os signos do compromisso com o “caudilhismo”. Ele é o gaúcho da fronteira, grande em tamanho físico e político, sempre ladeado de parlamentares de diferentes estados e ambições. Era um homem que “fazia presidentes”, sendo conhecido por suas indiscutíveis habilidades de articulador (...) mas Pinheiro Machado era também o homem que sabia corrigir a vocação caudilhesca pela “defesa da ordem social”...*

## Oswald e Getúlio Vargas.

Embrionárias da CLT e do corporativismo sindical restritivo e autoritário de Vargas<sup>0</sup>, as novas legislações sobre o trabalho no Brasil são localizadas no período exatamente posterior a 1930, com a ascensão de um novo grupo social ao poder e são anunciadas por Lindolpho Collor, o primeiro Ministro do Trabalho da república, conforme texto de Alcir Lenharo (1986:25):

Logo após 30, é sugerido aos operários: “ou aceitam a ação do Ministério do Trabalho, que traz uma mentalidade nova, de corporação, ou se consideram dentro de uma questão de polícia, no sentido do antigo governo. Ou abandonam a mentalidade bolchevista e subversiva, ou se integram no corpo social a que pertencem...”, declararia impositivamente o ministro do Trabalho Lindolpho Collor, isto já em 1931. Feitos os arranjos “por cima”, restava a questão que de fato preocupava o poder.

Ainda com Lenharo:

A declaração de Collor já é posterior à Lei de Sindicalização, de 19 de março, que criava a nova modalidade sindical. O que estava em questão era golpear as formas livres de organização da classe operária e criar uma organização sindical incorporada no Estado.

---

<sup>0</sup> Alcir Lenharo, em *Sacralização da Política*, faz uma análise interna do período do governo Vargas, anos 30 e 40, produzindo não apenas um desmonte da memória que entroniza 1930 como marco revolucionário, mas discutindo os discursos que buscam legitimação para práticas de militarização e preconceito, como também nas idéias de nação, pátria, família e corpo. Sobre o período de Vargas, uma referência mais recente é: RIBEIRO, José Augusto. *A Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Casa Jorge, 2002. A obra, em três volumes, fornece um painel político detalhado, embora pouco crítico.

Tomando partido como opositor de Vargas, mais de uma vez Oswald de Andrade se referiu ao ministro como “Sinistro do Trabalho”. Participava da resistência ao autoritarismo do Estado Novo através da imprensa alternativa.

Em *O Homem do Povo* (31/03/1931), apoiava as greves que pipocavam no país<sup>0</sup> e combatia o modelo de organização sindical de atrelamento ao Estado:

O sindicato de classe deixaria de ser uma arma de defesa nas mãos do operário para se tornar uma espada de cartão (...) o operário organizado (Mussolini diria inquadrato) (...) sindicatos esterilizados sem gosto nem sabor; aonde será praticado para maior felicidade do Brasil o pingue-pongue e o inocente jogo da peteca.

O que fez com que Oswald se posicionasse contra o governo Vargas foi a postura autoritária daquele governo, o antropófago se posiciona entre os “democratas”. Oswald descreve os caminhos tomados pelos modernistas nesse novo cenário político: *Com a ditadura Vargas acentuam-se as tendências esboçadas, a dos integralistas de Plínio Salgado, a dos estado-novistas e uma terceira ala, que, unida, se bate pela democracia. Nela se encontram antropófagos, comunistas e liberais.*<sup>0</sup>

Sobre as demonstrações de autoritarismo de Vargas, Joel Wolfe (1994:27-60), ao pesquisar cartas enviadas ao presidente por pessoas do povo, analisa o discurso de Vargas, que separamos do seu texto:

---

<sup>0</sup> Uma extensa bibliografia trata das organizações sociais: populares, sindicais e partidárias no Brasil no período do Estado Novo. Vale a pena consultar: ANTUNES, Ricardo. *Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1988; GOMES, Angela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988; SKIDIMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

<sup>0</sup> BOAVENTURA, Maria Eugenia, 1985:111.

Um país não é apenas uma aglomeração de indivíduos em um território, mas é, principalmente, uma unidade de raça, uma unidade de língua, uma unidade de pensamento. Para se atingir este ideal supremo, é necessário, por conseguinte, que todos caminhem juntos em uma prodigiosa ascensão (...) para a prosperidade e para a grandeza do Brasil.

Seguindo com Wolfe:

Vargas apelava para que todos os brasileiros evitassem conflitos de classe e atuassem no espírito de conciliação para o bem geral. Ele comunicava a seus ouvintes de rádio que somente uma centralização em mãos estatais poderia lutar contra a “subversão estrangeira”, ajudar na industrialização do Brasil e prover a todos de uma real justiça social. Em São Paulo, em 22 de julho de 1938, preveniu uma aglomeração, admoestando: “Todos nós marcharemos juntos visando um esforço comum; trabalharemos, sem limites, para a prosperidade e grandeza do Brasil”.

A centralização que desejava o pensamento único por meio do discurso de conciliação; a luta hercúlea contra o comunismo e os arautos varguistas contra o imperialismo; o sistema corporativista dirigido aos sindicatos; o profundo sentimento nacionalista combinado com o populismo de Vargas; somam, dando sentido ao confronto com o escritor Oswald de Andrade, principalmente na sua postura frente ao Estado Novo (1937 a 1945).

Os textos de Oswald nos jornais são de oposição frontal à política de Vargas, bem como aos grupos de intelectuais que se ocuparam da gestão da política cultural do governo<sup>0</sup>, a crítica se estendia também à política de cooptação que Vargas exercia sobre políticos importantes da UDN (SKIDMORE, 1975:135) após o Estado Novo.

---

<sup>0</sup> A cooptação no meio intelectual se deu por meio de convites para a gestão de modernização conservadora de Gustavo Capanema, criador do Departamento de Imprensa e Propaganda. A invenção do DIP em 1939, afirmou Lenharo (1986:39), *demonstrou cabalmente do que o Estado Novo foi capaz neste setor. O órgão*

O antropófago não foi absorvido pelo apetite de cargos da burocracia cultural do governo Vargas. O jornalista Claudio Bojunga (2001:155) assim o definiu: *Oswald era tudo, menos bajulador. Foi um dos poucos intelectuais que o Estado Novo não conseguiu domesticar ou cooptar em nome da “construção nacional”. Seu anarquismo, suas explosões narcisistas, sua independência em relação ao Estado, o temperamento errático e leviano não inspiravam confiança nas elites políticas.*

Oswald participou da campanha pela anistia e contra o Estado Novo. Em janeiro de 1945, fez o discurso de encerramento do I Congresso Brasileiro de Escritores no Teatro Municipal de São Paulo (CANDIDO, 1977:69), evento organizado pela Associação Brasileira de Escritores, entidade cujos membros se posicionaram frontalmente contra a política getulista.

Oswald faz um balanço do patrimônio do espírito e da cultura então ameaçados pelo nazismo e pelo Estado Novo policial repressivo. Em *Ponta de Lança* (pp 110), pede a todos um estado de vigilância a fim de que o inimigo que, com nossas idéias e nossas armas derrotamos, não venha a renascer amanhã, revigorado pelos que sonham ainda com um mundo escravo e por ele trabalham.

---

*ficava subordinado diretamente à presidência da República e sob o comando de Lourival Fontes (com participação do jornalista Roberto Marinho), com apoio direto de Cândido Mota Filho e Cassiano Ricardo, reinterpretores privilegiados das diretrizes oficiais.* Mario de Andrade, por exemplo, mesmo se posicionando em campo teórico oposto ao Estado Novo, ocupou cargos ligados à área. Outros escritores como Carlos Drummond de Andrade, que fora membro do PC e outros intelectuais e artistas (Villa Lobos inclusive) foram “agraciados” com alguma função na burocracia varguista, principalmente os verde-amarelos remanescentes do Modernismo. Mesmo Marinetti, vanguardista futurista um tanto quanto badalado à época, aderiu e depois serviu ao governo fascista italiano, modelo de governo parcialmente copiado pelo estadonovismo.

### No plano internacional.

Importante liderança do PC americano Earl Browder defendia a coexistência pacífica entre o capitalismo, representado no plano global por Winston Churchill e Franklin Roosevelt e o comunismo de Stalin para a resolução gradual e pacífica dos problemas sociais, naquele momento de enfrentamento ao mal maior, as ditaduras fascistas do Eixo<sup>0</sup>. Oswald, como outros tantos intelectuais da época, assim também se posiciona.

Pela liberdade, nós também, os da América, somos capazes de dar a vida. Toda a história do nosso continente, principalmente a história rica, dramática e colorida da América Latina, está coriscada de gestos libertários. E por isso estamos perfeitamente dispostos a morrer pela liberdade da Noruega, ou da China, ou da Rússia. E por isso mesmo não nos devemos esquecer que a essa luta pela liberdade que prende toda a terra num compromisso de destruição das três faces malditas do fascismo, está preso um outro programa – o de fazermos nós mesmos a nossa liberdade econômica, a fim de se produzir, definitiva e segura, a nossa independência política...sabemos que nossos povos têm sido secularmente ungidos a complots imperialistas que retardam o nosso progresso humano e entram nossa marcha civilizada. Nós também temos nossa noite sem lua e dela precisamos sair. Nessa luta que terá quer ser um complemento e o desfecho da outra, ao intelectual latino-americano está reservado um papel decisivo. Entre outras vantagens, a guerra nos trouxe esta – a de melhor nos conhecermos<sup>0</sup>.

Em 1945, Oswald publicou *O Santeiro do Mangue e Outros Poemas*, onde consta o *Canto do Pracinha Só* (que o autor considerou o seu pior poema), reproduzimos um trecho (p. 106) que diz respeito ao seu posicionamento à época:

---

<sup>0</sup> Sobre isso ver: CARONE, Edgar. Brasil – Anos de Crise 1930-1945. A obra, em especial as páginas 324 a 336, vai discutir o posicionamento do PCB frente a Vargas, a dissolução da Internacional e as conseqüências da Conferência da Mantiqueira em 1943, além do posicionamento da tendência “liquidacionista” em relação à luta contra o Eixo.

<sup>0</sup> *Sol da Meia Noite*. In Ponta de Lança, páginas 62 e 63.

Pracinha. São teus irmãos  
Churchill, Truman  
O eterno Franklin Delano Roosevelt  
O trabalhista Atlee  
O camarada Prestes  
O Marechal Stalin.

Prestes apoiou o governo de Vargas quando este, sob pressão americana, pendeu em favor dos aliados. Prestes *pregou a unidade nacional e a democratização do país, analisou a situação internacional, com o esmagamento do fascismo e a vitória das Nações Unidas. E conclamou o povo a organizar comitês populares; em 46, ele pediria à classe operária que apertasse o cinto, o que significava que as greves e as lutas por melhores salários deveriam ser adiadas* (MORAES & VIANA, 1982:108).

A solução para a Alemanha do pós-guerra não deveria ser uma divisão entre as potências beligerantes. Para o antropófago Oswald, o ideal é uma mistura surreal entre os diversos povos do mundo, chegando à branca Alemanha:

A Alemanha racista, purista e recordista precisa ser educada pelo nosso mulato, pelo chinês, pelo índio mais atrasado do Peru ou do México, pelo africano do Sudão. E precisa ser misturada de uma vez para sempre. Precisa ser desfeita no meltingpot do futuro. Precisa mulatizar-se<sup>0</sup>.

Desiludido com o pós-guerra que manifestou o fim da composição americana com a soviética, Oswald manifestou em sua coluna de jornal em 1946 (*Telefonema*, pp. 123), os motivos de seu rompimento com o Partido, em conformidade com sua dialética marxista:

Era uma solução idealista, uma solução no papel. Um só homem de boa vontade tentou tomar a sério a dissolução da Terceira Internacional (15/05/1943) e acreditar no apaziguamento da gula imperialista americana. Earl Browder, que foi por quinze anos o porta-voz de Stalin na América. Do meu pequeno setor o segui e acreditei em bons termos marxistas que depois da tese (Burguesia) e da antítese (Proletariado) devia vir a síntese (Teerã). Mas nada disso se deu e robustecidos os termos da contenda, defrontam-se hoje os arcanjos rivais para que depois de uma guerra pior, sobrevenha mais uma vez, um mundo melhor.

### **Sua saída do PC e a redemocratização.**

Oswald rompe com o comunismo no ano de 1945 no auge do regime soviético, quando Stalin colhia os frutos da atuação de seu exército contras as forças alemãs na Segunda Guerra. Veja que Oswald não rompeu com o PC por discordar de Stalin, sendo justamente o contrário, naquele momento Oswald era stalinista, como o americano Browder<sup>0</sup>. A discordância estava em relação ao encaminhamento das lutas pelo maior líder do PC brasileiro, Luís Carlos Prestes, acusado por Oswald de ser trotskista. Assim expressou Oswald:

---

<sup>0</sup> Sol da Meia-Noite. In *Ponta de Lança*, Rio, Civilização, 1971, p. 63.

<sup>0</sup> Earl Browder, líder comunista nos Estados Unidos, publicara o livro *Teerã*, sob orientação de Moscou, onde anunciava o novo: o acordo entre o país socialista e as democracias ocidentais, passando pela dissolução dos Partidos Comunistas ligados à III Internacional. Seria algo como um pacto pela humanidade no pós-guerra ou ainda, na visão oswaldiana, a síntese de que trata Marx: liquidado o *Comitern*, ultrapassa-se a face partidária do comunismo, para a articulação com a burguesia democrática.



Não entenderam assim os comunistas “infantis” de que temos como exemplo aqui o nosso Prestes. Devido à intromissão trotskista do líder francês Duclos, Browder perdeu do dia para a noite o seu alto posto, sendo substituído pelo faccioso Foster que iniciou os ataques sectários ao sistema de Teerã.<sup>0</sup>

O intelectual comunista havia publicado em 1934 a peça *O Homem e o Cavalo*, retratando seu posicionamento político, embora contenha traços da Antropofagia (como toda a obra de Oswald) está próxima da ingenuidade de exaltação do regime soviético. O texto se configura como uma espécie de julgamento, pelo regime soviético da civilização burguesa, uma consagração do delírio marxista. Em *Dicionário de Bolso (1990:83)*, o verbete *O Camarada Stalin* significava para Oswald: *ponte de aço conduzindo a humanidade ao futuro*. Neste período de sua vida, suas idéias se aproximam das de Prestes, conforme declaração deste: *...queria ser um soldado do proletariado. Quando cheguei em Moscou, fui visto, por alguns, como um general latino-americano. Eu queria ser um soldado da revolução e era visto como general.*(MORAES & VIANA, 1982:57).

Soma-se ao fato de Oswald abandonar o PC, o fato de haver, no plano mundial em 1945 um sentimento que o filósofo Camus chamou de “triste opacidade”, o tempo do pós-guerra vivido pelos intelectuais da geração de Oswald, que sofreu com a Primeira Grande Guerra e suas conseqüências, quais sejam o *crash* de 1929 e ascensão de regimes fascistas na Europa, além dos processos de Moscou em 1936 e os ecos da Guerra Civil Espanhola.

Em 1945, com o fim da guerra e a derrota das ditaduras do Eixo, exigia-se a redemocratização do país. Na esteira desses movimentos ocorreu o I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, com participação destacada de Oswald. Com a redemocratização, surgia a UDN e o PSD, partido varguista, pelo qual Eurico Gaspar Dutra

---

<sup>0</sup> Oswald de Andrade: A Expulsão de Browder. UNICAMP/CEDAE/IEL/Fundo Oswald de Andrade.

se elegeu presidente. O browderiano Oswald apoiava para as eleições presidenciais de 1945 o brigadeiro Eduardo Gomes<sup>0</sup>, candidato da UDN, contra o marechal Dutra, apoiado por Vargas e Prestes. Vera Chalmers reproduziu a coluna *Da ressurreição dos mortos (Telefonema, páginas 149 e 150)* onde Oswald vai enumerar os partícipes do palanque de Vargas: Prestes, Filinto Muller e Plínio Salgado. E termina: *Estamos no Juízo Final, o único que resta ao mundo*. O gesto do maior líder do PC não foi perdoado por Oswald. Em 11/04/1946, este afirmou (página 130):

Olhe, foi realmente uma pena a mancada de Prestes apoiando o anão Vargas. E ele estaria no poder ao lado do Brigadeiro (Eduardo Gomes) e muita coisa de fato mudaria neste Brasil solar e pascaio. Todos nós, intelectuais vindos da burguesia, formaríamos ao lado dos comunistas, lutando como lutamos anos e anos, com cadeia e censura, contra essa droga sinistra (Vargas) que se perpetua através dos governos reacionários.

Em relação à vitória do *baixinho* nas eleições de 1950, Oswald, demonstrando uma espécie de “consciência crítica” da sociedade, não se conforma, mas ressalta o seu carisma, apesar da postura de caudilho:

O Getúlio tinha todas as virtudes para ganhar. Em primeiro lugar o seu corte de caudilho. As nossas massas são sul-americanas e não politizadas. Gostam ainda de mágica. Adoram o homem que sabe passar rasteira. O que as impressiona é ainda o feiticeiro que vela dentro do Sr. Getúlio Vargas. Já se sussurra que ele está negociando com Borghi a cabeça do governador Ademar de Barros. É isso que o povo adora...<sup>0</sup>

---

<sup>0</sup> Na sua coluna de jornal, *Telefonema*, Oswald, em 20/12/1945, vai justificar seu apoio e voto, lembrando a participação do Brigadeiro na revolta conhecida como Dezoito do Forte, em 1922, aliás, ano do primeiro centenário da Independência, da fundação do Partido Comunista Brasileiro e da Semana de Arte Moderna: (...) *Já se sabe que caiu diante do adversário mais forte. Caiu da mesma maneira que vinte e três anos atrás, sem mentir, honrando compromissos que eram ao mesmo tempo íntimos e nacionais.* (UNICAMP/CEDAE/IEL/Fundo Oswald de Andrade).

<sup>0</sup> *Telefonema*, p. 112.

Afirmava em 05/01/1950: *Insuspeito para falar do sr. Getúlio Vargas. Enquanto ele gozava uma ditadura mais ou menos fascistóide, pelo curto prazo de quinze anos, eu sofria quinze demorados anos de militância idealista, no seio confuso e hostil do comunismo brasileiro. As suas melhores mágicas de anão subversivo não me atraíram...* (Telefonema, página 102).

Sobre o suicídio do *anão mágico*<sup>0</sup>, a sua opinião é que *não houve grandeza no gesto*. Entende a motivação como resultado da perda de poder, e por isso se restringiu a uma questão pessoal (FONSECA, 1990:271). Três dias após aquele que seria o último ato de Vargas, Oswald, embora não perdoasse o “pai dos pobres”, elogia a lúcida visão e a determinação do político, assim comenta a carta-testamento:

Morreu no seu posto. O holocausto de Vargas coloca-o acima de intrigas e discussões. Ele soube ser lógico, quis levar até o fim a arrancada que começara com o movimento de 30. A Carta de Vargas é um dos maiores documentos de nossa história política contemporânea. Um documento tão alto encerra admiravelmente a existência agitada do caudilho. Com ele, Vargas procura absolver-se e redimir-se de todas as faltas que lhe impuseram (...) <sup>0</sup>.

Com a redemocratização e a figura de Vargas não tendo a mesma representação forjada no estadonovismo, o julgamento do político feito pelo escritor, também por sua vez afastado da militância comunista, tem um outro caráter. O nacionalismo e a luta contra o imperialismo são agora objetos de uma releitura por parte de Oswald de Andrade, no mesmo texto que destacamos acima.

---

<sup>0</sup> Sobre o falecimento de Vargas e o sentimento popular em consequência do ato nas principais metrópoles brasileiras, oportuno consultar um instigante ensaio de Jorge Luis Ferreira, *O Carnaval da Tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto*. (1994).

O antigetulismo antes comum em Oswald passa, na conjuntura de abertura política e no instante após o ato do suicídio do ex-presidente, para um olhar mais distanciado por parte do analista, que enxerga virtudes outrora escondidas na postura autoritária, por ele tantas vezes criticado, como a sua postura nacionalista:

(...) Fere ele alguns pontos extremamente importantes do momento nacional, particularmente quando conclama à luta contra os imperialismos. Aponta ele assim, em testamento, um caminho que deve ser seguido – o da luta pela emancipação nacional.  
(Idem)

---

<sup>0</sup> *Pistoleiro Vargas*. In *Jornal Última Hora*, 27 de agosto de 1954.

### **O papel social dos *homens sem profissão*.**

O intelectual engajado Oswald de Andrade participou da campanha civilista de Rui Barbosa, via redação do *Pirralho*, jornal por ele fundado. Com Mário de Andrade e outros colegas, fez parte da *intelligentsia* paulista por um razoável período, nas primeiras décadas do século XX. Demonstrou ser um articulador de bom trânsito, realizando contato com o mecenato nos preparatórios da Semana de 1922. Militou no Partido Comunista<sup>0</sup>, como vimos, e foi crítico ferrenho de qualquer forma de autoritarismo, na política e nas letras, especialmente da ditadura do Estado Novo.

Em relação ao papel social da intelectualidade, em 1944 afirmou a necessidade do intelectual se posicionar na vanguarda da luta: *É preciso, porém, que saibamos ocupar nossos lugares na história contemporânea (...) não há lugar para neutros ou anfíbios (...), o papel do intelectual e do artista é tão importante como o guerreiro de primeira linha*<sup>0</sup>. Oswald cita em *Telefonema* (pp. 108) os grandes lutadores sociais de suas épocas: Marx, Engels, Proudhon e Victor Hugo (sendo dois comunistas, um anarquista e um literato).

---

<sup>0</sup> Máximo Gorki (1868-1936), poeta comunista russo, em *O Ensino da Literatura*, dizia que o escritor é o olho, o ouvido e a voz de sua classe. Oswald deixou de ser comunista, mas em muitos aspectos continuou pensando como um. No que se refere ao papel do intelectual o escritor passou toda a sua vida discorrendo sobre o problema.

<sup>0</sup> *Caminho Percorrido*. In: *Ponta de Lança: Obras Completas*, pp. 100.

Numa carta a Érico Veríssimo, datada de 30/07/43, o autor de *Um Homem sem Profissão* refere-se, ao modo de Brecht, ao que ele considera como missão dos escritores: *Nós somos as vozes da sociedade*. E ainda: *São os literatos, os pintores, os escultores e os músicos as próprias vozes do homem através da sua atribulada história no planeta. E enquanto ele for homem não deixará de falar* (CHALMERS: *Telefonema*, páginas 84 e 69).

Sua candidatura a um cargo eletivo, que discutiremos em seguida, não inaugurava sua participação na vida política do país. Oswald apregoava aos escritores algo como uma organicidade gramsciana<sup>0</sup>.

A arte pela arte em nenhum momento serviu a Oswald. Para ele, o intelectual erra ao procurar ser um marginal ou cético, isolando-se de lutas e partidos. No sentido oswaldiano o escritor desempenharia um papel privilegiado de vanguarda revolucionária ou quando muito algo como uma responsável consciência moral: *Pois se alguém existe que mergulhe profundamente com suas antenas no âmago da sociedade é quem escreve* (ANDRADE, 1976:108).

Sobre a intervenção intelectual nos destinos humanos, Oswald de Andrade escreveu um artigo para o Estado de São Paulo, em 18/09/1943, onde descreve um histórico dessa intervenção, esta funcionando, para o escritor, como uma espécie de conserto nos rumos da civilização:

---

<sup>0</sup> Antonio Gramsci (1891-1937), teórico marxista italiano, idealizou o consagrado conceito “intelectual orgânico”. Segundo ele mesmo: *Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político...* In *A Formação dos Intelectuais*. In: GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

De Eschilo aos profetas judaicos, de Aristófanes e Plauto a Petronio e Seneca, dos filósofos da patristica aos nominalistas medievais, de Francisco de Assis a Thomaz Morus e Campanella, há todo um arco de ação que liga a intervenção correcional, progressista e polêmica dos escritores e artistas na marcha da civilização<sup>0</sup>.

Algo como escritor operante, conceito de Benjamin, Oswald emprestou militância às causas do Partido e aos seus ideais antropofágicos. Para Jorge Schwartz, Oswald de Andrade sempre encampou lutas: “*Oswald de Andrade foi tudo menos um autor de gabinete. E, apesar da reconhecida irreverência e contradição que marcaram sua personalidade, ele era capaz de dar continuidade a muitas de suas idéias, como a longa filiação ao Partido Comunista, de 1931 a 1945, ou a manutenção do ideário antropofágico até o fim dos seus dias*”<sup>0</sup>.

Nas eleições de 1950, Oswald de Andrade candidatou-se para a Câmara dos Deputados pelo estado de São Paulo pelo Partido Republicano Trabalhista, de Hugo Borghi<sup>0</sup>. Por dentro da política, mas se posicionando como *outsider*, Oswald lança a máxima de sua candidatura: *O voto é secreto. Prometa a quem quiser mas vote em Oswald de Andrade para deputado federal*. Oswald utiliza a coluna *3 linhas e 4 verdades*, que escrevia no jornal Folha de São Paulo para lançar as bases de sua candidatura. E a justifica dessa forma, usando como argumento os escritores e suas posições políticas (Telefonema, p. 108):

---

<sup>0</sup> “*O Intelectual e a Técnica*”: UNICAMP/CEDAE/IEL/Fundo Oswald de Andrade

<sup>0</sup> SCHWARTZ, Jorge. Oswald foi tudo menos um autor de gabinete. Folha de S. Paulo. 08/02/1992. In: LACERDA, p. 42.

<sup>0</sup> Comerciante paulista, participou do movimento constitucionalista de 1932, um dos organizadores do movimento queremista de 1945, ex-deputado pelo PTB getulista no mesmo ano.

No entanto, o escritor, talvez por escrúpulo ou por ceticismo sempre procurou ser um marginal, isolando-se de lutas e de partidos no correr de sua vida. Isso culminou nas “torres de marfim” do século passado. Enquanto poetas e literatos se afastavam orgulhosamente do povo, um movimento inverso se processava. Os grandes lutadores sociais dessa época foram escritores – Marx, Engels, Proudhon e o próprio Vitor Hugo participou. Qual seria o destino do socialismo sem a cabeça e a cultura de Marx?

O compromisso de Oswald expresso na coluna se afina com o ideário socialista que faz menção. As lutas sociais em meio ao regime democrático, via reforma, são seus pressupostos. Uma distância reservada do revolucionário antropófago de décadas anteriores, mas que revela um escritor que não negou a utopia e ainda encontra formas de luta. Acompanhem como enumera seus projetos de candidatura, uma postura mais branda de reformista:

Se for para a Câmara Federal, lutarei ali por um programa mínimo de reivindicações sociais, por exemplo a reforma agrária, a participação do operário na empresa, o ensino gratuito. E formarei contra o tubaronato, a guerra e as leis de exceção.

Sua plataforma incluía seis itens afirmativos: *pão-teto-roupa-saúde-instrução-liberdade*. Demonstra, principalmente no que refere à subjetividade do último termo, a sensibilidade do poeta, e talvez por ser a mais subjetiva, se torna mais significativa das quatro anteriores que derivam da necessidade concreta na vida do eleitor. Oswald dá mostras de que lado está. De olho no leitor/eleitor, o Oswald político procura campear votos junto ao assalariado da classe média, o trabalhador intelectual, a qual pertence:



Serei mais do que tudo o candidato (sic) do trabalhador intelectual, o jornalista, o homem do rádio, o professor, o técnico especializado, enfim, esse esquecido que tem um salário de fome e é obrigado a manter uma representação de gala.

O candidato acaba por não se eleger, mas utiliza o espaço da eleição para destilar uma arenga de crítica à obrigatoriedade do sufrágio, ao comportamento dos políticos tradicionais, voto venal e de cabresto muito comum na primeira república e práticas ainda em voga no seu período<sup>0</sup>, e pela tomada de consciência do eleitor, que significaria o povo tratar o político da maneira que é tratado.

A política não saboreou o gosto de ver Oswald produzir seus biscoitos finos no Parlamento. Talvez tenha sido melhor assim, o poeta não pisar no principal palco do debate público, a antropofagia não combina com burocracia.

Se para Oswald de Andrade, *a poesia existe nos fatos*, o que dizer da relação do poeta com o social? O poeta afirma: (...) *que esperança maior que esta – ver a humanidade guiada pelo poeta e pelo trabalhador?* E reafirma: *no monumento que unirá para sempre o poeta e o trabalhador.* (FONSECA, 1990:251).

Convidado pela administração do então prefeito Juscelino Kubitschek para a Semana de Arte Moderna, em maio de 1944 em Belo Horizonte, aquela que ficou conhecida como *a semaninha de arte moderna*, o turbulento Oswald de Andrade chamou atenção para a sua cruzada, pelo que ele chamava, de responsabilidade social do intelectual: *Oswald atacou em seguida o tema da responsabilidade social dos escritores e passou a distribuir bordoadas a torto e a direito. Desceu o pau em Alceu Amoroso Lima, convertido*

---

<sup>0</sup> Oswald fora atraído pela política, mas não fechava os olhos para as atitudes dos velhos políticos. Em 17/03/48 escreveu: *As raposas se farejam e dão botes simbólicos que não matam ninguém. Você verá dentro de pouco tempo, de braços dados, beltrano, sicrano e fulano traindo fulano, sicrano e beltrano...* (*Telefonema*, pp 155).

ao catolicismo, e desancou os escritores europeus exilados no Brasil.(BOJUNGA, 2001:158).

A vontade de potência de Nietzsche lida por Oswald, pode leva-lo à idéia do intelectual e do artista serem o referencial para os homens: *Que queria dizer tudo isso senão o mundo mudava, que a história mudava, que os semáforos que são os artistas<sup>0</sup>, os poetas e os escritores em geral, anunciavam a derrocada de um ciclo e plantavam o marco de uma idade nova?* (Ponta de Lança, pp. 106-107).

---

<sup>0</sup> Sobre isso Oswald também escreveu no jornal: *Em 22, nós, da Semana, agimos como semáforos. Anunciamos o que se cumpriu depois, o que está se cumprindo a nossos olhos.* (UNICAMP/CEDAE/IEL/Fundo Oswald de Andrade). Essa tese de Oswald de que os artistas são semáforos da raça, na realidade é uma paráfrase de Ezra Pound, em *ABC da Literatura*, onde aquele afirmava que o

### Capítulo 3:

#### História e Filosofia em Oswald de Andrade

##### Oswald e a História.

Já se disse que as grandes idéias vêm ao mundo mansamente, como pombas. Talvez, então, se ouvirmos com atenção, escutaremos, em meio ao estrépito de impérios e nações, no discreto bater de asas, o suave acordar da vida e da esperança. Alguns dirão que tal esperança jaz numa nação; outros num homem. Eu creio, ao contrário, que ela é despertada, revivificada, alimentada por milhões de indivíduos solitários, cujos atos e trabalho, diariamente, negam as fronteiras e as implicações mais cruas da história. Como resultado, brilha por breve momento a verdade, sempre ameaçada, de que cada e todo homem, sobre a base de seus próprios sentimentos e alegrias, constrói para todos.

Albert Camus.

Oswald historiador se articula com Oswald filósofo. Na cadeia de raciocínio do nosso autor não ocorre consagração de ambos os modelos enquanto espaços distintos do saber; no exercício de percepção do olhar estético de Oswald sobre ambas é possível visualizar um intercâmbio, um fornecimento de elementos para se pensar o homem como um todo indivisível. É possível perceber que História e Filosofia caminham juntas, *pari passu*, no terreno de sua obra, principalmente no que tange seus escritos de tese da última fase de sua produção, o novo *front* de sua vida.

Na visão oswaldiana, não deve faltar à história o ingrediente da reflexão filosófica, o que no seu julgamento faltava a Capistrano de Abreu. Uma declaração sua sobre o historiador é referência para percebermos essa dimensão. Sobre o erudito historiador

---

*poeta é a antena da raça.* Para Carpeaux (1968:110), Pound *foi um dos grandes produtores da poesia moderna.* Como Oswald, foi um neologista.

cearense, autor de *Capítulos de História Colonial*, reconhecido representante do tempo da história metódica, o poeta foi corrosivo: *era um bom arquivista. Faltava-lhe capacidade filosófica*<sup>0</sup>.

Sobre Oliveira Viana<sup>0</sup>, autor de *Populações Meridionais do Brasil*, obra de 1922, Oswald foi mais contundente, chamando-o de racista e elitista, denominando-o Ariano Oliveira:

A grave traição de Oliveira Viana se traduz pela conhecida frase torpe das iaiás de Engenho, que pretendiam exaltar o negro, dizendo que ele tinha uma ‘alma branca’. Nenhum erro mais inoportuno que a adoção por um brasileiro, saído do povo, desse preconceito de classe rica, de que a alma branca condensa todas as virtudes, enquanto a alma negra é o encarvoado ninho de todas as torpezas (...). Toda a obra de Oliveira Viana é sulcada dessa dulçorosa adulação ao branco, que tem feito a desgraça dos países coloniais e retirado a confiança necessária ao mestiço nacional no caminho de suas necessárias libertações.<sup>0</sup>

Em outra ponta, reverenciou a obra clássica *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, em uma de suas crônicas:

Se há ainda alguma coisa que salva este país, é a literatura. E a obra prima de Gilberto transcende da sociologia e da crítica para explender nisso que se pode moderna e realmente chamar de literatura...Em todos os sentidos é um grande livro. É um livro que marca a nacionalidade, um livro totêmico e raro. Some-se a ele a atividade literária que posteriormente Gilberto desenvolveu e a sua brava atuação pessoal na luta pela liberdades brasileiras<sup>0</sup>.

---

<sup>0</sup> ELEUTÉRIO. Maria de Lourdes, *Oswald – Itinerário de um Homem sem Profissão*, página 148.

<sup>0</sup> Obra polêmica para o estudo da cultura brasileira de Viana foi *Raça e Assimilação* (1932), onde o historiador defende a necessidade da miscigenação da raça negra. A crítica de Oswald, como dos intelectuais de esquerda da época, relacionava-se à relação próxima de Viana com o Integralismo.

<sup>0</sup> 09/03/1939. Coluna *Banho de Sol*, Jornal Meio Dia, Rio de Janeiro.

<sup>0</sup> Telefonema, 23/11/1946. UNICAMP/CEDAE/IEL/Fundo Oswald de Andrade.

Analisando seus escritos, percebemos que suas teses não se enquadravam no escopo acadêmico da História, menos Literatura, eram sim voltadas para a Filosofia. Seus textos foram produzidos no sentido de serem utilizados como requisitos formais para concursos na Universidade de São Paulo<sup>0</sup>. Neles, observamos que o trabalho de Oswald não se preocupava com a revisão bibliográfica, com a crítica historiográfica e trabalho minucioso com as fontes, fundamentos acadêmicos por ele ignorados - tanto por não ser familiarizado com tais formulações ou simplesmente por não concordar com as formalidades de escrita. O que aparentemente importava para Oswald era pensar a história do Brasil, e explicitar que suas hipóteses eram afirmações sobre essa história.

A polêmica, muitas vezes com injustos ataques desprovidos de uma formulação mais consistente, tinha como objetivo o choque na tradição que não escondia a pretensão de inauguração do novo, não apenas no que toca seu pretense caráter de vanguarda enquanto preocupação estética, mas o que tocava o *sapiens* de Oswald é uma nova proposta de interpretação histórica do Brasil. A história oswaldiana, mesmo ele se encontrando distante da militância partidária, não deixava de possuir uma mensagem politizante e uma dimensão utópica. Essa dimensão é estendida à interpretação que nosso autor manifestou a respeito do resultado da guerra holandesa<sup>0</sup>, onde um amálgama de três raças: negros, índios e luso-brasileiros derrotaram o conceito utilitário e comerciante.

---

<sup>0</sup> Teses: *A Crise da Filosofia Messiânica* e *A Marcha das Utopias*.

<sup>0</sup> Guerra Holandesa, Guerras Flamengas, Guerra do Açúcar, Guerra Brasília, Batalha dos Guararapes e Insurreição Pernambucana são nomes reconhecidos na historiografia sobre os anos de 1624 a 1654 da história do Brasil. Período marcado por conflitos entre os holandeses contra os luso-brasileiros, onde os batavos acabaram expulsos do nordeste brasileiro. Historiadores atribuem a vitória ao conhecimento das colinas, matas e areias de Pernambuco, destreza, agilidade e rapidez desenvolvidas pelos nativos no solo tropical. Capistrano de Abreu descreveu, segundo Reis (1998:74), os avanços e recuos da guerra contra os holandeses ao modo Varnhageniano: detalhadamente, como ritmo de um contemporâneo, de uma testemunha ocular. Para

No conflito do ócio contra o negócio, conforme referimos no capítulo 1 de nosso texto, o ócio venceu a áspera e longa conquista flamenga, no que Oswald denominará de guerra utópica. Em *A Marcha das Utopias* (In: *A Utopia Antropofágica*, p. 192), o assunto é tratado:

Eis o estado real em que se apresentam os antagonismos europeus, Portugal e Holanda, no início do conflito brasileiro. Isso em 1624. Quarenta anos depois, a Holanda, que arvorara no mastro de um navio capitânia uma vassoura para significar que varrera todos os mares, volta às suas fronteiras e diques, humilhada e vencida. Por quem? Um índio Poty. Por um negro – Henrique Dias. Por alguns luso-nacionais – Matias de Albuquerque, Fernandes Vieira, Luís Barbalho. Por um jesuíta - o orador sacro Antônio Vieira!

Eis a razão pela qual a nossa Guerra Holandesa pode ser chamada de guerra utópica.

O elemento índio (Poti), o elemento negro (Henrique Dias) somam ao elemento branco (os luso-nacionais) na formação da brasilidade. A estratégia de Oswald é contribuir na recuperação dos heróis reprimidos da História do Brasil. Diferente da política de branqueamento, Oswald objetiva, com suas teses, dar o devido tom colorido ao povo brasileiro e conferir ao povo, quando ressalta heróis populares, o papel de protagonista de sua própria história.

---

Capistrano, *vencia o espírito nacional, a vitória contra os holandeses revelou a nova identidade nacional, broto do sentimento de independência.*

*Ignorando que são os povos que dão independência aos reinos e não os reis que dão autonomia aos povos* (A Marcha das Utopias), Oswald, no Manifesto da Poesia Pau-Brasil, no ano de 1924, Oswald já evidenciava as forças primitivas de nossa história. *A base dupla e presente – a floresta e a escola*<sup>0</sup>, conforme afirmou Oswald, é o diferencial do europeu. Eles, os europeus, possuem a segunda, o Brasil possui ambas. A cultura brasileira privilegia-se nesse sentido, pois a matéria de estudo é o nosso próprio povo. As culturas interrompidas, recalçadas e não realizada na sua plenitude, do negro e do índio, são as referências que devem ser buscadas para a (re) construção da história do Brasil.

Nossos povos autóctones, tanto dos bons selvagens quanto os antropófagos; os quilombolas desde a sociedade do açúcar; os nativos guerreiros do Guararapes; João Cândido, líder da Revolta da Chibata; os imigrantes e “caipiras” de São Paulo são personagens recorrentes em teses e manifestos de Oswald e possuem o significado de demonstrar qual a qualidade de História que o poeta refletia, acreditava e deixou escrita. Como crítica a uma história que esqueceu seus verdadeiros heróis, o iconoclasta<sup>0</sup> Oswald eleva pessoas do povo no papel de protagonistas não apenas de pequenas histórias, mas da história de um país.

Afinal, pergunta Oswald, em *A Napoleão. Sem César*.

Veloso (1997:240-241) acredita que a força da visão sincrônica é a grande herança que deixou o modernista Oswald de Andrade. Sincronia que põe em questão os marcos

---

<sup>0</sup> *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. In: *A Utopia Antropofágica*, pp. 44.

<sup>0</sup> No seu *A Marcha das Utopias*, Oswald pontua sua crítica ao ufanismo presente no Mito Bandeirante, construído nos anos 1940 pelos historiadores Afonso Taunay e Alfredo Ellis Junior, que forjaram imagens de heróis destemidos e desbravadores paulistas, algo como os Três Mosqueteiros de Alexandre Dumas, aos bandeirantes piratas do sertão. Para o escritor... *O ponto nevrálgico da história paulista é o bandeirismo. Desde a escola primária, aprendemos a ver os desbravadores como “raça de gigantes” e outras sonoras tolices de que vivem professores incapazes e escritores fracativos. O bandeirismo é discutível... Se de fato os paulistas quebraram o mito diplomático de Tordesilhas, também fizeram inutilmente uma das maiores razias da história americana...*

cronológicos e os heróis destes, fazendo com que ocorra a superação da oposição centro/periferia.

A História, não apenas a expressão reduzida da História do Brasil afirma em Oswald de Andrade uma circularidade, da volta ao estado natural contra a tradicional linearidade dos eventos históricos e a marcha inexorável ao progresso. Nega a história pretensamente universal e progressista advinda da modernidade e consolidada no dezenove, de caráter ocidental. O antropófago não ignora a tradição, mas fundamentalmente a questiona, incorpora-a denunciando suas brechas.

Contra a história tradicional e linear, Oswald admite uma linha espiral de compreensão do tempo histórico que dá voltas em si mesmo antes e durante o seguir adiante (*As coisas/Vão e vem/Não em vão*, em *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão*). Uma história que vacila e progride, que avança e regride, que combina elementos do passado em confrontação e enlaçamento do presente, como no caso do aspecto de valorização do primitivo operado pelo homem antropófago, na dialética da antropofagia. *O progresso humano se processa por contradições e não caminha numa reta ascensional*, afirmou em *Meu Testamento*.

Portanto, a história e a filosofia se articulam, oferecendo alimento ao fundo prato da antropofagia oswaldiana. O fundar antropofágico de compreender o homem lança suas marcas em cada modo de olhar e compreensão fundado pelo próprio homem, no campo científico ou acadêmico. O repensar do homem evidencia a escrita de uma outra história, uma contrahistória oswaldiana. Para José Celso Martinez<sup>0</sup> Oswald se traduz no contraponto de uma história real que devora antropofagicamente os mitos:

---

<sup>0</sup> Entrevista a Tite de Lemos. Revista *Civilização Brasileira*. 1968, no. 2, pp 123. O teatro de tese de Oswald de Andrade que realiza a denúncia social foi posto no teatro por José Celso Martinez Correa. A produção de



Oswald ri disso tudo e furiosamente devora este Brasil de papelão fabricado pra substituto de nossa história real. Oswald é a possibilidade de um cultura crítica, fora do oficialismo, do lirismo, do romantismo político. E é o oposto disso. É a devoração antropofágica de todos os mitos criados para impedir este país de copular com a sua realidade e inventar sua história. Nesse sentido, é um monumento isolado.

A história do Brasil está na obra de Oswald, tanto na poesia Pau-Brasil, quanto em Marco Zero e em seus manifestos. É um convite para a leitura do presente tendo como guia o passado, propondo uma aproximação da realidade com a poesia.

É que Oswald de Andrade pretendia emprestar à poesia, à sua poesia, um sentido essencialmente brasileiro, constitui-la no meio, por excelência, de expressão nacional, não segundo um critério de feira de amostras, mas fazendo do caráter de realidade nacional a medida de toda essa poesia. Ora, a conversibilidade do fato brasileiro, de nossa realidade, em valor poético de curso forçado, isto é, irrecusável por ser brasileiro, tal como pleiteava o criador de Serafim Ponte Grande, implicava freqüentemente nada menos que uma mudança de sentido. Muito desses valores... para corresponderem à confiança que inspiravam ao manifesto Pau-Brasil, teriam de trocar de sinal, convertendo-se em positivos. Com a aparência de um blague literária sem maior significação, Oswald de Andrade nos convidava, pois, a uma revolução de espírito<sup>0</sup>.

---

“O Rei da Vela” marcou Celso, seu grupo e sua geração. O teatro experimental de Oswald demorou, mas encontrou seu palco.

<sup>0</sup> Prudente de Moraes, neto. Esta correspondência se encontra na série “*Literatura de Idéias*”, de 1941, escrita para Cultura Política e publicada com assinatura de Pedro Dantas a partir do primeiro número da revista do DIP. A passagem citada está no quarto artigo da série, conforme transcrição de Koffman, Georgina, em *Cartas de Mario de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. (1924/1926). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 320.

Em *Pau-Brasil*, poesia de exportação de Oswald de Andrade, o autor realiza uma analogia com o nosso primeiro produto disponível para o consumo externo, com marcas da arte primitiva<sup>0</sup>, sugerindo um questionando sobre a qualidade de nossa autonomia em relação ao europeu. O nacional não se desvincula, na proposta oswaldiana, do universal.

Principalmente no que toca a formação do povo brasileiro. O Brasil para Oswald é a Contra-Reforma, a realização da Utopia, do sincretismo racial e cultural contra o mecanicismo da Europa (Inglaterra, Alemanha) e América do Norte (Estados Unidos) representados pelos ideais da Reforma Religiosa do século XVI.

Nós brasileiros, campeões da miscigenação tanto da raça como da cultura, somos a Contra-Reforma, mesmo sem Deus ou culto. Somos a Utopia realizada, bem ou mal, em face do utilitarismo mercenário e mecânico do Norte. Somos a Caravela que ancorou no paraíso ou na desgraça da selva, somos a Bandeira estacada na fazenda. O que precisamos é nos identificar e consolidar nossos perdidos contornos psíquicos, morais e históricos.<sup>0</sup>

---

<sup>0</sup> Longe da ingenuidade, os escritos de *Pau-Brasil* são resultado de séria pesquisa empreendida por Oswald de Andrade sobre Gândavo e Capistrano de Abreu, tal estudo oswaldiano merece ser retomado, analisado e pormenorizado por historiadores e críticos.

<sup>0</sup> Oswald de Andrade, em *A Marcha das Utopias*.

Em *A Arcádia e a Inconfidência*<sup>0</sup>, Oswald junta-se à corrente majoritária de compreensão sobre a história do Brasil colonial, onde imprime destaque à exploração metropolitana sobre a colônia como fator decisivo e determinante na explicação de nosso não desenvolvimento. Em tom de denúncia, o escritor expõe:

Uma informação autorizada faz subir a cem milhões de esterlinos o ouro exportado do Brasil para a Metrópole durante o século XVIII. Esse ouro, particularmente o das Minas Gerais, ia, através de Lisboa, influir nos mercados financeiros da época, alimentando as forças do capitalismo nascente.<sup>0</sup>

Para Oswald, *os Inconfidentes são poetas a serviço do progresso humano e do futuro*. Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga, Inácio de Alvarenga Peixoto e Manuel Inácio da Silva Alvarenga foram poetas românticos na luta pela autonomia brasileira. Para Oswald, a Conjura está além da Arcádia:

Como movimento político, a conspiração de Vila Rica é o primeiro marco de uma nacionalidade em sua plena consciência autônoma. Como movimento literário, a Inconfidência representa uma ruptura com a Arcádia, com a sua gasta adulagem, com sua “elevada missão de matar os anseios humanos e diminuir toda sublevação”.

---

<sup>0</sup> Título de uma tese, apresentada por Oswald de Andrade na ocasião do concurso para a Cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1945.

<sup>0</sup> Oswald de Andrade, em *A Arcádia e a Inconfidência*. In: *A Utopia Antropofágica*.

Embora distante do rigor exigido pela formalidade acadêmica<sup>0</sup> que citamos anteriormente e que também tenha sido percebido por Antonio Candido<sup>0</sup>, Oswald realizou um trabalho de fôlego no campo da História e da Filosofia, embora o reconhecimento nestes campos ainda pareça distante de se efetivar.

### **Oswald filósofo.**

Sou também o oposto de um fanático e de um apóstolo e não suporto nenhuma sabedoria que não seja bem temperada com grandes doses de malícia e de bom humor.

Nietzsche, *Carta a Jean Bourdeau*, 1888.

Oswald de Andrade seguramente não foi um leitor sistemático, homem estudioso e metódico como Mário de Andrade, possuía sim boas relações que produziam boas conversas, além de articulação de idéias e capacidade de síntese, extraordinárias. Talvez muito do que escreveu sobre Filosofia foi de ouvido, distante da leitura e profunda reflexão.

Rubens Borba de Moraes (In: AMARAL, 1975:55) falou sobre a falta de leitura de Oswald

---

<sup>0</sup> Percebemos que faltava a Oswald de um maior rigor metodológico, o que é justificado pelo fato do escritor autor não estar vinculado à Academia e não dominar, por conseguinte, a linguagem utilizada nesse meio, muito embora o trabalho apresente como fontes para sua produção, documentos oriundos da Biblioteca Nacional, o Arquivo Público Mineiro, o Instituto Histórico, Geográfico e o Ministério da Cultura.

<sup>0</sup> Antonio Candido (1977:72) dizia que Oswald não possuía cultura filosófica organizada para tentar o concurso que pleiteava (esse diálogo de Candido com Oswald se deu em relação à tese *Crise da Filosofia Messiânica*, mas guarda o mesmo sentido para essa tese). Reproduzimos trecho do livro citado que considero relevante para compreendermos muito mais que a veia satírica de Oswald de Andrade, sua postura filosófica. O texto diz respeito a um depoimento de Antonio Candido sobre um diálogo que este teve com Oswald: “...*eu insistia com Oswald para não concorrer. Parecia-me uma situação muito técnica, para a qual não estava preparado e que poderia compromete-lo inutilmente (eu não entendia naquele tempo, como bom chato-boy, que um grande talento pode valer muito mais do que algumas toneladas de professores ‘tecnicamente preparados’). Ele protestava, dizendo que a Universidade deveria se abrir, que era um direito dele, etc. ‘Mas você não tem cultura filosófica organizada’, dizia eu. ‘Imagine de na defesa da tese Fulano (um examinador potencial, famoso pela truculência) faz perguntas em terminologia que você não domina’. ‘Dê um exemplo’, retrucou ele... ‘Bem só para ilustrar: se ele pergunta pernosticamente: Diga-me V. S. qual é a impoatção hodierna da problemática ontológica?’ E Oswald, sem pestanejar: ‘Eu respondo: V. Excia. Está muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.’” (grifo nosso).*

e apregoou ao escritor certo instinto de premonição vindo como uma espécie de compensação pela ausência do hábito da leitura:

Era brilhante, tinha uma verdadeira premonição das coisas. Não lia nada, teria quando muito lido uns 3-4 livros. Mas era capaz, após ouvir uma boa conversa, ou um comentário bem feito sobre um livro (...) de dissertar ou mesmo pontificar sobre o assunto como se o tivesse lido ou como se estivesse completamente integrado nele.

Em que pese o exagero de Moraes quando tenta quantificar de forma tão diminuta os livros que Oswald de Andrade lera, é razoável afirmarmos que formulou teses corajosas e mesmo no campo tão problemático e arenoso da filosofia, a leitura de suas teses demonstra-nos um poeta que se tornou estudioso, pois somente ouvidos e diálogos pertinentes não são garantia de um bom texto e reflexão de qualidade, são necessárias boas horas de leitura<sup>0</sup>. Distante do passeio de ficção das prosas, disparou lanças polêmicas de sua visão crítica do mundo e da sociedade de seu tempo. Sobre a luta de Oswald com os conceitos filosóficos assim pensou Eleutério (1989:100):

Não menos empreendedora, e por que não dizer temerária, seria sua produção ensaístico-filosófica. Por que um homem que aposta na concisão telegráfica de Miramar ou Serafim escreve também obras extensas, como Marco zero, e se dedica a temáticas que dependem mais de estudo e reflexão, como suas teses, em detrimento de uma maior criatividade que a ficção oferece? O extenso e múltiplo empreendimento visaria algo maior que a renovação das artes, configurando-se numa tentativa de entendimento do homem, de sua história e da

---

<sup>0</sup> Mário da Silva Brito, em *Santeiro do Mangue* (1991:15), na apresentação do poema do mesmo nome, vai desdizer o que muitos comentadores da obra de Oswald acusam, de ser pouco organizado com suas pesquisas e formas de escrita, confundido seus *modus vivendi* com seu *modus operandi*: *O homem imprevisto e repentino, que aturdiu os espíritos com suas réplicas instantâneas e ágeis, como autor tinha outro comportamento: era moroso, trabalhava laboriosamente os seus textos, punha-os em repouso para a eles voltar mais tarde, ora com o fito de cortar largos trechos, ora de crescê-los.*

vontade imperativa de mudanças. Sua luta não começa diretamente com os homens, mas com as palavras onde estes inscrevem seu poder.

Questiona Candido em *Digressão Sentimental sobre Oswald de Andrade* o motivo de não terminar *Marco Zero* (produzido dois, faltavam três volumes do projeto original), o autor respondeu: *Não. Agora só quero cuidar de filosofia, que é o mais importante. Filosofia é coisa séria, requer estudo e cultura. Romance qualquer um faz.*

*Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo.* A mensagem do *Manifesto Antropófago* refere-se à crítica à sociedade ocidental, trata-se da defesa de uma concepção matriarcal do mundo sem Deus, em *Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial*. Senão vejamos o que Oswald escrevera numa parte de suas memórias:

A fê que move montanhas. Daí a força das religiões que se contradizem, se batem entre si, mas dominam o mundo humano, totemizando a seu modo o tabu imenso que é o limite adverso – Deus. Por isso, não se encontra povo primitivo ou nação civilizada sem a exploração sacerdotal desse filão encantado que tece nossa esperança imarcescível. É a transformação do tabu em totem<sup>0</sup>.

A postura de Oswald de Andrade exposta na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*, era da *operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto ao valor favorável* (ANDRADE, 1990:101). Significa dizer algo sobre a consagração do herético, funcionaria como um culto, uma homenagem, uma superação do indivíduo e da sociedade de seus tabus, um ritual consagrado à rebeldia. Oswald buscou referência, especialmente para este problema, na obra *Totem e Tabu*, da

qual destacamos o trecho, do conjunto da psicanálise freudiana (1999:43-44), apresentando um sentido de harmonia com o pensamento de Oswald.

Já ouvimos dizer, embora sem compreendê-lo, que qualquer um que faz o que é proibido, isto é, que viola o tabu, se torna ele próprio tabu. Como harmonizar isto com o fato de o tabu se ligar não somente a uma pessoa que fez o que é proibido como também a pessoas em estados específicos, aos próprios estados, bem como objetos impessoais? Qual pode ser o atributo perigoso que permanece o mesmo em todas essas condições diferentes? Só pode ser uma coisa: a qualidade de excitar a ambivalência dos homens e de tentá-los a transgredir a proibição.

A transformação do tabu em totem no propósito de Oswald orienta-se no sentido da instituição simbólica do parricídio original, de se buscar um fim derradeiro para a família patriarcal, em consequente com a civilização ocidental (representada no campo religioso pelo cristianismo) e seu sucedâneo, qual seja a lógica cartesiana e a primazia da racionalidade que o ocidente preconiza.

Degustou Kierkegaard<sup>0</sup>, a quem considerava um louco existencialista contra Descartes, Hegel e o reino da virtude e da lógica. Na sua coluna *Telefonema*, Oswald comentou sobre as idéias do pensador dinamarquês e sua importância para o homem do século XX, depois das grandes guerras:

E como a condução espiritual do mundo tivesse fracassado com o desgaste nos métodos do marxismo e nos postulados do cristianismo, é na filosofia existencial

---

<sup>0</sup> ANDRADE, O. *Um Homem sem Profissão*, p. 96

<sup>0</sup> Soren Aabye Kierkegaard ((1813-1855), pensador dinamarquês, autor de *Temor e Tremor* e o *Conceito de Ironia*. Escreveu sobre o indivíduo e sua existência, considerado o precursor do existencialismo, influenciou Nietzsche e Sartre. Para ele, a entidade indivíduo está num plano superior dos campos filosóficos ou psicológicos, deu ênfase significativa à subjetividade humana, idéia muito em voga nas últimas décadas do século XX e início deste.

que o homem contemporâneo busca seu livre compromisso. Para os epígonos de Kirkegaard (sic) a vida é absurda. E no absurdo eles se decidem ou se enforcam. Como no começo, acontece ao homem encontrar-se ante o “nada”. No “nada” ele se engaja ou contra ele luta<sup>0</sup>.

A preferência de Oswald, nesta fase de sua vida, pela utilização do ensaio, como caminho para um pensar filosófico aproximou-o teoricamente de Camus<sup>0</sup>, bem como o antidogmatismo de qualquer espécie que o nosso autor, um ex-comunista também como aquele, professará. Camus certamente forneceu sua contribuição para o veio sarcástico do nosso autor, bem como emprestou instrumentos intelectuais para o processo de construção do agnosticismo de sua filosofia, bem como nas suas formulações críticas de revolta ao pensamento marxista e aos messianismos.

Em *O Homem Revoltado*, Camus, leitor de Nietzsche, Rimbaud, Hegel, Stirner e Marx, assim como Oswald, sistematizará seu pensamento político, aqui reproduzido por Manuel da Costa Pinto (1998:188-189) como uma escritura estranha ao rigor dos cânones filosóficos:

Em toda revolta se descobrem a exigência metafísica da unidade, a impossibilidade de apoderar-se dela e a fabricação de um universo de substituição. A revolta, de tal ponto de vista, é fabricante de universos. Isto também define a arte. A bem dizer, a exigência da revolta é em parte uma exigência estética. Todos os pensamentos revoltados (...) manifestam-se numa retórica ou num universo fechado. A retórica das muralhas em

---

<sup>0</sup> Oswald de Andrade: *Do Existencialismo*, 4/10/1947: UNICAMP/CEDAE/IEL-Fundo Oswald de Andrade.

<sup>0</sup> Albert Camus (1913-1960), romancista, contista e dramaturgo argelino, talvez o seu principal amigo intelectual estrangeiro, muito influenciou Oswald de Andrade na sua fase filosófica. Considerado existencialista, a filosofia camusiana conflitava teoricamente com a de Sartre, devido à estreita proximidade deste com o marxismo e o chamado socialismo real (considera-se a complexidade da relação de Sartre com o marxismo e a impossibilidade desse texto tratar isso). Autor de *A Peste*, *O Estrangeiro*, *A Queda*, *Diário de Viagem* e *O Mito de Sísifo*, *O Verão*, *Núpcias*, *O Averso* e *o Direito*, *O Homem Revoltado*, sua obra de maior referência, Camus, como Montaigne e Pascal, utiliza-se fartamente do ensaio, gênero que se localiza na encruzilhada da ficção e a filosofia.



Lucrécio, os conventos e castelos trancafiados de Sade, a ilha ou o rochedo romântico, os cimios solitários de Nietzsche, o oceano elementar de Lautréamont, os parapeitos de Rimbaud, os castelos aterrorizantes dos surrealistas que renascem fustigados por uma tempestade de flores, a prisão, a nação entrincheirada, o campo de concentração, o império dos escravos livres ilustram, à sua maneira, a mesma necessidade de coerência e de unidade. Nestes mundos fechados, o homem pode afinal reinar e conhecer.

Assim como Foucault e antes dele, como Nietzsche e depois dele, Oswald questiona os cânones e códigos hegemônicos e aponta com o seu olhar a necessidade do sincretismo, como multiplicidade; no valorizar da alteridade para pensar culturas diversas nas suas variadas formas de pensamento. As obras filosóficas das utopias oswaldianas apontam na direção dos variados entendimentos sobre diversos signos, como a literatura e crítica, história e a própria filosofia, numa linguagem particular que guarda distância do academicismo, mas que permite um maior limite de compreensão.

Num ensaio para a *Revista Brasileira de Filosofia* o crítico, tradutor e ensaísta Roberto de Paula Leite (1980:288-296) coloca em suspeição a afirmação de um pensar de caráter filosófico a Oswald de Andrade. Sua figura representava *um quadro curioso do homem Oswald, esteta revolucionário, sim, mas, filósofo, não*. Afirma ainda que Oswald fora *mais um crítico do que um pensador*.<sup>0</sup> O autor do ensaio talvez não tenha percebido que Oswald naquele momento (1936) não queria ser reconhecido como tal e não se considerava filósofo, trilhando esse caminho somente anos mais tarde, embora já havia iniciado suas reflexões filosóficas, ainda que de forma esboçada, na Antropofagia de 1928.

Em *Um Homem sem Profissão* (1990:87), Oswald lembra que, quando menino, desejava estudar Filosofia em Paris, mas a família não dispunha de condições para tal

---

<sup>0</sup> Leite se subsidia para as afirmações apenas em uma única fonte, uma obra de Hegel, *Mouceaux Choisis*, adquirida pelo autor em um sebo, que pertencera a Oswald de Andrade, com anotações desse.

empreitada. Acabou por estudar no Largo de São Francisco, por falta de opção, onde teve de provar, segundo ele, o vírus do Direito Justiniano, um enorme antagonismo em relação ao seu instinto de homem livre.

Sendo um homem que sempre se pautou teoricamente no campo e conceito da dialética, da hegeliana a de Marx, sofreu também com esses conceitos. Em *Serafim Ponte Grande*, o autor assumiu passar por um sarampão antropofágico. Norte (1994:127) faz alusão a um outro estado febril de Oswald, o stalinismo (período de Oswald trabalhado no capítulo 2, quando do seu alinhamento a Browder). No momento que destacamos para nosso estudo, Oswald sentiu a febre definitiva da filosofia, como síntese dos anteriores.

Lendo a obra de Oswald de Andrade percebemos que ele jamais deixou de ser antropófago, como também não se livrou por completo do conceito de luta de classes<sup>0</sup>, o velho e bom verbete marxista.

Décio Pignatari, um dos nomes do concretismo, idealiza a conexão de Oswald com o pensar filosófico. Em dos prefácios de *Um homem sem profissão* (páginas 8 e 9), afirma que depois de Machado de Assis, Oswald é o nosso único escritor-pensador:

Machado de Assis não deve nada a Jorge Luís Borges como pensador – e é melhor escritor, Oswald também. Assim como Borges supriu a lacuna pensamental argentina – e hispano-americana, em geral -, Machado e Oswald tentaram desertar do deserto pensamental em língua portuguesa.

---

<sup>0</sup> Marx foi de uma sensatez tremenda ao associar o antagonismo e interesses distintos das classes ao seu conceito de luta de classes; nesse particular pensamos que o pensamento marxista continua atualizado, pois conflitos e crises são motores da História, porém não necessariamente culminando num desaguar para o socialismo, como previu o pensador. Lembramos que o conceito de Luta de Classes sendo marxista, não é

### **Antropofagia oswaldiana: o signo da devoração.**

Está mais próximo do homem natural quem come caviar  
com gosto do que quem se abstém de álcool por princípio.

George Bernard Shaw

Consideramos relevante uma descrição acerca das características do tema da Antropofagia por entendermos ser uma discussão chave para se compreender a medida da retomada de Oswald de Andrade à filosofia antropofágica, face mais marcante do multiartista<sup>0</sup>.

Oswald opera um retrabalho com os conceitos antropofágicos engavetados em algum espaço de sua memória, por um lado, mas presentes noutros momentos de sua produção, inclusive no período anterior de ortodoxia do marxismo. Oswald filósofo, espaço de nossa maior atenção, passou mais de uma década no processo de digestão da cultura teórica que serviu de alimento na sua mocidade, a carne viva da antropofagia.

---

propriamente de Marx, sendo reelaborado pelo pensador alemão. A origem do conceito encontra-se em Condorcet (1743-1794), em *Manifesto do Século XX*.

<sup>0</sup> A produção mais criativa de Oswald se deu enquanto formulador da filosofia antropofágica, onde passou a pensar o homem com um todo cultural. Suas obras escritas no período de atuação comunista são romances datados e com uma carga profética muito grande, elemento que será analisado em forma de severa crítica pelo autor no momento da escrita de suas teses.

Como estética literária, concebe-se a Antropofagia como uma escola<sup>0</sup> nascida em 1928 com o Manifesto<sup>0</sup>, mas como construção cultural ela permeia todos os momentos da literatura realista brasileira, notadamente donde se discute a relação colonizador/colonizado e modernidade/nacionalidade. Antropofagia, por conseguinte, é uma interpretação nova, porém não inédita de Oswald e apoiada por Mario de Andrade, como também não deve ser compreendida como um novo olhar estético e artístico simplesmente.

### **O primitivismo de Oswald**

A origem da Antropofagia deriva sim da representação literária do canibalismo, mas tem preocupação, de sutileza metafórica, do viés de redefinição dos caminhos das letras. Ousada, porém com conteúdo, pretende oferecer a possibilidade de uma nova leitura da história do Brasil, revivendo o modo-osso autor - a forte filosofia de Nietzsche, o materialismo de Marx e, por fim, o inconsciente de Freud.

---

<sup>0</sup> Não uma escola literária ou artística no sentido convencional normativo no domínio tradicional do campo literário; na nossa visão, uma leitura filosófica desgarrada e crítica, uma forma de diálogo livre com as idéias do mundo.

<sup>0</sup> O *Manifesto Antropófago*, criação oswaldiana, foi publicado na *Revista da Antropofagia* de 1º de maio de 1928. Embora pertença à fase modernista, é precisamente um desdobramento dela. No Manifesto, Oswald invoca a *revolução caraíba contra as verdades dos povos missionários*, anuncia o mundo livre, *sem complexos, loucura, prostituição e penitenciárias* na sua proposta de sociedade, baseada no *matriarcado de Pindorama*. A *Revista da Antropofagia*, por seu turno, recebia “saborosas” contribuições de Oswald de Andrade; circulou de maio de 1928 a fevereiro de 1929 (primeira dentição) e de março a agosto de 1929 (segunda dentição) publicadas no *Diário de São Paulo*. A primeira dentição (termo antropofágico) tem como diretor Alcântara Machado e na gerência Raul Bopp; na segunda há um revezamento na direção, mas mantém-se o secretário (perpétuo açougueiro no entendimento dos antropófagos) Geraldo Ferraz.

Em *A Crise da Filosofia Messiânica*<sup>0</sup>, Oswald de Andrade defende a ritualização da conduta antropofágica, que fora citada por Homero e encontrada entre os povos americanos das civilizações Asteca, Maia e Inca:

Que não o faziam por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a idéia de exprimir um modo de pensar, uma visão do mundo, que caracterizou certa fase primitiva de toda a humanidade<sup>0</sup>.

Pedro Lyra assim define esse abocanhar do brasileiro: *A contrapartida abrasileirizante desses fatos seria uma deglutição da influência estrangeira: a devoração do texto europeu, não para uma mecânica e comprometedora adaptação ao clima nacional, mas para uma apropriação de táticas sorvidas na própria fonte da dominação e, assim armado, poder combatê-la e superá-la*<sup>0</sup>. Exprime na versão paródica e avessa no Manifesto, da dialética shakespeariana de Hamlet: *Tupi, or not tupi that is the question*. No sentido da devoração oswaldiana, o Brasil, mais que aprender a fazer literatura deveria devorar para superar a criação européia<sup>0</sup>, não no sentido qualitativo, mas no sentido filosófico de busca de sua autonomia.

William Shakespeare, dramaturgo inglês, escreveu nos anos de 1611-1612 a peça *A Tempestade*, que pode ser concebida no seu interior elementos da antropofagia na relação

---

<sup>0</sup> Oswald escreveu para a Cátedra de Filosofia da Universidade de São Paulo a tese “A Crise da Filosofia Messiânica”, mas a inscrição foi impossibilitada baseada em decisão de Conselho Nacional de Educação de não permitir inscrição para quem tem formação estranha à área. Oswald tinha formação em Direito e livre docência pela própria universidade na área de Literatura. Nesta tese, Oswald apresenta seu novo e definitivo caminho: antropófago, dialético e teorizador do ócio.

<sup>0</sup> ANDRADE. Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990 (Obras completas), p. 101.

<sup>0</sup> Esse trecho é retirado do prefácio escrito por Pedro Lyra para a obra de Lúcia Helena *Uma Literatura Antropofágica* (1983:15).

<sup>0</sup> Oswald tenha ensinado, embora não o percebesse, que a próprio ato de leitura é uma atitude antropofágica, donde se deglute o conhecimento alheio e utiliza-o da forma que convier. Na obra *Serafim Ponte Grande*, o autor forneceu cabal filosofia a esse respeito com os dizeres: *Direito de ser traduzido, reproduzido e*

colonizado/colonizador, *uma alegoria da vida na colônia* (ROSA, 1994). Satiriza, na obra, o mito do bom selvagem, criação de Montaigne consagrada por Rousseau. Caliban (anagrama de canibal) o antropófago, resistia ao poder cultural do europeu, servindo-se do próprio no jantar. O caliban shakespereano aprendera a língua do colonizador para melhor praguejá-lo, como nessa passagem do diálogo dele com Próspero, seu senhor (s/d:18):

*Tu me ensinaste a falar e o único proveito que tiro disso é poder amaldiçoar-te. Oxalá a peste rubra te mate, por me teres ensinado a tua linguagem!*

*Encaixo, somo, incorporo*, dizia Oswald sobre si próprio, poderia incluir na frase o verbo devorar. Postura oswaldiana que plasmou pela antropofagia, Oswald foi a figura mais representativa desse modo de pensar e agir na literatura e do homem brasileiro.

Para o poeta ser antropófago é ter, sobretudo, uma atitude antropofágica. Não sendo simplesmente uma tese, é uma crença. Raul Bopp, parceiro de Oswald na Antropofagia, se referiu a uma suma antropofágica. A idéia seria a

(...) formulação de bases teóricas de dois assuntos: uma Sub-Religião do Brasil e uma Suma Antropofágica. Para a primeira tese, procurava ele fundamentos de unidade para uma seita religiosa tipicamente brasileira, isto é, construída com o substratum de crença dos três grupos raciais que formam os alicerces étnicos do Brasil (...) A Suma Antropofágica, seria de natureza essencialmente política. Consistiria em uma série de notas e advertências que formariam um tratado de Governo, isto é, como seria, no Brasil, um governo de formação antropofágica.<sup>0</sup>

Para Oswald, *a Antropofagia pode ser considerada como a primeira reação consciente contra os imperialismos que ameaçam hoje a nossa independência...*(1974:06).

---

*deformado em todas as línguas*. O poeta antropófago entregava de bandeja para o mundo seu arroz com feijão temperado com uma boa carne.

<sup>0</sup> BOPP, Raul. *Movimentos Modernistas no Brasil* (1922-1928). In VERONA, Tânia, p. 103.

Essa tese de Oswald, bem como as de Bopp, que relacionamos acima, fariam parte do I Congresso da Antropofagia, que seria em 11/10/1929 e não se realizou. Metaforicamente, a utopia antropofágica saiu fortalecida com a não realização do utópico congresso.

Oswald emprestaria os instrumentos intelectuais para se repensar o Brasil pelo olhar do primitivo, através da revolução com base no *instinto caraíba* desejado, mobilizado e manifestado pelo Manifesto Antropófago, num processo de descolonização (BOPP, 1977:41). Os antropófagos, ao idealizarem uma subgramática para a nova língua nacional, recuperam Lima Barreto e avançam no sentido de valorização dos costumes populares. Ainda segundo Bopp: *No velho baú da língua portuguesa, enriquecido com palavras autênticas da fala popular, de raízes no folclore nacional.*<sup>0</sup>

Mário de Andrade, autor de *Macunaíma*, formidável produção antropofágica, como contraponto à *Paulicéia Desvairada* e ao Serafim urbano, revela um autor antropófago<sup>0</sup>, irônico que parodia o estar e ser máquina da moderna civilização. Anuncia o contraditório como elemento do homem no espaço urbano, a cidade de São Paulo como síntese do Brasil, com traços modernos e ao mesmo tempo insensata e racional, mas maravilhosa como a floresta, estabelecendo uma relação entre a selva mata e selva pedra da nossa brasilidade:

---

<sup>0</sup> Idem, p. 104.

<sup>0</sup> Mário de Andrade, amigo e parceiro de Oswald nas correntes do Modernismo, acabou por tomar caminho teórico distinto. Muito foi escrito sobre suas semelhanças (poucas) e diferenças (muitas). Mário era republicano membro do Partido Democrático, Oswald antropófago no Partido Comunista; esse intuitivo, polemista e cosmopolita, o outro disciplinado, erudito e matavirgista. Tornaram-se respeitosos desafetos, mantendo-se esta relação até o falecimento de Mário, fato que muito emocionou Oswald. Ainda sobre a comparação entre ambos, podemos afirmar que Oswald é o ponta-de-lança, quase um centroavante do modernismo, Mário um bom meia-armador. Oswald é o poder flutuante, nômade e imprevisível; Mário é centrado, reto, quase correto. Embora aprendemos mais com Mário, precisamos viver em Oswald.

As onças-pardas não eram onças-pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges mármons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorjetas postes chaminés...Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina!<sup>0</sup>

Ponta-de-lança arguto da nossa antropofagia cultural, Oswald reivindica uma valorização do nosso primitivo modo político, social, cultural e antropologicamente recalcado, diferentemente do nacionalismo auriverde, Oswald *soube enfrentar o apogeu do verdeamarelismo e o Sr. Plínio Salgado*<sup>0</sup>.

Confrontar o sentido modernista dos integrantes do grupo conhecido como *Anta* que Oswald e parceiros consideraram xenófoba por demais nacionalista. Os membros de relevo do grupo eram Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Cândido Motta Filho. Também ufanista era o nacionalismo de Alceu Amoroso Lima, não compactuado por Oswald e seus parceiros da Antropofagia. Emblemática a crítica alimentada de sátira unvida por Oswald no ataque à Escola da Anta. Esta crônica chamada *Antalogia* foi publicada na Revista Clima no. 4, na Revista Antropofagia n. 2, selecionado por Vera Chalmers em *Telefonema*, que reproduzimos um fragmento:

Pois vou-vos contar de pedanta grei, da qual recebi dois agravos durante a semana, que por certo esfalfaram as vísceras agravantas, demonstrativos porém ambos de espírito antanho e garganta que não sacode pedras mui longe do antro em que se antola. Antigamente os homens que nasciam sob o signo da estrela Antares só bebiam cerveja Antártica. Hoje os

---

<sup>0</sup> Andrade, Mário de. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Círculo do Livro, sd., pg. 41.

<sup>0</sup> Ponta de Lança, página 42.



antólogos bebem da água vasanta e caçam moscas por papagaios. Por isso decidiram fundar a Escola Purganta e trinchanta em mão fingir de tribu sacripanta. Ora vai que se empalaram na figura de retórica chamada de nome antanagoge que dá ganho de causa ao adversário utilizando dos meios primeiro empregados pela inicial litiganta...

Oswald também sabia ser sério. Rompera com a postura nacionalista que acabou por produzir o Integralismo, já a partir do disparo do processo da Antropofagia (a vanguarda da vanguarda) na década de 20. Ele buscava com seu grupo o estabelecimento de uma identidade cultural não colonial, tendo como elementos o tripé: negro, europeu e índio. Perspectiva antropofágica que procura no outro o objetivo de achar nós mesmos. Assim pensou Maria de Lourdes Eleutério (1989:58-59):

Nossa identificação é buscada no índio. O nacionalismo brasileiro o faz seu futuro. O índio é a nossa mais evidente originalidade ao pensarmos sobre nossas diferenças em relação à Europa. Múltiplos caminhos tomas as elites culturais preocupadas com o que somos: resgatar nossas fontes primitivas da opressão civilizatória da colonização; valorizar o nacional; “utopizar” o futuro; empreendimentos tanto para antropófagos quanto para integralistas. Porém, os últimos pensam a confluência com as vanguardas européias como perniciosas e, portanto, indesejáveis.

A reflexão que produz a inflexão não se configura como uma volta inexorável ao passado do primitivismo (como queria os cubistas, de pretender a reconstituição do mundo a partir dos elementos primitivos) ou como se acentua na linguagem ocidental, à barbárie, mas configura-se como um projeto de futuro. Não substitui a verdade do colonizador pela verdade do colonizado, mas critica fundamentalmente o próprio instituto da verdade, de forma dialética, da tríade hegeliana.

O homem natural tecnizado, resultado do processo operado pela dialética oswaldiana, está à milhas marítimas do simples adaptação de Marinetti, como denunciavam seus detratores, mas além dele. O homem natural como vontade de Oswald, por sua vez, não seria o homem abandonar os estofados de seus apartamentos e embrenhar-se nas matas, mas sim a partir do conforto propiciado pela técnica, aproximar-se do ócio:

(...) evidentemente eu não quero o retorno à taba e sim ao primitivo tecnizado. A técnica está se incumbindo aliás de nos levar a mais de uma concepção primitivista, como seja a conquista do ócio, o matriarcado etc.

Mesmo nos momentos de atuação no Partido, Oswald sentia a Antropofagia transitar por suas veias. Vacina antropofágica contra as religiões. Do manifesto. *É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus*<sup>0</sup>. Ceticismo diante da civilização ocidental. O ocidente nos mandou com o messianismo todas as ilusões que escravizam (FONSECA, 1990:257).

O escândalo que Oswald provoca com a alusão ao canibalismo não muito agradável aos olhos do leitor comum é muito caro ao poeta pensador. O choque na tradição e nos conformismos é transparente na provocação antropofágica. Ainda segundo Benedito Nunes, no seu texto *Metafísica Bárbara* (In Utopia Antropofágica:15)

(...) a palavra antropofagia é lançada como pedra de escândalo, destinada a ferir a imaginação do leitor com a lembrança desagradável do canibalismo, transformada em possibilidade permanente da espécie. Ela funciona como engenho verbal ofensivo, instrumento de agressão pessoal e arma bélica de teor explosivo, que distende, quando

---

<sup>0</sup> ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*, 1928.

manejada, as colas tensas das oposições e contrastes éticos, sociais, religiosos e políticos, que se acham nela comprimidos.

### **A crítica ao Brasil.**

Essa arma é empregada para atacar um inimigo cujas faces são: o aparelhamento colonial político-religioso repressivo (representado pelos jesuítas catequistas e pelos mandatários da coroa) sob o qual se formou a civilização brasileira, a sociedade patriarcal com seus padrões morais de conduta, as suas esperanças messiânicas, a retórica de sua intelectualidade, que imitou a metrópole e se curvou ao estrangeiro, o indianismo como sublimação das frustrações do colonizado, que reproduziu atitudes do colonizador.

A antropofagia está de braços abertos aos europeus descontentes. Para entendermos não apenas o Brasil, mas também o Sul América. A Antropofagia, para Leiyla Perrone-Moisés (2000:209) é *a única verdadeira novidade do modernismo brasileiro*.

Com o seu Manifesto, *Oswald de Andrade captou, em sínteses fulgurantes, os principais problemas de seu país: a opressão colonial...a catequese...o patriarcado e finalmente o colonialismo cultural*.

*O Manifesto Antropófago, no entendimento de Nicolau Sevcenko (1998:24), propõe inverter essa lógica colonial. Ver a Europa com os olhos da criança que viu o rei nu. Inventa o olhar brasileiro. Usar o automóvel para descobrir a poesia da mata atlântica. Usar os potenciais da modernidade para sacudir a dependência cultural.*

Enquanto símbolo da devoração, a Antropofagia para Benedito Nunes (1990:15), possui um simultaneamente um caráter metafórico, diagnóstico e terapêutico. Como

metáfora, é inspirada na cerimônia guerreira da imolação pelos tupis do inimigo valente apresado em combate, englobando tudo quanto devíamos repudiar, assimilar e superar para a conquista de nossa autonomia intelectual. Como diagnóstico, trata da sociedade brasileira, traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento. Como terapêutica, constitui reação violenta e sistemática contra os mecanismos sociais e políticos, os hábitos intelectuais, as manifestações literárias e artísticas, que, até à primeira década do século 20, fizeram do trauma repressivo, de que a catequese constituiria a causa exemplar, uma instância censora, um Superego coletivo. Nesse combate sob forma de ataque verbal, pela sátira e pela crítica, a terapêutica empregaria o mesmo instinto antropofágico outrora recalçado, então liberado numa catarse imaginária do espírito nacional.

### **A utopia antropofágica.**

A utopia da antropofagia seria a assimilação pela degustação dos valores do outro, a dialética da assimilação antropofágica dos valores europeus, num estágio cultural posterior em que tanto a sociedade patriarcal quanto o próprio regime capitalista seriam superados.

No anunciado Primeiro Congresso Brasileiro da Antropofagia, propugnam pelo divórcio<sup>0</sup>, pela maternidade consciente, pela impunidade do homicídio piedoso (eutanásia), pela supressão das academias e sua substituição por laboratórios de pesquisas e outras propostas ainda polêmicas nos nossos dias.

---

<sup>0</sup> Observamos que o divórcio foi regulamentado no Brasil somente em 26/12/1977, as outras teses que os antropófagos naquele momento defendiam, ainda se configuram como tabus na sociedade brasileira. Leitor de Maupassant, Oswald afirmou em suas memórias (*Um Homem sem Profissão*) que *o tarado é filho da falta de divórcio. Na Europa, o amor nunca foi pecado. Não era preciso matar para possuir uma mulher. Não havia*

Para Oswald, a *Antropofagia é o culto à estética instintiva da terra nova*. O ato simbólico inaugural do ano I proposto por Oswald remete ao ato cultural vivido pelo bispo Sardinha um ato heróico da terra das palmeiras. Verdadeiro fim de Serafim a Antropofagia, para a principal biógrafa de Oswald, *pode ser considerada como a primeira reação consciente contra os imperialismos que ameaçam hoje a nossa independência. Basta dizer que ela propunha uma reforma do calendário nacional. Nosso ano I seria o da devoração do bispo Sardinha pelos índios Caetés na Bahia* (FONSECA: 1990:246-247).

Confessadamente assumiu suas influências, além de Montaigne e Freud, o filósofo existencialista francês do pós-guerra Jean-Paul Sartre. Segundo Oswald *o ideário de Sartre robusteceu minhas posições de 28*. O antropófago foi influenciado, mas acabou por deixar marcas em gerações futuras no seu país. A vertente modernista capitaneada por Oswald de Andrade acabou por influenciar a poesia concreta dos herdeiros do Modernismo, irmãos Augusto e Haroldo de Campos; o cinema novo de Gláuber Rocha; o teatro dionisíaco de José Celso Martinez Correa; e o Tropicalismo de Gil, Torquato, Tom Zé, Mutantes e Caetano. Sobre tal influencia, o último, em *Verdade Tropical* (1997:257), escreveu sobre o conteúdo de Oswald que serviu aos tropicalistas:

Oswald de Andrade, sendo um grande escritor construtivista, foi também um profeta da nova esquerda e da arte pop: ele não poderia deixar de interessar aos criadores que eram jovens nos anos 60. Esse “antropófago indigesto”, que a cultura brasileira rejeitou por décadas, e que criou a utopia brasileira de superação do messianismo patriarcal por um matriarcado primal e moderno, tornou-se para nós o grande pai.

---

*lá sanções terríveis como aqui pelo crime de adultério ou sedução. Enfim, o que existia era uma vida sexual satisfatória, consciente e livre* (1990:78). Em *Santeiro do Mangue*, obra terminada em 1950, mas escrita na sua maior parte no período de militância partidária de Oswald, o autor encarna um estudante marxista, denunciador da hipocrisia das elites: *O que importa a uma sociedade organizada é possuir e manter o seu esgoto sexual. A fim de que permaneça pura a instituição do casamento. Para que não seja necessário o divórcio. E vigorar a monogamia e a herança. A burguesia precisa do Mangue* (1991:38).

Ainda Caetano, agora na página 245 da mesma obra, neste momento ressaltando a força da linguagem oswaldiana:

(...) Com sua visão erotizada da política, sua linguagem não linear, seu enfoque bruto de signos que falam por si na revelação de conteúdos-tabus da realidade brasileira -, parecia ter ficado reprimida pelas forças opressivas da sociedade brasileira – e de sua intelligentsia -, à espera de nossa geração.

Nos nossos dias a utopia da antropofagia continua demonstrando suas marcas, como no samba-enredo da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense para o Carnaval<sup>0</sup> de 2002 da cidade do Rio de Janeiro:

Campos... Terra dos índios Goytacazes  
São ferozes, são vorazes  
Vida de antropofagia  
Na Europa, a notícia rolava  
Homem branco se assustava  
Índio come gente... Quem diria!

Um dia, com fome de amor, ô, ô, ô, ô  
Nosso herói se apaixonou  
Um momento de magia  
Peri beijou Ceci... Ao som do Guarani  
Um gesto de brasilidade  
Com o tempo,  
um novo índio se vestiu de ousadia  
Num ritual de liberdade

---

<sup>0</sup> Carnaval, não por acaso, é um espaço privilegiado para a plenitude da cultura antropofágica, processando uma *carnevalização da literatura* (citada por ARRUDA, 1987:234) conceito que se ampara na teoria de carnavalização de Mikhail Bakhtin, presente na obra *Problemas da Poética de Dostoievski*, segundo a qual o

E deu Tupy, or not Tupy  
 Eis a visão do artista  
 Nessa nação tupiniquim  
 Índio virou um anarquista...<sup>0</sup>

Nada mais antropofágico, nada mais natural. Desse modo expressou-se Paul Valéry: *Nada há de mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiros assimilados.*<sup>0</sup>

De Olavo Bilac, no poema *Pátria: Criança, não verás nenhum país como este! País de Oswald de Andrade, país de carnaval, Brasil da Antropofagia.*

### **A crítica ao messianismo do materialismo histórico: um chute no totem.**<sup>0</sup>

*Ver com os olhos livres:* Oswald tecia críticas ao messianismo do materialismo histórico, para isso aponta a Antropofagia, que se configura como contraponto do messianismo. Em *Diário Confessional* (1949), o poeta provoca uma explosão da fé:

---

homem medieval levava duas vidas, uma oficial, séria e sombria e outra carnavalesca, livre, cheia de riso e profanada; e o homem se realizaria na segunda vida, a carnavalesca.

<sup>0</sup> *Goytacazes... Tupy, Or Not Tupy, In A South American Way!* Autores: Marquinho Lessa, Guga e Tuninho Professor.

<sup>0</sup> Do original: Rien de plus original, rien de plus *soi* que de se nourrir des autres. Mais il faut les digérer. Le lion est fait de mouton assimile. In Santiago, Silvano. "Cultura": Mais!, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/12/2000:7.

<sup>0</sup> O nosso subtítulo é uma brincadeira séria com o ocorrido em 12/10/1995, dia que os católicos brasileiros celebram Nossa Senhora Aparecida, quando o bispo Sérgio Von Helder, da Igreja Universal no Reino de Deus, um segmento do protestantismo pentecostal, desferiu, durante exibição de um programa na Rede Record de propriedade da igreja, socos e pontapés, além de violência verbal a uma imagem da santa, um dos principais símbolos do catolicismo brasileiro, fator de polêmica e comoção à época.

Enquanto não se esfacelar em sangue a espinha dorsal das certezas messiânicas, sob o aspecto do salvacionismo ou do ‘melhor dos mundos’, pagaremos caro nossas infantis ilusões, nossa crença e nosso amor. E seremos devorados na dialética do absurdo.

Contra o marxismo das igrejas (luta de classes entre o bem e o mal), a igreja do marxismo (fé incontestada dos militantes) e o messianismo próprio das ilusões salvacionistas, Oswald aludiu sobre a filosofia de Marx: *Esse outro materialismo, também teológico, de origem também semita, católico também porque universal – o marxismo – afirmou Oswald (11/04/1946, Telefonema, página 130).*

O problema da verdade encontra no filósofo Oswald de Andrade a tese da parcialidade. Para Oswald existe sempre uma soma e confronto de opiniões: *O próprio Cristo não soube responder à pergunta de Pilatos: - Que é a verdade? Porque a verdade é sempre uma afirmação interessada. A verdade sempre exprime uma opinião. E por isso que o mundo é um conflito entre verdades, ou se melhor quiserem, um conflito de opiniões<sup>0</sup>.* As verdades, para o nosso autor, produzem guerra, fome e ditadores.

Elemento tremendamente contraditório, Oswald utiliza-se da luta profética contra o messianismo ao proferir no seu Manifesto: *Só a antropofagia nos une.* Referindo de forma crítica e satírica ao brado de Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista: *Trabalhadores de todos os países, uni-vos.* (nota-se que Marx se exclui quando da utilização do pronome vós, enquanto Oswald se insere, na medida do uso do sujeito coletivo).



**Conside** ido se considerada a *possibilidade de atingir o impossível* (MACHADO, 2000:63), o limite da utopia. A sua literatura, no tempo de militância comunista, era voltada para as agruras dos despossuídos, como ficou claro nas suas obras de dramaturgia e no romance mural *Marco Zero*, no entanto, sua contemplação filosófica do mundo não exclui as suas preocupações do tempo do marxismo, apenas desloca o foco, da prática à tese.

Em suas memórias e confissões, observamos uma certa descrença em suas convicções e crença nos homens: *Como seria linda a vida se a compreensão, a inteligência e a sensibilidade dominassem as relações humanas!*<sup>0</sup>. O humanista Oswald também havia dito que *as ideologias são apenas máscaras de guerra* (Telefonema, 27/05/1947), frase que marca sua distância da ideologia comunista de outros tempos.

A realização da utopia da antropofagia não significaria o fim da história, podendo-se concluir como o fim do conflito dos homens e suas diversidades. A antropofagia é produto da dialética, como tal o processo não se encerra, sendo revivido a cada devoração, aponta um novo. É o que faz pensar o texto de Nunes (1979:48):

A sociedade ingressa na fase da utopia realizada. E a utopia, possibilidade de transformar a História em Natureza, de substituir o tempo linear dos acontecimentos pelo tempo cósmico

---

<sup>0</sup> 3 Linhas e 4 Verdades. In: *Telefonema*, pp 109-110.

e mítico da repetição, abrange, num só ordem, a cultura naturalizada e a natureza socializada.

Não o fim, mas o recomeço.

-----

Sendo uma *contribuição milionária de todos os erros* (Oswald de ANDRADE), apresentamos as trilhas incertas da pesquisa: tudo começou com uma inclinação pessoal, que vinha de tempos atrás, pela obra de Oswald de Andrade, e a mistura com sua personalidade a pesquisa não encontrou meios de evitar. Muito da biografia do escritor pode ser explicada pela sua obra, assertiva demonstrada pelos seus interpretadores e consagrada pela fortuna crítica. O projeto de pesquisa em nenhum momento pretendeu biografar Oswald de Andrade, mesmo porque isso já foi feito, e de forma muito boa. A intenção mesmo era inseri-lo no calor das conjunturas, num momento de muita importância para a história política do país, sob o governo ditador, e depois democrático de Getúlio Vargas, combinado com uma análise de sua obra pretensamente filosófica. O que se pretendia buscou-se cumprir, com problemas, é claro, mas significa fundamentalmente que o resultado, ainda em aberto, indica novas possibilidades de pesquisa, para esse e para outros historiadores.

---

<sup>0</sup> Um Homem sem Profissão, pp 103.

Oswald não é lido nos colégios, não é pautado nos critérios de clássico, mas a situação nesse aspecto de reconhecimento já foi pior para o autor, que vem tendo, nas últimas décadas, uma visibilidade mais acentuada - enquanto precursor da poesia concreta e de movimentos de vanguarda que transformaram a cultura brasileira, a partir dos anos 60 do século XX - pelo menos no que diz respeito às pesquisas acadêmicas, muito devido à recuperação de sua importante contribuição no campo da literatura e da política, e ainda mais recentemente no campo da história e da filosofia, mas isto se configura ainda uma distância muito grande para o autor se tornar reconhecido popularmente.

Talvez o grande mérito de Oswald tenha sido sua luta pela democracia e democratização do país (no seu esforço intelectual contra o perigo das representações do fascismo) combinando esse engajamento com uma escrita corrosiva e manifesta, tão caros ao autor. Oswald de Andrade acabou por ser reconhecido pelo seu conjunto de idéias, no caso específico da metáfora da Antropofagia, seu maior patrimônio.

O *front* expresso no título de nosso trabalho pode ser interpretado como a forma que Oswald conduziu sua vida a partir da crise da década de 1930, em guerra consigo e com o mundo. A utopia oswaldiana no formato de sua filosofia antropofágica seria a síntese da dialética da sua vida: de burguês bem jantado, como ele mesmo referiu, passando pela crise econômica e tempo de militância comunista.

Esse polemista *homem sem profissão* (poeta) foi muitas vezes mal compreendido, mas *só um pobre diabo sem importância é que poderá escapar à calúnia*, afirmou João do Rio. A pesquisa buscou contribuir para a compreensão da proposta oswaldiana, com ênfase no sentido da revelação da importância do pensamento antropofágico para a cultura brasileira. Para Paulo Leminski, Oswald de Andrade não se limitava ao pensar sobre a poesia, mas refletia sobre a cultura em geral.

A contribuição historiográfica desta pesquisa estaria na análise do caráter de historiador e filósofo de um poeta, investigação que também pretende se localizar no debate da inter-relação história-literatura, para a importância do ensaio e de um trabalho intelectual que estabelece correntes de diálogo com os variados cânones da academia, nos diversos saberes e seus múltiplos discursos.

**FONTES****“OBRAS COMPLETAS” DE OSWALD DE ANDRADE:**

*A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.

*Dicionário de Bolso*. São Paulo: Globo, 1990.

*Marco Zero – Chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

*Marco Zero - A revolução melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

*Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 1999.

*O homem e o Cavalo*. São Paulo: Globo, 1990.

*O Rei da Vela*. São Paulo: Abril, 1990.

*O Santeiro do Mangue e Outros Poemas*. São Paulo: Globo, 1991.

*Os Condenados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

*Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

*Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

*Ponta de Lança: polêmica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

*Serafim Ponte Grande*. São Paulo, Círculo do Livro, 1988.

*Telefonema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

*Um Homem sem Profissão – Sob as Ordens de Mamãe*. São Paulo: Globo, 1990.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. SOBRE OSWALD DE ANDRADE

ALVIM, Francisco. *O Manguê de Segall e Oswald*. In: *O Santeiro do Manguê*. São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

ANDRADE, Rudá de. *Carta a Antonio Candido*. 09 de agosto de 1970.

ANDRADE, Sérgio Augusto de. *Pinto Calçudo ou Os Últimos Dias de Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Siciliano, 1991.

ARRUDA, Maria Eunice Furtado. *Uma Aprendizagem da Antropofagia*. In: *Revista de Letras*, Fortaleza: UFCE, 1987, No. 12.

ATEM, Reinoldo. *O Ser e a Linguagem em Fragmentos Oswaldianos*. In: *Revista Fragmenta*. Curitiba: UFPR, 1990.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *Apresentação*. In: *Revista Remate de Males*. IEL-UNICAMP, 1986, no. 6.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *Um Dicionarista Antropófago*. In: *Dicionário de Bolso*. São Paulo: Globo, 1990. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

BOMENY, Helena. *Impressões sobre um Historiador Literato*. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1995, no. 42.

BRITO, Mário da Silva. *As metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1972.

BRITO, Mário da Silva. *O Santeiro do Manguê*. In: *O Santeiro do Manguê*. São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Caminha*. São Paulo: Lilivros, 2000.

CAMPOS, Augusto de. *Música Popular de Vanguarda no Brasil*. In: Revista de Letras. Universidad de Puerto Rico en Mayagüez, 1969.

CAMPOS, Haroldo de. *Arte pobre, tempo de pobreza, poesia menos*. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAMPOS, Haroldo de. *Lirismo e Participação*. In: *O Santeiro do Mangue*. São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

CAMPOS, Haroldo de. *Miramar na Mira*. In: *Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 1999. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

CAMPOS, Haroldo de. *Serafim: Um Grande não-livro*. In: *Serafim Ponte Grande*. São Paulo, Círculo do Livro, 1988.

CAMPOS, Haroldo de. *Uma Poética da Radicalidade*. In: *Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

CANDIDO, Antonio. *Oswald, Oswald, Óswald*. In: *Um Homem Sem Profissão – Sob as Ordens de Mamãe*. São Paulo: Globo, 1990. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

CANDIDO, Antonio. *Prefácio Inútil*. In: *Um Homem Sem Profissão – Sob as Ordens de Mamãe*. São Paulo: Globo, 1990. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CARUSO, Carla. *Oswald de Andrade*. São Paulo, Callis, 2000.

CHALMERS, Vera Maria. *A crônica humorística de O Pirralho*. In: Revista de Letras – Universidade Estadual Paulista. São Paulo: UNESP, 1990. V. 30.

CHALMERS, Vera Maria. *O Fio da Meada – Um estudo da crítica de Antonio Candido sobre Oswald de Andrade*. In: *Dentro do Texto, Dentro da Vida: ensaios sobre Antonio Candido*. SP: Cia das Letras.

CHALMERS, Vera Maria. *Passagem do Inferno*. In: *O Santeiro do Manguê*. São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da História Literária*. Lisboa: Edições Ática, 1961.

CORREA, José Celso Martinez. *A Guinada de José Celso. Entrevista a Tite de Lemos*. In: *Revista da Civilização Brasileira*, 1968.

COSTA, Marta Morais da. *Construção e Destruição na Dramaturgia de Oswald de Andrade e Nelson Rodrigues*. In: *Revista de Letras*, Curitiba: UFPR, 1973.

DANTAS, Vinicius. *Oswald de Andrade e a Poesia*. *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1991, no. 30.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald - Itinerário de um Homem sem Profissão*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

FERREIRA, Antonio Celso. *Um Eldorado Errante – São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

FERREIRA, Antonio Celso. *História que se Fragmenta Oswald de Andrade, Marco Zero*. *Revista da UNESP*. São Paulo, 1991.

FONSECA, Maria A. *Oswald de Andrade – 1890-1954 – Biografia*. São Paulo: Art Editora; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

FONSECA, Cristina (Org.). *O Pensamento Vivo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Martin Claret, 1987.

HELENA, Lucia. *Totens e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFF, 1985.

HELENA, Lucia. *Uma literatura antropofágica*. Fortaleza: UFC, 1983.



JACKSON, Kenneth David. *Bibliografia Oswald de Andrade*. In: Revista de Letras, v. 30, São Paulo: UNESP, 1990.

LACERDA, Geysa Telma Couto de. *São Paulo nos Anos 30: Teatro e História em Oswald de Andrade*. Dissertação de Mestrado. UNESP: Franca, 1997.

LEITE, Roberto de Paula. *Oswald de Andrade filósofo?* In: Revista Brasileira de Filosofia, v. 30.119 (jul.-set. 1980): 289-96.

MAGALDI, Sábato. *A Mola Propulsora da Utopia*. In: *O Homem e o Cavalo*. São Paulo: Globo, 1990. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *A América Devora o Mundo*. In: *Contra Leviatã, Contra a História*. São Paulo: 1994. Tese (Doutorado) FFLCH/USP.

NUNES, Benedito. *Antropofagia ao alcance de todos*. In: *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Oswald de Andrade em francês*. In: *Inútil Poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIGNATARI, Décio. *Tempo: Invenção e Inversão*. In: *Um Homem sem Profissão – Sob as Ordens de Mamãe*. São Paulo: Globo, 1990. (Obras Completas de Oswald de Andrade).

PRADO, Paulo. *Poesia Pau-Brasil*. In *Poesias Reunidas* (Oswald de Andrade – Obras Completas – VII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ROSA, Fátima Regina da. *Primeiro de Abril – narrativa antropófaga*. In: Revista Anuário de Literatura. Florianópolis: UFSC, 1994, n. 2.

ROSENBAUM, Yudith. *O Homem do Pau-Brasil*. In: Revista Leia. São Paulo: Editora Jorvês, 1990. No. 135.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p.89-112.

VERONA, Tânia. *Uma Leitura Possível dos Manifestos Pau-Brasil e Antropófago: o significado da cultura popular*. Dissertação de Mestrado. UNESP: Araraquara, 1997.

## 2. GERAL.

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

AMARAL, Aracy. *Tarsila: Sua Obra e Seu Tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ANDRADE, Mario de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, sem data.

BACHTIN, Mikhail M. *Questões de Literatura e Estética (A teoria do romance)*. São Paulo: Editora da UNESP/Hucitec, 1988.

BACHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na idade média e no renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo Editora da UNB/Hucitec, 1987.

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BENATTI, Antonio Paulo. *História, Ciência, Escritura e Política*. In: RAGO, Margareth e OLIVEIRA, Renato Aloizio de (Orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Cadernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

BOJUNGA, Claudio. *JK O artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- BORGES, Jorge Luis. *O pensamento vivo de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1987.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *Sobre a Fisionomia Intelectual do Partido Comunista (1945-1964)*. In: Revista Lua Nova no. 15. São Paulo: Cedec, 1988.
- BURKE, Peter. *A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa*. In: A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.): *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO JR, Hélio Rebello. *Tramas de Clio – Convivência entre Filosofia e História*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.
- CARVALHO, João Carlos de. *Romance Histórico e Discurso da História*. In: Revista Littera n. 1. São Luís, 2000.
- CARONE, Edgar. *Brasil – anos de crise 1930-1945*. São Paulo: Ática, 1991.
- CAPEAUX, Otto Maria. *As Revoltas Modernistas na Literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; RJ: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Literatura e História*. In: Topoi: Revista de História – Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (2000: N. 01).
- DE CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

- D'OLIVEIRA, Armando Mora. *Wittgenstein: Vida e Obra*. In: *Wittgenstein*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).
- DE MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- FABRIS, Annateresa (org.). *Modernidade e Modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.
- FERREIRA, Jorge Luis. *O Carnaval da Tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto*. In: *Vargas e a Crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Prefácios Desgarrados*. FONSECA, Edson Nery da (Org.). Rio de Janeiro: Cátedra/MEC, 1978.
- GAY, Peter. *O Estilo na História – Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, Angela de Castro. *A Política Brasileira em Busca da Modernidade: na Fronteira entre o Público e o Privado*. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.
- HEGEL. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).
- HELENA, Lucia. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*. São Paulo: Ática, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

- KIERKEGAARD. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).
- LAFETÁ, João Luiz. *Mário de Andrade – Literatura Comentada*. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*. Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972.
- LEVI, Giovanni. *Sobre a Micro-História*. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- LUCAS, Fábio. *Literatura e História: História da Literatura*. In: Revista de Letras. São Paulo: UNESP, 1982, no. 22.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas Paulistanas – Brás, Bexiga e Barra Funda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MAIA, Raíssa Emir Vieira. *Carlos Gomes: Literatura e História*. Fortaleza: UFCE, 1997, no. 1/2.
- MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. In: Revista Fragmenta, n.16, p-25-33. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.
- MARTINS, Wilson. *A Literatura Brasileira - O Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- MONTAIGNE. São Paulo: Nova Cultural, 1996.(Col. Os Pensadores).
- MORAES, Denis & VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e Autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORAES, Eduardo Jardim de. *Modernismo Revisitado*. In: Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Vértice, 1988, v. 1, n. 2.

MORSE, Richard. *A volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus – um elogio do ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

RAGO, Margareth. *O anarquismo e a história*. In: PORTO CARRERO, Vera e BRANCO, Guilherme Castelo (Org.). *Sobre Foucault*. Rio de Janeiro: Ed. Nav., 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

SKIDIMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

TUFANO, Douglas. *Estudos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Moderna, 1983.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Portugal: Edições 70, 1971.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia – Escritores e Atores da História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

WHITE, Hayden. *Meta-História – a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

WITTGENSTEIN. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

WOLFE, Joel. “Pai dos pobres” ou “Mãe dos ricos”? *Getúlio Vargas: industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954*. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 14. n. 27. São Paulo: ANPUH, 1994.

WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

### **3. CONSULTA A ARQUIVOS**

CEDAP – Unesp-Assis.

CEDAE/IEL/UNICAMP-Fundo Oswald de Andrade.